

*OS JARDINS DE RECREIO EM PORTO ALEGRE/RS:  
uma análise da relação entre a política pública e a constituição de uma Educação na  
República (1920 a 1950)*

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
NÍVEL MESTRADO**

**FABIANA GAZZOTTI MAYBORODA**

**OS JARDINS DE RECREIO EM PORTO ALEGRE/ RS:  
uma análise da relação entre a política pública e a constituição de uma  
Educação na República (1920 a 1950)**

**São Leopoldo**

**2017**

Fabiana Gazzotti Mayboroda

OS JARDINS DE RECREIO EM PORTO ALEGRE/ RS:

uma análise da relação entre a política pública e a constituição de uma Educação na República (1920 a 1950)

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Luciane Sgarbi Grazziotin

São Leopoldo

2017

M467j Mayboroda, Fabiana Gazzotti.

Os Jardins de Recreio em Porto Alegre/RS: uma análise da relação entre a política pública e a constituição de uma Educação na República (1920 a 1950) /Fabiana Gazzotti Mayboroda.

. – 2017.

149 f. : il.; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2017.

“Orientador(a): Profa. Dra. Luciane Sgarbi Grazziotin.”

1. História da Educação. 2. Jardins de Recreio. 3. Higienismo. 4. Praças e Parques Públicos.I. Título.

CDU 37

Fabiana Gazzotti Mayboroda

OS JARDINS DE RECREIO EM PORTO ALEGRE/RS:

uma análise da relação entre política pública e a constituição de uma Educação na República (1920 a 1950)

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Aprovado em 21 de fevereiro de 2017

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Dóris Bittencourt Almeida – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof. Dr. Rodrigo Manoel Dias da Silva – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

---

Profa. Dra. Luciane Sgarbi Grazziotin – Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
(orientadora)

Dedico esta dissertação, com amor e gratidão, à minha família. Ao Alecsey Tamas que, numa permanente atmosfera poética, ensinou-me a sonhar e ao mesmo tempo ser realista; à Daisy Taissa, que me incentiva a caminhar sempre, mesmo cansada; ao Marco Valentin, a qual o olhar curioso e sedento de futuro, acompanha-me em todos os lugares sempre com um sorriso no rosto e ao Leandro Forell, a qual sem a presença meu mundo seria menos colorido, menos intenso, menos feliz.

## É O MOMENTO DE AGRADECER

A realização desta pesquisa não seria possível sem as relações de cuidado e afeto que foram sendo constituídas do início ao fim do processo. Assim, é chegada a hora de saber parar, refletir sobre o percurso realizado e agradecer as pessoas que de alguma forma contribuíram para a realização desta Dissertação. E é por todos os laços que foram construídos ou aprimorados que me sinto feliz em poder agradecer.

Primeiramente, a minha querida orientadora, que me apresentou de forma carinhosa e profunda a filha de Mnemosine e Zeus, a deusa Clio (História). Durante esses dois anos de convivência, foram muitos os momentos de escutas, de conversas, de aprendizagens e de estudos. Sinto-me privilegiada por ter sido sua orientanda e por ter convivido com o grupo de pesquisa. Obrigada por ensinar com muita generosidade e rigidez.

Aos professores Dóris Bittencourt Almeida e Rodrigo Manoel Dias da Silva, por terem aceitado o convite para contribuir neste momento tão especial da minha formação acadêmica. Os pareceres escritos para o Projeto de Dissertação foram muito importantes e ajudaram-me a decidir as rotas da pesquisa. Agradeço pela gentileza e pela solidariedade acadêmica dos escritos deixados.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela concessão da bolsa de estudos, fundamental para a realização desta pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em especial à professora Maura Corcini Lopes, por ter coordenado o Programa de maneira irretocável com olhar afetuoso.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação, pela atenção, generosidade e disponibilidade mostradas no decorrer do curso.

As funcionárias da secretaria do Programa de Pós-Graduação, em especial Caroline Carlet Azambuja e Loinir Nicolay, pela disposição e empenho em ajudar a resolver todas as dúvidas e os problemas encontrados.

Aos colegas que fizeram parte do grupo de pesquisa “Educação no Brasil: memória, instituições e cultura escolar”, durante estes dois anos- Ariane dos Reis Duarte, Deise Margô Müller, Estela Brito, Jeferson Luís Marinho de Carvalho, José Edimar de Souza, Luciana Vivian da Cunha, Maria das Dores Frazão, Raquel Frazão e Ranyelle Foro. Meus sinceros agradecimentos por todas as contribuições refletidas na escrita desta Dissertação. Agradeço por tudo que aprendi, pelos encontros

produtivos, pelas sugestões e apoio, sem os quais o caminho percorrido seria mais árduo.

Aproveito também para agradecer carinhosamente a três professoras muito especiais que fizeram parte da minha vida e que foram fundamentais para que eu escolhesse seguir estudando. Agradeço às queridas Denise Arina Francisco, Margareth Fadanelli Simionato e a Luciane Torezan Viegas, que contribuíram imensamente para a minha formação ainda no período da graduação na Universidade Feevale. Agradeço por todos os conhecimentos construídos, pelo carinho e por serem inspiração em minha vida.

As minhas queridas amigas Cátia Silene Morera, Deise Enzweiler e Soraia Tomasel, amizade iniciada nos bancos da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Obrigada por todos os momentos de terapia coletiva, de almoços e cafés regados a choros e risos. Agradeço a tradução atenta e cuidadosa do resumo realizada pela Soraia, em um momento crítico de nossas vidas! Obrigada, também, pela acolhida, pelas conversas sinceras e por permitirem que a nossa amizade siga, para além da academia.

Aos colegas de Programa de Pós-Graduação Renata Scherer e Pedro Witches, por se tornarem amigos de jornada. Agradeço pelo companheirismo demonstrado nas aulas, nos corredores e nas viagens.

Aos professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mauro Myskiw e Marco Paulo Stigger, por terem me proporcionado a convivência com o Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF). Agradeço pelos encontros de estudos, sempre produtivos. É enriquecedor poder compartilhar momentos com um grupo de pesquisadores deste gabarito. Obrigada também, pela oportunidade de frequentar uma disciplina na Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Dança do Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano. As sextas-feiras à tarde foram essenciais para a escrita desta Dissertação.

Ao Grupo de Estudo em Práticas Corporais (GEPRACO) da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, em especial a Taiana Valêncio e a Amanda Pires. Nossos encontros aos sábados pela manhã foram enriquecedores nesse processo.

A querida Marli Forell, minha sogra, pelo enorme incentivo. Obrigada por cuidar de uma das minhas jóias mais preciosas, meu caçula, quando precisava estudar, ler, refletir ou simplesmente descansar. Foi por causa da sua ajuda incondicional que esta Dissertação tornou-se possível.

Aos meus queridos Caio Gazzotti Mayboroda e Kamila Lockmann, pelo incentivo e carinho sempre demonstrados. Aos meus pais Tereza Cristina Gazzotti Mayboroda e Valentin Mayboroda pelo apoio.

Agradeço imensamente aos meus filhos. Os três – Alecsey Tamas, Daisy Taissa e Marco Valentin – contribuíram, cada um a sua maneira, para que tivesse força e foco para terminar a pesquisa. Ao agradecer, peço desculpas, pois muitas vezes estive somente fisicamente ao lado de vocês!

Agradeço imensamente ao meu querido amor Leandro Forell. Meu grande companheiro, que nunca deixou de me respeitar e estimular, compartilhando as preocupações, cuidando da casa, fazendo pequenos e grandes agrados. Agradeço por cada segundo destes dezesseis anos de convivência. Sem a sua presença e ajuda tudo isso não teria sido possível. Obrigada por compreender meus momentos de ausência e por amenizar minhas angústias.

E, por fim, a todos que, de certa forma, compartilharam comigo questionamentos após a apresentação de fragmentos desta pesquisa em diferentes lugares, produzindo inquietação e desassossego.

O homem a passeio lamenta a perda da alameda onde costumava tomar ar fresco e se aflige ao ver desaparecer mais um detalhe pitoresco que o ligava a esse quarteirão. Um outro habitante, para quem esses velhos muros, essas casas decrépitas, essas passagens escuras e essas ruas sem saída, faziam parte de seu pequeno universo, e cujas lembranças se ligam a essas imagens, agora apagadas para sempre, sente que toda uma parte de si mesmo está morta com essas coisas e lamenta que elas não tenham durado pelo menos tanto tempo quanto lhe resta para viver.  
(HALBWACHS, 1990, p. 137).

## RESUMO

Este estudo versa sobre uma política pública instituída em algumas praças, a partir da década de 1920, denominada Jardins de Recreio. O objetivo deste estudo foi identificar quais foram as condições para a implementação dos Jardins de Recreio, bem como a criação do Serviço de Recreação Pública, na cidade de Porto Alegre e as suas interfaces educativas no processo de constituição de um sujeito pautado por uma Educação na República. Nesse sentido, o foco de análise foi o de construir uma trajetória histórica dos Jardins de Recreio alinhando com a vida do professor Frederico Guilherme Gaelzer. A pesquisa, de natureza qualitativa, fundamentou-se na análise documental a partir de documentos escritos (diário, leis, decretos, documentos oficiais e demais documentos impressos e manuscritos), orais (depoimentos) e iconográficos (imagens, mapas e planta), os quais foram concebidos como “monumentos”, no sentido que trata Le Goff, analisando como um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças. Partindo do referencial da História Cultural, à luz de teóricos como Roger Chartier e Michel de Certeau, a análise está estruturada em duas dimensões. Primeiro, fundamentada pela interface da Teoria Configuracional, operacionalizada a partir da obra de Norbert Elias, o estudo é conduzido no sentido de analisar as redes de interdependência de Frederico Gaelzer e a sua relação com a criação dos Jardins de Recreio e o Serviço de Recreação Pública. Em segundo, analisa as condições de instauração e funcionamento dos Jardins de Recreio em sua função educadora e seus desdobramentos com a urbanidade. Assim, foi possível compreender, através da análise dos dados empíricos, que os Jardins de Recreio, instituídos nas praças e parques públicos da cidade, constituíram-se para além de espaços de sociabilidade e lazer dos portoalegrenses. Havia uma intenção pedagógica fomentada pelas modificações urbanas, pelo discurso higienista e civilizatório deflagrados pela modernidade.

**Palavras-chave:** História da Educação. Jardins de Recreio. Higienismo. Praças e Parques Públicos.

## **ABSTRACT**

This study deals with a public policy instituted in some squares, from the decade of 1920, denominated Gardens of Recreation. The objective of this study was to identify the conditions for the implementation of the Recreation Gardens, as well as the creation of the Public Recreation Service in the city of Porto Alegre and its educational interfaces in the process of constitution of a subject ruled by an Education in Republic. In this sense, the focus of analysis was to build a historical trajectory of the Recreation Gardens aligning with the life of Professor Frederico Guilherme Gaelzer. The qualitative research was based on documentary analysis based on written documents (diary, laws, decrees, official documents and other printed documents and manuscripts), oral (testimonials) and iconographic (images, maps and plant), which were conceived as "monuments", in the sense that Le Goff treats, analyzing as a product of society that made it according to the relations of forces. In the light of theorists like Roger Chartier and Michel de Certeau, the analysis is structured in two dimensions. First, based on the interface of the Configurational Theory, operationalized from the work of Norbert Elias, the study is conducted in order to analyze the networks of interdependence of Frederico Gaelzer and its relation with the creation of the Recreation Gardens and the Public Recreation Service. Second, it analyzes the conditions for the establishment and operation of the Playgrounds in their educational function and its developments with urbanity. Thus, it was possible to understand, through the analysis of the empirical data, that the Gardens of Recreation, established in the squares and public parks of the city, were constituted beyond spaces of sociability and leisure of the Porto Alegre inhabitants. There was a pedagogical intention fostered by the urban modifications, by the hygienist and civilizing discourse triggered by modernity.

**Keywords:** History of Education. Playgrounds. Hygiene. Squares and Public Parks.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Reportagens selecionadas do jornal <i>A Federação</i> .....	30
Quadro 2 - Reportagens selecionadas do <i>O Jornal</i> .....	31
Quadro 3 - Depoimentos selecionados .....	32
Quadro 4 - Relação dos documentos.....	34
Quadro 5 - Diretoria da Associação dos Especializados em Educação Física e Desportos do Rio Grande do Sul.....	41

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Revisão das teses e dissertações .....	132
Tabela 2 – Revisão dos artigos em periódicos.....	143

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Frederico Guilherme Gaelzer, 1920.....	49
Figura 2 – Visto Consular de Frederico Gaelzer .....	51
Figura 3 - Praça Alto da Bronze, 1929.....	65
Figura 4 - Planta da cidade, 1906. ....	70
Figura 5 - Plano Geral de Melhoramentos, 1914.....	75
Figura 6 - Beco do Rosário, em 1920 e Avenida Otávio Rocha (antigo Beco do Rosário), em 1926.....	76
Figura 7 - Plano da <i>Ágora</i> de Atenas em suas diferentes fases.....	82
Figura 8 - Planta dos Fóruns Imperiais Romanos. ....	83
Figura 9 - Piazza del Campo e Piazza del Cathedral, Siena.....	84
Figura 10 - Cidade de Palma Nova .....	85
Figura 11 - Piazza del Campidoglio.....	86
Figura 12 - Place de L'etole, Paris. ....	87
Figura 13 – Secção de Praças e Parques, 1964.....	105
Figura 14 - Planta do Jardim de Recreio Tipo 1 .....	107

## LISTA DE SIGLAS

ABE	Associação Brasileira de Educação
ACM	Associação Cristã de Moços
AEEFD	Associação dos Especializados em Educação Física e Desportos
ASPHE	Associação Sul-Riograndense de Pesquisadores em História da Educação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CBV	Confederação Brasileira de Voleibol
CEED	Conselho Estadual de Educação
CEME	Centro de Memória do Esporte
CIAMs	Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna
CIEPs	Centros Integrados de Educação Pública
CME	Conselho Municipal de Educação
ESEFID	Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança
EUA	Estados Unidos da América
HAB	Habitantes
HISTEBR	História, Sociedade e Educação no Brasil
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos
JIRGS	Jogos Intermunicipais do Rio Grande do Sul
KM <sup>2</sup>	Quilômetro Quadrado
LAPA	Liga Atlético Porto-Alegrense
LARG	Liga Atlético Rio-Grandense
MNEME	Revista de Humanidades
OBEDUC	Observatório de Educação
PRR	Partido Republicano Rio-Grandense
RBCE	Revista Brasileira de Ciência do Esporte
RBHE	Revista Brasileira de História da Educação
RS	Rio Grande do Sul
SMS	Secretaria Municipal de Saúde
SRP	Serviço de Recreação Pública
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## SUMÁRIO

<b>1 PLANEJANDO O PERCURSSO: SE FAZ CAMINHO AO ANDAR .....</b>	<b>15</b>
<b>2 PROPOSIÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS .....</b>	<b>27</b>
<b>3 FREDERICO GUILHERME GAELZER: RECREAÇÃO NO CONTEXTO URBANO .....</b>	<b>44</b>
3.1 FREDERICO GAELZER: UM ENSAIO BIOGRÁFICO .....	47
<b>4 “A MINHA CASA FICA LÁ DETRÁS DO MUNDO” .....</b>	<b>63</b>
4.1 OS ESPAÇOS URBANOS DE CONVIVÊNCIA.....	76
<b>5 OS JARDINS DE RECREIO: LÓCUS CIVILIZATÓRIO NO ESPAÇO URBANO .</b>	<b>92</b>
<b>6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA CONCLUIR.....</b>	<b>112</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>117</b>
<b>APÊNDICE A – REVISÃO DE LITERATURA (TESES E DISSERTAÇÕES).....</b>	<b>132</b>
<b>APÊNDICE B – ORGANIZAÇÃO DOS RESUMOS - ARTIGOS .....</b>	<b>143</b>

## 1 PLANEJANDO O PERCURSSO: SE FAZ CAMINHO AO ANDAR

[...] Caminante, son tus huellas  
el camino y nada más;  
caminante, no hay camino,  
se hace camino al andar.

Al andar se hace camino  
y al volver la vista atrás  
se ve la senda que nunca  
se ha de volver a pisar.

Caminante no hay camino  
sino estelas en la mar...

Hace algún tiempo en ese lugar  
donde hoy los bosques se visten de espinos  
se oyó la voz de un poeta gritar  
Caminante no hay camino,  
se hace camino al andar.  
(Cantares, Antônio Machado)

Nesse processo de escrita, Antônio Machado me inspira a compreender que nossas vidas são constituídas de caminhos e que, na maioria das vezes, não há certeza sobre o nosso destino. Cabe-nos, sobretudo, fazer escolhas. Por isso, nossas vidas são resultados das possibilidades e dos acontecimentos desse processo de escolha.

Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Educação para fazer o mestrado percebi que, enquanto a grade curricular e as disciplinas contam a história do meu destino, esta dissertação conta a história dos meus caminhos. Assim, esta introdução tem a intenção de descrever fatos de minha vida relacionados com o tema de pesquisa e, em especial, com a História da Educação.

Gostaria de ressaltar que as trajetórias de vida não são uma linha reta; os imponderáveis da vida cotidiana, o caminhar, portanto, fazem a estrada ser tão importante quanto o destino final. Logo, durante a constituição desta escrita, fiz algumas reflexões sobre quais foram os sentidos e significados que me levaram a escolher pesquisar História da Educação. O foco desta pesquisa se constituiu a

partir de uma inquietação<sup>1</sup>, de uma curiosidade provocada durante a formação em nível de especialização. Nessa caminhada, iniciada na especialização, quis mergulhar por novos mares, diferentes da Pedagogia com ênfase em Supervisão e Administração Escolar, no qual sou formada. Aproximei-me da pesquisa de cunho historiográfico para investigar os “canteiros do passado<sup>2</sup>” da cidade de Porto Alegre.

Quando iniciei o processo de escrita, ao pensar sobre um problema e os objetivos desse projeto, construí uma ponte entre as experiências do passado e as perspectivas de futuro. Portanto, é interessante relatar um pouco da minha trajetória para que se possa compreender as escolhas realizadas.

Em nível Ensino Médio, fiz o curso de Magistério e lecionei desde muito cedo. Nesse período, busquei conhecer a história dos alunos, bem como a história do bairro onde a instituição escolar estava inserida. Assim, trabalhei na monografia<sup>3</sup> com a história do Conselho Municipal de Educação de Novo Hamburgo, o mais antigo do Brasil. Já se iniciava, dessa forma, uma incursão pelo terreno da História.

Trabalhei no município de Novo Hamburgo por onze anos. Durante esse período, fui professora alfabetizadora e professora de Sala de Recursos

---

<sup>1</sup> Durante o curso de Especialização em Educação Integral e Integrada na Escola Contemporânea, realizado na Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, causava-me um certo estranhamento os diversos atendimentos nas praças da cidade, oferecidos pela Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer. Atualmente são ofertadas atividades: no Centro de Comunidade da Vila Floresta, no Centro de Comunidade Parque Madepinho, no Centro de Comunidade Restinga, no Centro Comunidade Vila Elizabeth, no Centro de Comunidade George Black, no Centro de Comunidade Primeiro de Maio, no Centro Comunitário Vila Ingá, no Parque Alim Pedro, no Parque Ararigbóia, no Parque Germânia, no Parque Mascarenhas de Moraes, no Parque Moinhos de Vento (Parcão), no Parque Ramiro Souto (Redenção), no Parque Tamandaré, no Parque Tenístico José Montaury, na Praça Darcy Azambuja e na Praça Edgard Graeff. A relação dos porto-alegrenses com as praças e parques da cidade é intensa. Tal intensidade é demonstrada através dos planos de governo dos principais candidatos à Prefeitura Municipal no ano de 2016. Os dois candidatos que disputaram o segundo turno trouxeram para o debate com a comunidade, propostas para esses espaços.

Para saber mais: <<http://eleicoes.uol.com.br/2016/noticias/2016/09/30/veja-as-propostas-dos-principais-candidatos-a-prefeito-de-porto-alegre.htm>>.

<sup>2</sup> Utilizo a expressão cunhada no título do livro de Boutier e Julia (1998): Passados recompostos: campos e canteiros da história. Nesse livro, os autores referem-se a verdade como algo parcial, imperfeita, por vezes satisfatória. E acrescentam: “não há trabalho histórico sem produção erudita de dados, apoiada em documentos que não podem assumir um sentido qualquer, ao sabor da subjetividade ou parcialidade do historiador. Mas nem por isso este abdicou de sua verdadeira ambição, que é a de dar sentido aos processos históricos”. (p. 51).

<sup>3</sup> No ano da escrita do Trabalho de Conclusão de Curso, o Conselho Municipal de Educação de Novo Hamburgo estava constituindo o Sistema de Ensino do município. Até 2005, o Conselho Municipal ainda submetia suas funções ao Conselho Estadual de Educação (CEED), tais como: normatizar, deliberar e fiscalizar. Em 2005 criou-se o Sistema Municipal de Ensino. Portanto, nesse período, fui imbuída de realizar uma construção histórica do Conselho Municipal (CME) mais antigo do país, que foi fundado ainda na década de 1930. (NOVO HAMBURGO, 2008).

Multifuncional<sup>4</sup>, além de exercer o cargo de coordenadora pedagógica e assessora da Secretaria de Educação. Com o trabalho na coordenação pedagógica, fui inserida em uma prática antes pouco conhecida: a coordenação do Programa Mais Educação<sup>5</sup>, no âmbito escolar. No ano de 2011, minha escola aderiu ao Programa, oportunizando a aproximação com contextos e vivências sociais anteriormente desconhecidos. Diversas situações de cunho pedagógico e no âmbito das políticas públicas fizeram-me ampliar o olhar para uma educação não escolar. Para Moura e Zucchetti (2010, p.639) “[...] a educação não se reduz apenas à aquisição de conhecimentos e habilidades necessárias para a formação da força de trabalho, mas é resultado da ação humana e dos artefatos culturais que fazem parte da nossa herança civilizatória ocidental, hegemônica.” Nessa perspectiva, aprofundi meus estudos na Educação Integral.

Durante esse mesmo período, a Secretaria de Educação do município fomentava a prática da pesquisa socioantropológica nas escolas. Logo, instiguei nos professores a curiosidade sobre a história da escola e do bairro Canudos. A única fonte de informações a esse respeito retratava o bairro de uma forma preconceituosa, e os alunos não se identificavam com o conteúdo descrito. A partir dessa constatação, iniciou-se o processo de construção da história da escola e do bairro. Entrevistamos as primeiras professoras e os primeiros alunos e construímos os mais diversos tipos de documentos. A pesquisa aconteceu durante dois anos; porém, infelizmente, ela não foi concluída. Há, na escola, todos os documentos reunidos e todas as entrevistas; contudo, não houve um prosseguimento da atividade, de forma que esses dados fossem sistematizados e analisados.

Ainda no que diz a respeito à minha formação acadêmica, em relação a essa dissertação, no ano de 2013, participei do grupo de pesquisa denominado “Práticas de educação em espaços não escolares e os processos educativos desencadeados”, financiado pela Capes/Observatório de Educação – OBEDUC,

---

<sup>4</sup> Durante um ano realizei o atendimento educacional especializado, na Sala de Recursos Multifuncional em uma escola. Nesse atendimento alguns dos encargos eram: identificar as necessidades educacionais específicas dos alunos, definir os recursos necessários e as atividades a serem desenvolvidas e um cronograma individual de atendimento. Para saber mais: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=428-diretrizes-publicacao&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=428-diretrizes-publicacao&Itemid=30192)>.

<sup>5</sup> Trabalhei em uma escola que aderiu ao Programa do Governo Federal. Durante a execução do Programa, dividi a função de coordenadora institucional com outra colega. Era necessário: coordenar, planejar e acompanhar as atividades ofertadas; selecionar os monitores e realizar o acompanhamento pedagógico das turmas.

instituído pela Universidade Feevale e coordenado pela Professora Doutora Dinorá Tereza Zucchetti. Fui bolsista professora de Educação Básica e os esforços, no primeiro momento, foram no sentido de realizar uma revisão teórica acerca dos documentos e legislações que regem o Programa Mais Educação, com o objetivo de conhecer como a cidade de Novo Hamburgo implementou o Programa. Foi motivador pesquisar a cidade que possui um discurso vanguardista de educação, seja pela inovação na informática educativa<sup>6</sup>, seja pela ampliação de jornada escolar.

Durante todo o processo interessei-me, cada vez mais, pela História. No ano de 2013, ao realizar o Trabalho de Conclusão de Curso da Especialização, cresceu a vontade de conhecer algumas experiências de Educação Integral na História.

Pode causar estranhamento uma pedagoga interessar-se em investigar uma política pública acontecida nas praças públicas, no início do século XX, pois os estudos na minha área de formação ocupam-se, em sua maioria, em discutir sobre didática, metodologias, processos de ensino-aprendizagem, relação professor-aluno, processos de inclusão, entre outros. Em relação a esse aspecto, faço minhas as palavras de May (2004), pois

Acredito que realizar uma pesquisa historiográfica é reconhecer que as sociedades foram e são compostas por diferentes tempos e espaços. Para tanto, a história como uma disciplina em si, forneceu-nos um sentido sobre o nosso 'passado' e, com isso, sobre as maneiras nas quais o nosso 'presente' veio a existir. A natureza das relações sociais, políticas e econômicas passadas está lá para que vejamos, através de atos de pesquisa histórica que nos permitem refletir sobre as questões contemporâneas. (MAY, 2004, p. 206-207).

Portanto, refletir sobre o Programa Mais Educação levou-me a pesquisar sobre as evidências e experiências históricas que fomentaram a ampliação da jornada escolar. Os resultados me direcionaram ao teórico Anísio Teixeira e as suas Escolas-Parques/Escolas-Classe e a Darcy Ribeiro e os seus CIEPs (Centros Integrados de Educação Pública).

As iniciativas desses dois teóricos são referência na Educação, principalmente Anísio Teixeira, que, em 19 de março de 1932, data da publicação do

---

<sup>6</sup>Para saber mais: SOMMER, Luís Henrique. Projeto Agora: a produção de uma cultura informatizada. <[http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2000/Gestao\\_e\\_Politicass/Comunicacao/11\\_11\\_11\\_4061.pdf](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2000/Gestao_e_Politicass/Comunicacao/11_11_11_4061.pdf)>.

Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova<sup>7</sup>, destaca a importância da educação básica, visto que, “entre todas as bandeiras defendidas, o mais estrelado lábaro do Manifesto é o da defesa de uma escola única, pública, gratuita, obrigatória e, principalmente, laica, para que todos os brasileiros, sem distinção de origem, tenham acesso a uma educação de qualidade”. (RIBEIRO, 2015, p.14). É importante ressaltar que, apesar de as reivindicações do Manifesto dos Pioneiros não terem sido inseridas na Constituição de 1934, houve um acréscimo da participação dos educadores na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, publicada pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP). (FONSECA, 2011).

A Educação Integral é um termo polissêmico, apresentando diversos conceitos. No Brasil, a referência nos remete, aproximadamente, ao ano de 1932. Signatários do Manifesto de 1932 visavam à melhoria do processo educacional nacional baseado em um tripé: ampliação do acesso escolar, educação laica e pública de qualidade. Anísio inicia sua luta a favor da melhoria da qualidade de ensino através da Educação Integral, pois reconhece a múltipla repetência e, conseqüentemente, a evasão escolar. O pensador conclui que a escola tradicional é uma das causadoras desses problemas; ao mesmo tempo, atribui uma grande responsabilidade à educação:

Quebrados os óbices à unificação democrática do povo brasileiro, percorre, com efeito, todas suas camadas, e, sobretudo as mais baixas, um ímpeto de ascensão social a que só a educação poderá dar ordem e estabilidade. (TEIXEIRA, 1969, p.84).

No Brasil, as primeiras experiências relacionadas à Educação Integral, articulada com a ampliação da jornada escolar e vinculada ao espaço para além dos “muros das escolas”, remontam aos anos de 1950, com a iniciativa de Anísio Teixeira. O Centro Carneiro Ribeiro foi criado em Salvador, na Bahia, como exemplo de uma educação voltada para uma “[...] continuidade entre a experiência da criança fora da escola e sua experiência no meio escolar” (TEIXEIRA, 1969, p.54). Suas

---

<sup>7</sup> Segundo Nagle (2001, p.322), esse movimento apresentou para a História da Educação Brasileira o espírito de revolta contra os padrões de educação e culturas existentes. Assim, não se refere a um só tipo de escola, mas um conjunto de princípios. Foram vinte e seis intelectuais que assinaram o documento: Fernando de Azevedo, Afrânio Peixoto, A. de Sampaio Dória, M. Bergstrom Lourenço Filho, Roquette Pinto, J. G. Frota Pessoa, Júlio de Mesquita Filho, Raul Briquet, Mário Cassassanta, C. Delgado de carvalho, A. Ferreira de Almeida Jr., J. P. Fontenelle, Roldão Lopes de Barros, Noemy M. da Silveira, Hermes Lima, Atílio Vivácqua, Francisco Vevâncio Filho, Paulo Maranhão, Cecília Meireles, Edgard Sussekind de Mendonça, Armanda Álvaro Alberto, Gracia de Rezende, Nóbrega da Cunha, Paschoal Lemme e Raul Gomes.

propostas educacionais eram fundamentadas em um papel social e cultural escolar de destaque na sociedade.

Anísio propõe uma instituição escolar composta por dois espaços físicos: a Escola-Classe e a Escola-Parque. O primeiro seria voltado ao atendimento das aprendizagens escolares e o segundo, ao período oposto das disciplinas formais, propiciando atividades que envolvessem todos<sup>8</sup> os aspectos da vida humana. A grade curricular era composta de blocos pedagógicos, tais como o Artístico (música instrumental, canto, teatro e dança); Extensão Cultural e Biblioteca (leitura, estudo, pesquisa); Trabalho (artes aplicadas, industriais e práticas); Educação Física (jogos, recreação e ginástica) e as Socializantes (grêmio, jornal, rádio-escola, banco e loja). (EBOLI, 1969).

O também educador Darcy Ribeiro<sup>9</sup> é referência em relação à Educação Integral. Ele acreditava que o modo como as escolas estavam organizadas excluía as camadas mais populares:

Estamos diante de um fato espantoso de que a escola pública brasileira de primeiro grau não acolheu, ainda, nem reconheceu, como sua clientela, as crianças oriundas das classes populares. Fato escandaloso, óbvio, é que a nossa escola funciona como se sua clientela fosse só a classe média [...]. Como negar, diante desses fatos, que temos uma escola desonesta, uma escola inadequada, uma escola impatriótica? (RIBEIRO, 1984, p.20).

Em 1981, criam-se, durante o governo de Leonel Brizola, no Rio de Janeiro, os Centros Integrados de Educação Pública. As aulas eram divididas, segundo Bomeny (2008), em currículo escolar e atividades de diversos conhecimentos. Esses centros foram criados com o objetivo de atender as crianças em situação de vulnerabilidade social. Segundo Maurício (2007, p.2),

Esse projeto baseou-se no diagnóstico feito por Darcy Ribeiro de que a incapacidade brasileira para educar sua população ou alimentá-la devia-se ao caráter de nossa sociedade, enferma de desigualdade e

---

<sup>8</sup> Conforme Nunes (2015, p. 52), os signatários que assinaram o Manifesto dos Pioneiros, tinham algumas concepções, entre elas, “[...] a concepção de educação integral para todas as classes sociais”. Nesse sentido, utilizo a palavra ‘todos’.

<sup>9</sup> Segundo Bonemy (2009, p. 112), Darcy Ribeiro inscreve-se como um intelectual dos anos 1950 e “[...] fundamentou boa parte da sua vertente intelectual para a defesa intransigente de seus sonhos de melhoria da sociedade”. Para saber mais: HEYMANN, Luciana Quillet. Os fragmentos do arquivo Darcy Ribeiro: memória, acervo e legado. Rev. **Estudos Históricos**. n. 36, jul.-dez., Rio de Janeiro, 2005.

de descaso por sua população. Com essa preocupação, propôs uma escola de horário integral, como a oferecida nos países desenvolvidos, que pudesse evitar que a criança proveniente de famílias de baixa renda fosse condenada ao abandono das ruas ou à falta de assistência em lares em que são chamadas a assumir funções de adulto para que os pais possam trabalhar, tendo sua infância suprimida.

É importante ressaltar que as duas propostas de educação, além de possuírem diversos pontos em comum, foram implementadas para resolverem aquilo que era considerado parte dos grandes problemas educacionais da época. Nos anos 2000, estabelecendo uma relação entre as políticas públicas do passado, como as de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, e as políticas públicas contemporâneas, surgiu o Programa Mais Educação.

O Programa, instituído por Portarias Normativas Interministeriais de nº 17 e nº 19, do dia 24 de abril de 2007, é uma proposta que visa à construção de ações interssetoriais entre políticas públicas educacionais e sociais através dos Ministérios da Cultura, da Educação, do desenvolvimento Social e Combate a Fome, do Esporte, da Ciência e Tecnologia e do Meio Ambiente. Apresenta-se como uma possibilidade indutora de Educação Integral, proporcionando a ampliação do tempo, dos espaços e das oportunidades educacionais à crianças e adolescentes de classes populares.

Acreditando nas experiências regionalizadas<sup>10</sup>, procurei por indícios de Educação Integral na cidade de Porto Alegre. Foi então que encontrei o acervo do Centro de Memória do Esporte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Assim, conheci o “Jardins de Recreio”, uma política pública, acontecida nas praças da cidade, que foi instaurada no início do século XX.

O Jardins de Recreio foi uma política pública pioneira no Brasil, idealizada pelo Professor Frederico Gaelzer, que objetivava a melhoria de qualidade de vida da cidade.

No “Jardim de Recreio” existia, entre outras coisas, “Jardim de Infância”, biblioteca, vestiários femininos e masculinos, quadras esportivas e pracinha para crianças com vários equipamentos. Posteriormente, estes locais de recreação se multiplicaram em mais seis, que funcionam até hoje com escolinhas infantis em nossa

---

<sup>10</sup> “Regionais por que se limitam a investigar processos educativos em um espaço geográfico delimitado, produzido pelas relações de poder, pelas práticas culturais e históricas (re)inventadas pelos grupos humanos que ali vivem e viveram e que vão (re)criando fronteiras” (LUCHESE, 2014, p.2)

cidade. São eles: Praça Pinheiro Machado, Praça Florida, Praça Dr. Montaury, Praça Jayme Telles, Praça Garibaldi e Praça São Geraldo. Por outro lado, os espaços de áreas verdes na cidade formaram uma rede de novas praças, grandes parques, balneários e centros comunitários, tornando a capital gaúcha como uma das cidades com mais área verdes, praças e parques do Brasil. Naquela época, havia o entendimento de se construir a praça perto de uma escola para que as crianças e os jovens fizessem recreação, **brincassem em turno alternativo, aprendessem esportes, praticassem a leitura e se relacionassem.** (FEIX, 2013, p. 60-61, grifo meu).

Portanto, continuar a pesquisar as praças de Porto Alegre e a sua relação com a Educação Integral foi a escolha realizada. Durante a pesquisa na especialização<sup>11</sup>, meu objetivo era conhecer os diferentes “tempos” dentro do processo educacional nos chamados Jardins de Recreio, que foram fundados em algumas praças na cidade de Porto Alegre na década de 1920. No mestrado, minha intenção foi continuar a refletir e analisar a política pública, com olhar relacionado à urbanização da cidade e à constituição de uma nova civilidade.

A cidade de Porto Alegre sempre me despertou os melhores sentimentos. A capital gaúcha atrai pela sua beleza, sua inquietude e seus encantos, talvez isso se deva ao meu olhar “outsider<sup>12</sup>” que quer capturar seus sentidos e suas representações. Entendo como uma das características mais marcantes do povo porto-alegrense sua complexa relação com as praças públicas. Essa relação desperta curiosidade a quem é de outro lugar. Por isso, além do prazer de estudar e pesquisar como aconteceram as relações entre o processo de urbanização da cidade e a política pública Jardins de Recreio, está a importância dessa prática para a compreensão do processo histórico relacionado à Educação Integral.

Foi então, que ao começar a delinear a proposta de pesquisa, senti a necessidade de realizar um processo de revisão de estudos produzidos. Compreendi que, para elaborar um problema de pesquisa, era necessário tal aprendizado, pois “histórias são como holofotes e refletores – iluminam partes do palco enquanto deixam o resto na escuridão. Se iluminassem igualmente o palco todo, de fato não teriam utilidade”. (BAUMAN, 2005, p. 26). Meu objetivo foi

---

<sup>11</sup> Realizei a pesquisa: Os Jardins de Recreio nas Praças de Porto Alegre: uma experiência de Educação Integral no início do século XX, orientada pelo Prof. Dr. Nilton Mullet Pereira.

<sup>12</sup> Nasci na capital de São Paulo e lá morei até os nove anos de idade. Na época, meu pai foi transferido pela empresa que trabalhava, assim viemos morar em Novo Hamburgo apenas meus pais e irmão, não tendo nenhuma referência prévia sobre o Rio Grande do Sul.

conhecer e selecionar algumas pesquisas que contribuíram para a construção do problema investigado. Neste momento, apresento um singelo mapeamento, procurando compreender os conhecimentos já elaborados, além de identificar quais eram os “interlocutores”. Porque,

O escrever é isso aí: interlocução. Quais os interlocutores nesse ato aparentemente tão pessoal, solitário, reservado, silencioso? Os possíveis leitores que, parecendo tão distantes, já me estão espionando, indiscretos e metidos; os amigos a quem vou mostrando o que escrevo; os muitos autores que vão enriquecendo a listagem de minhas referências bibliográficas; os que estão com a mão na massa das práticas que busco entender. Por fim, porque influenciado por todos os demais, eu, escrevente em diálogo comigo mesmo e ao mesmo tempo primeiro da fila [...].  
(MARQUES, 2001, p. 24-25).

Escolhi as palavras de Marques, pois esse excerto descreve queé a partir do conhecimento construído que amplio o olhar e caminho com maior segurança. Assim como descreve Marques, trago em minha companhia os interlocutores, sejam eles os pesquisadores das dissertações e teses ou os autores dos artigos analisados. Aqui, recorro a eles para conhecer seus dados e fundamentações. Portanto, ao ler as pesquisas, não permaneço a mesma. Observar outros lugares, outras paisagens, descobrir novas rotas foi importante para construir o meu percurso com mais confiança e sustentação. O movimento de se apropriar de outras pesquisas permitiu a possibilidade de traçar novas problematizações no interior do mesmo tema, objeto e contexto.

Para iniciar o trabalho, realizei um levantamento das pesquisas pré-existentes. A leitura desses trabalhos foi fundamental para conhecer os estudos realizados anteriormente e os referenciais utilizados, bem como os resultados encontrados. O objetivo foi conhecer, na área de estudo pretendida, os avanços e as problemáticas.

Nesse sentido, busquei, por meio do estado da arte<sup>13</sup>, investigar outros estudos pertinentes, colaborando, assim, para um maior conhecimento e entendimento acerca do campo em diferentes universidades.

---

<sup>13</sup> Conceitua-se estado da arte como “um estudo descritivo de trajetória e distribuição da produção científica sobre um determinado objeto, estabelecendo relações contextuais com um conjunto de outras variáveis, como por exemplo, data da publicação, temas e periódicos, etc.”. (UNIVERSITAS, 2002).

[...] um estado da arte é um mapa que nos permite continuar caminhando; um estado da arte é também uma possibilidade de perceber discursos que em um primeiro exame se apresentam como descontínuos ou contraditórios. Em um estado da arte está presente a possibilidade de contribuir com a teoria e prática [de uma área do conhecimento].(MESSINA apud ROMANOWSKI; ENS, 2006, p. 1).

Nesse processo de revisão, foram levantadas dissertações de mestrado e teses de doutorado a partir do banco de dados da Capes, de onde foram selecionados treze<sup>14</sup> trabalhos. Foram, também, pesquisadas as versões *online* de periódicos da ASPHE, da RBHE, da HISTEBR, da Educação e Realidade, da RBCE e da Movimento, totalizando nove<sup>15</sup> artigos. Estes serviram de apoio para melhor compreender o lócus da pesquisa e as suas diversas dimensões: com a história, as políticas públicas, a educação física e a educação. Foi importante conhecer com quais lentes eles olharam para a cidade e para as praças e a quais conclusões chegaram.

Assim, a dissertação que apresento longe de querer escrever uma história da cidade de Porto Alegre, ou tão somente a história das praças Jardins de Recreio de Porto Alegre, adquire proporções diferentes. É por meio do primeiro Jardim de Recreio, instaurado em 1926, na cidade de Porto Alegre, que olho para o passado, a fim de interrogar quanto aos diferentes tipos de documentos que me possibilitaram produzir uma narrativa histórica onde as praças foram transformadas em um componente no processo civilizador, na reconfiguração da cidade e, também, como um instrumento de modelação do indivíduo a modos específicos de comportamentos desejados na época.

Ao “*volver la vista atrás*”, retomando a Antonio Machado, as indagações produzidas durante esta investigação instigaram-se a realizar a pós-graduação *stricto sensu* mestrado em Educação. Após todo esse processo e de aprofundamento teórico, construí essa dissertação com o foco na análise de uma política pública que ocorreu nas praças da cidade de Porto Alegre, no começo do século XX, procurando entender historicamente a relação entre a vida do professor Frederico Gaelzer e a sua atuação no processo de constituição da política. Propus, também, compreender como os Jardins de Recreio ultrapassaram as concepções da

---

<sup>14</sup> No apêndice A, encontra-se uma tabela síntese das dissertações e teses que foram selecionadas e utilizadas no decorrer da escrita. Nesta tabela apresento: o título, a universidade e o resumo das pesquisas.

<sup>15</sup> No apêndice B, encontra-se outra tabela referente aos artigos consultados. Nesta tabela apresento: o título, o(s) autor(es) e o resumo dos trabalhos.

arquitetura e da engenharia, bem como de outros campos do conhecimento, constituindo-se em uma Política Pública de Educação em Porto Alegre ao longo das décadas de 1920 a 1950. Esse recorte temporal justifica-se, pois foi em 1926 a inauguração do primeiro Jardim de Recreio e, em 1950, foi assinada a promulgação da Lei 500, que cria o Serviço de Recreação Pública.

A partir das reflexões e análises feitas, foi possível formular a seguinte problematização: **Quais foram as condições para a implementação dos Jardins de Recreio, nas praças públicas da cidade de Porto Alegre, e qual sua relação com as práticas educativas na República, entre as décadas de 1920 e 1950?**

Para tanto, construí os seguintes objetivos: Identificar quais foram as condições para a implementação da política pública chamada Jardins de Recreio, bem como a criação do Serviço de Recreação Pública, na cidade de Porto Alegre e as suas interfaces no processo de constituição de uma Educação na República; Analisar o funcionamento dos Jardins de Recreio entre as décadas de 1920 a 1950 e compreender historicamente a relação entre a vida do professor Frederico Gaelzer e a sua atuação no processo de constituição da política.

Assim, com o intuito de sistematizar um itinerário histórico dos Jardins de Recreio, no período de 1920 a 1950, bem como a sua relação com o professor Gaelzer, esta dissertação estrutura-se em cinco partes. O primeiro capítulo apresenta a minha relação com o tema da pesquisa, bem como a sua delimitação e os demais aspectos da pesquisa.

O segundo capítulo intitulado “*Proposições teóricas e metodológicas*”, versa sobre a inserção ao Centro de Memória do Esporte e identifica os documentos que foram analisados. Trabalha-se o conceito de memória, com base na leitura de Halbwachs (1990), discute-se os conceitos de representação de Chartier (2002) e estratégia de Certeau (1996).

O terceiro capítulo “*Frederico Guilherme Gaelzer: recreação no contexto urbano*” apresenta uma biografia da vida do professor Frederico, embasado pela Teoria Configuracional de Elias, expõe-se as redes de interdependência no contexto da cidade de Porto Alegre do começo do século XX.

No quarto capítulo “*A minha casa fica lá detrás do mundo*” versa sobre a cidade de Porto Alegre, onde foram instaurados os Jardins de Recreio nas praças públicas. Após o panorama histórico da cidade mostra-se uma construção histórica sobre as praças públicas em diferentes espaços e tempos históricos.

No quinto capítulo “*Os Jardins de Recreio: lócus civilizatório no espaço urbano*” através da exposição dos documentos analisa-se tais materiais de forma a constituir um mosaico da história, observando como foram sendo constituídos os discursos higienistas e de construção de um novo sujeito para uma nova urb.

## 2 PROPOSIÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

Não fazemos bons trabalhos na área sem respeitar a empiria contra a qual lutamos; e todos já deparamos com a dificuldade de recolher fontes impressas e arquivísticas, geralmente lacunares, parcelares e residuais. Apesar dessas dificuldades, é justamente no manuseio crítico das fontes que o pedagogo ganha a distância necessária para olhar de uma maneira a pedagogia, tornando-se, pela sua prática e pelo seu projeto, um historiador.  
(NUNES e CARVALHO, 1993, p.23).

Ao produzir essa pesquisa, é importante explicitar alguns aspectos teóricos que nortearam esse estudo e conceitos que foram operados, bem como a metodologia utilizada para conferir a necessária legitimidade acadêmica e científica a uma pesquisa de cunho historiográfico. Para Amado,

[...] ao trazer o passado até o presente, recria o passado, ao mesmo tempo em que o projeta no futuro; graças a essa capacidade da memória de transitar livremente entre os diversos tempos, é que o passado se torna verdadeiramente passado e o futuro, futuro, isto é: dessa capacidade da memória brota a consciência que nós, humanos, temos do tempo. (1995, p. 132).

Assim, ao investigar uma política pública procurei por rastros, unindo-os, separando-os, catalogando-os, produzindo dados para compor uma versão da história. Desta forma, este capítulo apresenta a estrutura e organiza a opção metodológica que orienta as análises deste estudo. Portanto, foi a partir de documentos escritos (diários, leis, decretos, documentos oficiais e demais documentos impressos e manuscritos), orais (depoimentos) e iconográficos (imagens, mapas e plantas) que possibilitaram a produção desta dissertação compondo-se uma história dos Jardins de Recreio entre as décadas de 1920 e 1950.

Um processo importante na construção de um trabalho historiográfico é a garimpagem<sup>16</sup> dos documentos nos acervos. Logo, a primeira fase de imersão ao campo ocorreu no acervo documental do Centro de Memória do Esporte da

---

<sup>16</sup> Farge (2009) utiliza essa expressão ao se referir às palavras encontradas nos documentos, que permitem ao historiador interpretar o momento. Pimentel (2001) também utiliza essa expressão como sendo um processo.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEME<sup>17</sup>). Logo, pude acessar livremente os materiais. O CEME “[...] foi implementado em janeiro de 1997 com o objetivo de reconstruir, preservar e divulgar a memória do esporte, da Educação Física, do lazer e da dança no Brasil” (GOELLNER, MACEDO e SILVA, 2013, p.2). O acervo conta com nove coleções, e

Em função da diversidade dos materiais que compõem o acervo do CEME, os itens disponibilizados no Repositório Digital estão divididos em cinco formatos específicos: a) Audiovisual - documentos no formato de vídeos (filmes, depoimentos, slides, videoconferências, etc.) e sonoros (entrevistas de rádio, jingles, músicas, etc.); b) Depoimentos – entrevistas realizadas tendo como referência o aporte teórico- metodológico da História Oral c) Documentos – caracterizada por documentos de diferente natureza tais como álbuns, livros, periódicos, leis, atas, reportagens de jornais e revistas, correspondências, apresentações em Power Point, entre tantas outras; d) Iconográfica – imagens em suportes variados: fotografias, cartazes, desenhos, pinturas, banners, adesivos, entre outras [...] (GOELLNER, MACEDO e SILVA, 2013; p.3).

Meu olhar se prendeu na coleção denominada Lazer e Recreação Pública. Foi por meio do acervo digitalizado que tive acesso aos documentos pertencentes a essa coleção. Cabe ressaltar que, nesse processo, selecionei aquilo que considerei importante, tudo o que poderia vir a ser pesquisado. Em um primeiro movimento, iniciei a leitura por dois documentos redigidos pelo Serviço de Recreação Pública da Prefeitura Municipal de Porto Alegre: o Boletim Técnico Informativo<sup>18</sup>, números 5 e 7, ambos de 1953. Cheguei a esses documentos por meio da pesquisa por descritores no site Acervos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul<sup>19</sup>. Busquei, nesses relatórios do Serviço de Recreação Pública, pistas que me direcionaram a compor o pensamento institucional da Prefeitura Municipal de Porto Alegre– vestígios, portanto, sobre como se constituiu esse serviço e como foi implementado o atendimento nas praças.

Quando comecei analisar o Boletim Técnico Informativo número 7, deparei-me com a redação de uma reportagem do jornal *O Estado de São Paulo*, relatando “[...] Os Parques de Jogos para Crianças. A primazia de Porto Alegre – A sua Câmara Municipal e os Jardins de Recreio” (1927, p.3).

---

<sup>17</sup> Para maiores informações consultar o site: <<http://www.ufrgs.br/ceme/acervo.php>>.

<sup>18</sup> O Serviço de Recreação Pública, da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, no ano de 1950, publicou a primeira edição do Boletim Técnico Informativo.

<sup>19</sup> Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/8992>>.

Assim, movida pela inquietação dessa reportagem, procurei pelos jornais da época. Portanto, outro tipo de documento pesquisado, para além dos documentos ditos oficiais, foi o jornal. Busquei por essas fontes no banco de dados digitalizados do site da Biblioteca Nacional Digital<sup>20</sup>. Comecei a pesquisar, de forma ampla, por meio do descritor *Jardins de Recreio*. Foram encontradas diversas ocorrências com esse descritor. Porém, selecionei as páginas que retratavam especificamente as praças. Encontrei, então, o jornal *A Federação*, da capital gaúcha.

É interessante salientar que o jornal *A Federação* representava o ideário político do Partido Republicano Rio-Grandense. Logo, a imprensa conduziu a uma exaustiva campanha doutrinária a favor do positivismo e dos ideais modernos. Os jornais abriram inúmeras possibilidades de análise para essa pesquisa, pois atuaram na divulgação de um determinado ideário. Em 15 de março de 1883, registra-se um encontro do

Congresso do Partido Republicano Rio-Grandense, onde se tratou, dentre outras coisas, da criação do jornal *A Federação* e se propôs “a eleição de uma comissão de três membros encarregados de estudar e formular um projeto de Constituição do futuro Estado Rio-Grandense, como parte integrante da Confederação Brasileira, devendo ser este projeto preparado para ser discutido e votado na próxima sessão periódica do Congresso (do PRR)”. (SOARES, 2013, p. 46)

Organizei as reportagens encontradas por ordem cronológica. Inicialmente, fiz uma pré-análise e criei categorias por assuntos. Posteriormente, realizei uma exploração mais minuciosa e transcrevi os trechos mais significativos para poder analisar.

Elaborei, então, um quadro resumo com as seguintes categorias: ano, data, título e assunto.

---

<sup>20</sup> O endereço do site é: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>.

Quadro 1 - Reportagens selecionadas do jornal *A Federação*

Ano	Data	Título	Assunto
1905	18/10	Pelos municípios. S. Leopoldo	Apresenta uma mensagem feita pelo coronel Guilherme Gaelzer (intendente) ao conselho municipal do município.
1919	16/10	Município de Porto Alegre – Acto n. 149, de 15 de Outubro de 1919	Aprova o novo Regulamento da Secretaria da Intendência.
1925	11/02	Praças e Jardins	O engenheiro Erémanto Fernandes apresentou um relatório sobre as praças e parques da cidade.
1927	29/01	Urbs Ridens	É realizada uma reportagem sobre a cidade de Porto Alegre e as suas praças. Ela é assinada por Emílio Kemp, que também escreve sobre a importância da frequência das famílias nos espaços públicos.
1927	27/04	Melhoramentos municipais	Meia página é destinada a essa reportagem que traz, também, fotos da Praça general Osório, Praça São João, Praça Pinheiro Machado. Escreve que Frederico serviu nas praças de Montevideo.
1927	20/06	Novo jardim de recreio	Nessa reportagem, há o relato sobre a inauguração do jardim de recreio Montaury, homenagem do intendente Octavio Rocha ao seu antecessor. Há também a descrição do relatório realizado por Frederico.
1927	18/10	Construção e remodelação de praças e jardins	Apresenta um relatório de despesas dos melhoramentos realizados, bem como da compra de terrenos.
1927	1/11	Os parques de jogos para crianças – A primazia de Porto Alegre – A sua Camara Municipal e os jardins de recreio	Nessa reportagem, faz-se referência sobre outro jornal: “Sobre os parques de jogos para crianças, que funcionam em Porto Alegre, O Jornal, do Rio, publicou o seguinte: [...]” (p.3).
1928	15/10	Praças e Jardins	Traz uma reportagem sobre o objetivo das praças não ser somente o estético, mas também em relação à higiene.
1932	1/1	Flores e jardins	Apresenta uma reportagem de meia página, com fotos sobre os jardins. Escreve a respeito de diversos países e suas relações com esses espaços públicos.
1932	22/03	Os trabalhos realizados nas praças e jardins públicos pela Prefeitura de Porto Alegre	Descreve um relatório sobre as praças e parques da cidade. Escreve, também, sobre a frequência em alguns parques.
1932	30/03	A arborização urbana de Porto Alegre – Cuidemos as árvores das nossas praças e avenidas contra a brutalidade dos seus inimigos	O engenheiro Gastão de Oliveira Santos, engenheiro de praças e jardins, redigiu uma carta ao jornal. Escreve sobre a importância das praças em relação à higiene e convoca a população em defesa das árvores.
1933	14/02	Os jardins de recreio	A reportagem relata o interesse especial das escolas, próximas às praças, em utilizar os aparelhos.
1933	18/10	Os jardins de recreio	A reportagem relata que, nessa data, Frederico Gaelzer era diretor da cultura física do Estado.

Fonte: Elaborado pela autora

Nesse processo de construção do quadro, deparei-me com a citação de *O Jornal* da cidade do Rio de Janeiro. Volto meu esforço para encontrar a edição desse jornal, com o descritor<sup>21</sup> *Jardins de Recreio*, a busca mostrou 10 ocorrências. Porém, classifico aqui apenas as edições que tratam especificamente do meu objeto.

Quadro 2 - Reportagens selecionadas do *O Jornal*

Ano	Data	Título	Assunto
1927	15/05	Os melhoramentos na capital gaúcha. A municipalidade está criando jardim de recreio	Traz uma reportagem sobre os melhoramentos da capital gaúcha. Descreve algumas praças e jardins da cidade.
1927	14/10	“Mens sana in corpore sano” Como o governo municipal de Porto Alegre encara o problema da educação física da infância. Interessantes declarações do diretor dos jardins de Sport da capital gaúcha ao <i>O Jornal</i> .	A reportagem traz uma declaração de Frederico Gaelzer sobre a organização da Diretoria dos Jardins de Recreio e Praças de Desportos. “O fim primordial desta instituição municipal é fornecer programmas diversos, com actividades adequadas a todo futuro cidadão” (1927, p. 10).

Fonte: Elaborado pela autora

Nesse processo de leitura das reportagens dos jornais, alguns nomes foram surgindo. Sendo assim, voltei a pesquisar no site do CEME<sup>22</sup> por depoimentos realizados— os descritores utilizados foram *Recreação* e *História*, por meio dos quais se apresentaram vários resultados. Selecionei oito entrevistas que apresentavam relação com os Jardins de Recreio, o Serviço de Recreação Pública ou Frederico Guilherme Gaelzer. Os nomes dos entrevistados estão explícitos, por acreditar que os depoimentos levantam informações a respeito de suas vidas, bem como suas opiniões.

Segundo Halbwachs (1990) nossas lembranças são coletivas, pois o indivíduo é inserido e constituído por grupos. Nesse sentido, os grupos apresentam-se de forma relevante para a construção da memória. Para o autor,

Se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a de outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma

<sup>21</sup> Pesquisa, no campo local, no site do acervo digitalizado da hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>

<sup>22</sup> “A divulgação das entrevistas na íntegra se origina do projeto de pesquisa “Garimpendo Memórias” desenvolvido pelo CEME desde 2002 (GOELLNER e col., 2013, p.3). Mais informações: <http://www.esef.ufrgs.br/ceme/projetos/garimpendo/index.htm>

experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (1990, p. 25).

Portanto, Henrique Felipe Bonnet Licht, Lilian Gaelzer Wertheimer, Olga Valéria Kroeff Echart e Walny Zenari foram os depoimentos selecionados. A composição desse grupo, para esta pesquisa, deu-se a partir da lembrança de pessoas que conviveram com o professor Frederico. Assim sendo, como a memória está intimamente ligada à memória coletiva ela se transforma de acordo com o lugar social que o indivíduo ocupa nos diferentes grupos dos quais faz parte (HALBWACHS, 1990).

Para mais bem visualizar os depoimentos, realizei um quadro com as seguintes categorias: nome, nascimento, entrevista, número de registro, observação e informações. Opto por trazer tais informações assim, pois entendo que, dispostas dessa forma, ficam mais claras, o que proporciona maior inteligibilidade dos dados. A sistematização em forma de quadro foi inspirada em Grazziotin e Almeida (2012).

Quadro 3 - Depoimentos selecionados

Nome	Nascimento	Entrevista	Número de registro	Observação	Informações
1. Henrique Felipe Bonnet Licht (1) <sup>23</sup>	18/11/1921	16/08/2002	0464/2003/01	Após a leitura da entrevista, o entrevistado alterou seu conteúdo, resultando nessa versão	Relata sobre o esporte na cidade de Porto Alegre; traz também pessoas de referência do esporte gaúcho.
1. Henrique Felipe Bonnet Licht (2)	18/11/1921	08/05/2002	0463/2003/01	--	Relata sobre o início e a origem das praças de recreação e sobre o trabalho de Frederico.
3. Henrique Felipe Bonnet Licht (3)	18/11/1921	29/06/2005	01948/2008/01	--	Versa sobre a Fundação da ESEF e a cidade de Porto Alegre
4. Henrique Felipe Bonnet Licht (5)	18/11/1921	02/10/2013	--	Após a transcrição, o entrevistado fez alterações na entrevista	Relata sobre a Liga de Defesa Nacional, organograma do Serviço de

<sup>23</sup> Os números em parênteses representam o número do arquivo do acervo do CEME. Henrique Felipe Bonnet Licht foi entrevistado seis vezes; dessa forma, no acervo, há seis arquivos diferentes de depoimentos. Utilizei o mesmo número para melhor acesso dos interessados.

					Recreação Pública
5.Lilian Gaelzer Wertheimer	Não informado	13/03/2003	02137/2010/01	Após a leitura, a entrevistada alterou alguns trechos do depoimento	Filha de Frederico, irmã de Lenea Gaelzer. Relata sobre as experiências e vivências de seu pai.
6.Olga Valéria Kroeff Echart	28/04/1917	12/01/2004	01125/2005/01	--	Relata sobre os professores da primeira turma da ESEF em 1939.
7.Walny Zenary (1)	Não informado	27/11/2002	01056/2005/01	--	Relata o trabalho com a Educação Física realizado nas praças da cidade pela Prefeitura.
8.Walny Zenari (2)	Não informado	18/02/2003	01680/2006/01	--	Como professor, fez parte da recreação pública. Relata o trabalho de Frederico Gaelzer.

Fonte: Elaborado pela autora

Os depoimentos foram estudados com maior atenção, a fim de categorizá-los. Não defini categorias *a priori*; estas foram sendo elaboradas a partir da leitura e do agrupamento de palavras-chave. As análises dessas narrativas foram realizadas com cuidado, pois, para Errante (2000, p.142),

Narrativas revelam o alinhamento dos narradores com certos indivíduos, grupos, ideias e símbolos através dos quais eles externalizam seus maiores valores, qualidades positivas e de orgulho para si mesmos. Narrativas também revelam as dissociações dos moradores com “outros” indivíduos, grupos, ideias e símbolos através dos quais eles externalizam as partes menos favoráveis de si mesmos.

No processo de garimpagem, outros documentos históricos foram encontrados no acervo do CEME, tais como: relatórios, diários, cartas, boletins informativos, correspondências, diários de atividades, álbum, registros de associação, fotos, projetos, plantas e conferências. Tais informações compõem o mosaico de uma cidade e sua relação com a política pública. E foi, por meio desses indícios que consegui construir uma história da política pública chamada Jardins de Recreio, no início do século XX.

No quadro abaixo, exponho os documentos selecionados, bem como a sua descrição.

Quadro 4 - Relação dos documentos

Documento	Data	Descrição
Álbum pessoal	1919	Organizado e escrito por Frederico Guilherme Gaelzer, contendo relatório à diretoria da Associação Cristã de Moços.
Diário de atividades	1943	O caderno descreve a listagem das atividades desenvolvidas na Praça Pinheiro Machado.
Ofício	1943	Ofício do diretor médico da colônia de férias, divulgando as atividades.
Projeto	1944	Projeto proposto por Frederico que apresenta as condições necessárias para sua realização.
Conferência	1950	Escrita da conferência sobre recreação, realizada na Faculdade de Filosofia.
Plano	1950	Plano para instalação de parques de recreação e campos desportivos em todos os municípios do Brasil.
Boletim Técnico Informativo	n. 5 1953	Documento realizado pela Prefeitura Municipal.
Boletim Técnico Informativo	n. 7 1953	Documento realizado pela Prefeitura Municipal.
Serviço de Recreação Pública	1964	Documento produzido por Frederico, informando as finalidades da Secção de Parques e Praças de Recreação, Secção de Esportes e Secção de Recreação Especial e Administração do Serviço de Recreação de Porto Alegre.

Fonte: Elaborado pela autora

Para revisitar os documentos históricos que analisei, o aporte teórico-metodológico que traz, portanto, a perspectiva de ampliação dos objetos de pesquisa é o da História Cultural.

Vainfas, em seu artigo *“História cultural e historiografia brasileira”*, descreve a historiografia inspirada em alguns modelos. Um desses modelos é derivado da obra de Roger Chartier o qual é “[...] um tanto ligado à tradição dos *Annales* e crítico a uma história social totalizante em favor das representações”. (2009, p. 218). É nessa perspectiva que insiro a pesquisa, com as lentes do historiador da História Cultural que “[...] abarca artes do passado que outros historiadores não conseguem alcançar”. (BURKE, 2005, p.8).

A História Cultural é um campo historiográfico que, segundo Peter Burke (2005), torna-se mais evidente na segunda metade do século XX. A História Cultural se diferencia de outras abordagens porque acredita nas “relações econômicas e sociais como campos da prática cultural e produção cultural”. (HUNT, 1992, p.9). Ela emerge das reflexões e discussões das novas efervescências paradigmáticas, tais

como: o fim das metanarrativas, queda das verdades universais, o surgimento dos fenômenos de desterritorialização e de desenraizamento.

Nesse contexto, as bases sólidas da historiografia foram “[...] questionando radicalmente seus próprios instrumentos de trabalho e modos de operação” (RAGO, 1995, p. 69). Assim, apresenta-se outro modo de se fazer história, para o qual a crença de uma verdade universal é refutada. Com ele, surge uma nova concepção: a de que o historiador produz histórias que são fundamentadas na sua pesquisa e influenciadas pelo seu olhar. Logo,

é certamente impossível estudar o passado sem a assistência de toda uma cadeia de intermediários, incluindo não apenas os primeiros historiadores, mas também os arquivistas que organizaram os documentos, os escribas que os escreveram e as testemunhas cujas palavras foram registradas. (BURKE, 2004, p.16).

Portanto, a escrita da pesquisa histórica é feita a partir das lentes do presente. É esse olhar do pesquisador que investiga outro tempo, que seleciona continuidades e discontinuidades, que questiona a partir das suas experiências e constrói um passado. Para Certeau (1982) é através da leitura realizada no presente que fazemos a interpretação do passado pela análise dos documentos. Logo, a construção da história é realizada pelos questionamentos feitos pelo pesquisador, a partir do seu tempo vivido: “é necessário interrogar os textos de forma que sejam capazes de fornecer informações que possibilitem conhecer o histórico das ações humanas”. (LARA, 2008, p.18).

Segundo Le Goff (1996, p.538),

O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmitificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite não existe um documento verdade. Todo documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo.

O documento, nesse sentido, não se apresenta como um reflexo de uma realidade social é necessário organizar, questionar e interpretar. Conforme Farge (2009, p.35), “o que se encontra não é a realidade, mas elementos da realidade que foram filtrados e selecionados para guarda, que por sua aparição em um

determinado momento histórico, produzem sentido”. Logo, a construção da história é comparada à montagem de um mosaico: realizar uma composição das peças coletadas é tarefa e ofício do historiador.

Nesse sentido, coube a mim a tarefa de garimpar no acervo do CEME: boletins, álbuns, relatórios, cartas, depoimentos, plantas, ofícios, entre outros, para compor um mosaico de uma cidade, sua relação com a política pública chamada Jardins de Recreio e com o professor Frederico Gaelzer. A partir do meu olhar de aprendiz de historiadora, comparei, organizei e revisei documentos para, com eles, produzir uma história plausível às representações de um passado.

Ao realizar tais tarefas não considero o documento histórico como um reflexo da realidade. Trago, então, um excerto de Chartier,

[...] qualquer fonte documental que for mobilizada para qualquer tipo de história nunca terá uma relação imediata e transparente com as práticas que se designa. Sempre a representação das práticas tem razões, códigos, finalidades e destinatários particulares. Identificá-los é uma condição obrigatória para entender as situações ou práticas que são o objeto da representação. (2012, p.16).

Ainda conforme Chartier (1990), as representações são formuladas pelas vivências e relações culturais, e esse processo de construção de identidade está ancorado diretamente ao tempo e ao lugar. Logo, “as representações possuem uma energia própria, e tentam convencer que o mundo, a sociedade ou o passado é exatamente o que elas dizem que é” (CHARTIER, 2011, p. 23). Desta forma, o conceito de representação, de Roger Chartier, ajuda-me a compreender as práticas no cotidiano das praças.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a proposição de quem os utiliza. (CHARTIER, 2002, p. 17).

Sendo assim, os depoimentos das pessoas, que compõem este estudo, são representações daquele tempo histórico, “[...] são esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro torna-se inteligível e o espaço decifrado”. (CHARTIER, 2002, p. 17).

Por isso, “a historiografia mexe constantemente com a história que estuda e com o lugar onde se elabora” (CERTEAU, 1982, p. 126). Esse campo historiográfico tem claros antecedentes desde o início do século, é rico em possibilidades de tratamento das fontes<sup>24</sup> e cabe ao “[...] historiador construir a trama correspondente ao acontecimento” (RAGO, 1995, p.73).

A História Cultural amplia a noção de objetos historiográficos; não baseia a construção da escrita da história somente em registros oficiais. Nesse sentido, amplia as possibilidades de investigação.

Foi com o propósito da ampliação da possibilidade de investigação que envolvem os meandros da educação em espaços não formais que me dediquei a pesquisar determinados aspectos da urbanidade de Porto Alegre e sua possível influência nas praças públicas, bem como o desenvolvimento de uma lógica urbana e social com o ideário da Modernidade.

Certeau (1994) reflete sobre os espaços da cidade e a sua dinamicidade. Para o autor, a população, ao se apropriar do uso do espaço urbano, transforma-o; assim as praças públicas são transformadas pelos seus usuários: “em suma, o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres” (CERTEAU, 1996, p. 202).

Nesse sentido, as praças, antes da reorganização dos espaços e da instauração dos Jardins de Recreio, já eram utilizadas pelas pessoas para a prática do “*Footing*”<sup>25</sup>.

Ao pesquisar a proposição de uma política pública, chamada Jardins de Recreio, foco meu olhar na história dessa política, que, conforme Julliard (*apud* VEIGA, 2002, p.21), “ênfatisa a necessidade de renunciar à ideia de continuidade histórica que se desenvolve ao longo de um tempo homogêneo, rompendo com as causalidades lineares e com a ideia de acontecimento político como produto de determinadas estruturas”.

Para construir uma história política, é importante enfatizar que existem as culturas políticas. Logo, “dentro de uma mesma sociedade ou país existem culturas

---

<sup>24</sup> Utilizo a palavra fontes na perspectiva de Pesavento (2004, p.181) que define: “as fontes são muitas e só se revelam como documentos significativos do passado a partir das questões ou perguntas propostas pelo historiador”.

<sup>25</sup> No Jornal Zero Hora, de 23 de outubro de 2000 (p.54) conceitua-se assim o *footing*: “O chamado *footing* na Rua da Praia era antigo hábito entre rapazes e moças, que perdurou em Porto Alegre até os anos 60. Consistia em passeios, a determinadas horas, sem maiores compromissos, a não ser tentar algum namoro, ver o movimento ou por simples passatempo”. Para saber mais consultar: Tomasini (2013), PEDROSO (2007) e FRANCO AMARAL (2008).

políticas, as quais coincidem em certos aspectos por existirem também valores mais gerais compartilhados pela sociedade considerada globalmente”. (CARDOSO, 2012, p.51). Portanto, a cultura política permite

[...] compreender as motivações das ações dos homens num momento de sua história, por referência ao sistema de valores, normas e crenças que partilham, em função de sua leitura do passado, suas aspirações para o futuro, suas representações da sociedade, do lugar que ocupam e da imagem que tenham a felicidade. Todos esses são elementos que dependem do ser profundo, variam em função da sociedade em que sejam elaborados e permitem compreender melhor as razões das ações políticas, que assim, aparecem de maneiras diversas, e não somente como epifenômenos. (BERSTEIN, 1999, p.405).

Logo, abandono a ideia de centralidade e de controle exercido pelo Estado para compreender a capilarização e a rede de micropoderes que se estabelecem nas ações políticas.

Pesavento considera que a história política é uma corrente da história cultural, denominando-a como uma história cultural do político, cujo objetivo da investigação reflete sobre os mecanismos de construção de identidades providas de “poder simbólico de coesão social” (2014, p. 75). Logo, a cultura política é “um conjunto de representações que nutrem um grupo no plano político”. (PESAVENTO, 2014, p. 75).

Para analisar a política Jardins de Recreio, utilizo-me do conceito de estratégia a partir de Certeau (1994, p.46), que a define como

[...] o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolada. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio a ser base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças.

As praças, desta forma, são um produto histórico. São marcadas e forjadas pelo uso criativo do cotidiano, não seguindo normas fixas e modelos rígidos dos dispositivos legais.

Já as estratégias produzem, impõem e mapeiam. Os políticos que estavam na Intendência, no começo do século XX, utilizaram de uma estratégia legal para difundir os ideais positivistas. Nessa direção, as proposições de Certeau possibilitam

compreender as praças, mais precisamente os Jardins de Recreio, como espaço de produção de sentidos. Assim, para Certeau,

Meu trabalho não visa diretamente a constituição de uma semiótica. Consiste em sugerir algumas maneiras de pensar as práticas cotidianas dos consumidores, supondo, no pondo de partida, que são do tipo tático. Habitar, circular, falar, ler ir às compras ou cozinhar, todas essas atividades parecem corresponder às características das astúcias e das surpresas táticas: gestos hábeis do “fraco” na ordem estabelecida pelo “forte”, arte de dar golpes no campo do outro, astúcia de caçadores, mobilidades nas manobras, operações polifórmicas, achados alegres e bélicos. (CERTEAU, 1996, 103).

Neste estudo que investiga uma política pública instaurada nas praças, percebe-se esse lugar público utilizado como um lócus educacional, fomentando a constituição de um novo cidadão e uma crescente preocupação com a civilidade nos domínios da urbanidade. Emergem, assim, no início do século XX, novos modos da sociabilidade urbana. No Boletim Técnico Informativo (1953), há uma descrição das diversas atividades que o Serviço de Recreação Pública oferece, demonstrando interesse não somente pelas atividades físicas, mas também por outras atividades educacionais nas praças:

As atividades abaixo, que o portoalegrense poderá praticar e desenvolver nas unidades especializadas dêste Serviço, são tôdas orientadas por funcionários capacitados. Essas atividades, porém, são apenas uma parte do plano geral das realizações do S.R.P. e que vem merecendo todo o apôio do Sr. Prefeito Municipal: Pic-nics; Banhos, Acampamentos, Excursões, Caça e Pesca, Canoagem. Basket-ball, [...]. Contróle médico, assistência social, biblioteca, corte e costura, teatro infantil, cômico-orfeônico, artes aplicadas, noções de higiene aplicada, bailados infantos, música, cinema recreativo e educativo (p.9).

Procurei, portanto, diferentes narrativas sobre a cidade e as praças de Porto Alegre, para melhor construir o mosaico da política pública. Pelos caminhos da pesquisa, busquei por palavras, pistas, traços e discursos que versam sobre o processo de urbanização e modernização da urbe. Investiguei as representações sobre a vida nas praças e marcas deixadas por moradores que fizeram desse espaço um lugar de sociabilidade.

Nessa costura dos vestígios, trago as palavras de um poeta. Athos Damaceno Ferreira, um cronista e pesquisador em história do Rio Grande do Sul, interessado

por Porto Alegre, apresenta-nos a cidade na primeira metade do século XX. Pretendo considerá-lo como documento histórico, capaz de fomentar análises de interpretação da representação sobre o passado. Logo, “*Imagens Sentimentais da Cidade*” (1940) e “*Colóquios com a Minha Cidade*”<sup>26</sup> (1974) foram trazidos para essa pesquisa para inserir uma forma de narrar à cidade através de um ensaio literário.

Reproduzo o poema Alto do Bronze, que é uma homenagem do poeta Athos Damaceno (1940, p.6) à praça<sup>27</sup> onde, em 1926, no governo do Intendente Otávio Rocha, é inaugurado o primeiro Jardim de Recreio:

Que é daqueles lampiões  
que espiavam de dentro do tufo das árvores velhas,  
o ingênuo colóquio dos noivos  
nas salas das casas fronteiras à praça?...  
As crianças brincavam de roda na rua risonha  
que foi o principio da linda cidade açoriana...  
De cima – as estrêlas botavam reflexos vagos nos vidros  
dos graves sobrados [...]  
Andei tantas vezes por estes caminhos!  
...  
E via as crianças brincando de roda  
e via o ingênuo colóquio dos noivos que eram vigiados [...]  
...  
Na praça deserta  
as árvores velhas se encolhem na sombra  
as folhas cochicham...  
E no fundo esbatido do céu cor de cinza  
as torres da Igreja das Dores  
assistem e velam o sono cristão da cidade...

Foi nessas praças que, sob a orientação de Frederico Guilherme Gaelzer, criou-se uma política pública chamada de Jardins de Recreio. As ideias do professor Gaelzer são citadas em inúmeras obras sobre a recreação no Brasil. Para Gomes (2003, p.42),

<sup>26</sup> O livro foi patrocinado pela prefeitura municipal nas comemorações da “XV Semana de Porto Alegre” e foi editado pela Editora Globo. Os ensaios nele contidos são: “Fotógrafos em Porto Alegre no Século XIX”, “Sacadas e Sacadinhas porto-alegrenses”, “Breve notícia e ligeira considerações acerca da arte doceira no Rio Grande do Sul”, “Natal e Reis na Cidade de Outrora”, “Arsène Isabelle em Porto Alegre” e “Gambrinus por estas bandas”.

<sup>27</sup> A praça chamava-se Alto da Bronze. Atualmente, é denominada de Praça General Osório, localiza-se perto do Gasômetro, entre as ruas Duque de Caxias, Fernando Machado e General Portinho. Segundo relatos, a praça começou a surgir por volta de 1800 e já teve vários nomes. Hoje, lá funciona uma Escola de Educação Infantil que atende crianças de quatro a seis anos.

Com a implantação de “Jardins de recreio” por parte da municipalidade porto-alegrense, esta experiência institucional foi fundamental para a compreensão dos significados de recreação e de lazer na realidade brasileira do século XX, sobretudo em sua primeira metade.

Portanto, foi necessário uma incursão nos registros desse professor. As análises sobre a vida de Frederico Guilherme Gaelzer levaram-me a um conjunto de documentos da Associação dos Especializados em Educação Física e Desportos do Rio Grande do Sul, fundada em 20 de dezembro de 1945, registrada no Cartório Especial sob nº 721. Tive acesso a seis boletins, que foram publicados entre os anos de 1948 a 1968: números: 1, de 1948; 1 e 2, de 1950; Edição Comemorativa, de 1951; Edição Comemorativa do II Congresso Riograndense De Educação Física e Desportos, de 1952; 8, de 1959; 4, de 1968. Em todos os Boletins Informativos, aparece a nominata da diretoria eleita da Associação, a qual logo me chamou atenção pelos nomes ali citados – dentre os quais, em quase todas as gestões, porém em diferentes cargos, encontra-se o nome de Frederico Gaelzer. Nos registros de 1952 e 1968, apresenta-se o nome de Henrique Felipe Bonnet Lich, um dos entrevistados cujo depoimento analisei. No Boletim de 1968, além do nome do Frederico, consta também o da sua filha Lenea Gaelzer<sup>28</sup>. Realizei um quadro que mostra por data os cargos da Associação:

Quadro 5 - Diretoria da Associação dos Especializados em Educação Física e Desportos do Rio Grande do Sul

<b>Cargo</b>	<b>1947</b>	<b>1948/1049</b>	<b>1950/1951</b>	<b>1952/1953</b>	<b>1959/1961</b>	<b>1968</b>
PRESIDENTE	Maurício Akcelrud	<b>Frederico Guilherme Gaelzer</b>	Jacinto F. Targa	Joaber Pereira	Ruy Gaspar Martins	Jacinto F. Targa
VICE - PRESIDENTE	Luiz Henrique Maluf	Arno Tschiedel	Ary da Costa Mariante	<b>Henrique Felipe Bonnet Licht</b>	João F. Sofia	João Moreira Filho
1º SECRETÁRIO	Elisa Cibelli	Inês C. Báfaro	Oswaldo Bruck	Derick Oscar Ely	Jacinto F. Targa	Frenando Lopes
2º SECRETÁRIO	Ary Steimer	Dorália S. Duarte	Odayr Peruginide	José Heron	Sonia Pastro	José Pinheiro

<sup>28</sup>“Nascida em Porto Alegre (RS) no ano de 1927, Lenea Gaelzer cursou o ensino primário e secundário no Colégio Americano e a graduação na Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Filha de Frederico Guilherme Gaelzer, importante incentivador e idealizador de ações relacionadas ao lazer e à recreação de ações relacionadas ao lazer e à recreação no Brasil, Lenea seguiu os passos do pai dedicando seus estudos, sua produção acadêmica e sua intervenção pedagógica para a mesma área”. (GOELLNER; MACEDO, 2013, p. 119).

Disponível

em:

<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/95740/000919186.pdf?sequence=1>

			Castro	Heinz	Dihl	
SECRETÁRIO CULTURAL	<b>Frederico Guilherme Gaelzer</b>	Dirceu Cunha	Alfredo Augusto de Barros Hofmeister	—	—	Edwino Barbosa
SECRETÁRIO DE DIVULGAÇÃO DE INFORMAÇÕES	Célia Salomão	Maurício Akcelrud	Maurício Akcelrud	Ney S. Rodrigues	—	Washington Gutierrez
1º TESOUREIRO	Mário Fabretti	Derick Ely	Armando Capra	Criolando Ruscigno	Ary D. Juchem	Cleomar P. Lima
2º TESOUREIRO	Ney Serres Rodrigues	Nayr M. Kray	Ary Soares	Salvador Rodrigues da Silva		Bugre Lucena
BIBLIOTECÁRIO	Fredolino Taube	Leonel Medeiros	Elvira Barcelos Sobral	Leny Kokot	—	Alduíno Zílio
CONSELHO FISCAL	Telêmaco Frazão de Lima	Waldyr Echart, Hélio B. Ferreira e João Olavo Kray	<b>Frederico Guilherme Gaelzer</b> , Arno Tschiedel e Derick Oscar Ely	—	—	—
CONSELHO DELIBERATIVO	—	—	—	—	—	<b>Henrique Felipe Bonnet Licht</b> , Maurício Axelrud, Fandila Reginato, Walny Zenari, Joaber Pereira, Ney Serres Rodrigues, Maria Lucia Santos, <b>Frederico G. Gaelzer</b> , Edith P. Reis, David Gusmão, Derick Ely, Antônio Carlos Mendes Ribeiro, Poli M. Espírito, <b>Lênea Gaelzer</b> , Adil M. Quites, Silvio Santos

Fonte: Elaborado pela autora

A opção teórica para análise historiográfica permitiu a construção de uma interpretação, vinculada a uma análise da dimensão cultural de uma determinada sociedade, em um determinado tempo histórico. Essa dimensão cultural se

fundamenta no conceito de cultura a partir de Geertz, a qual estabelece que o “homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” (1989, p.15). O autor assume a cultura como sendo uma teia que se inter-relaciona e produz, sendo necessário, então, analisar essa “teia de significados” para compreender os processos sociais. Portanto, é importante compreender a cultura como produção humana na qual o significado é parte central.

Para Certeau, toda a atividade humana pode ser cultura; mas, “para que haja cultura, não basta ser autor das práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza”. (1994, p.142). Logo, entender os significados relacionados aos Jardins de Recreio, articulando a dimensão urbana aos discursos de diferentes áreas (médicos, assistenciais, educacionais, entre outros) é a tarefa a que me propus nos próximos capítulos.

### 3 FREDERICO GUILHERME GAELZER: RECREAÇÃO NO CONTEXTO URBANO

Alguns estudos biográficos mostraram que um indivíduo medíocre, destituído de interesse por si mesmo – e justamente por isso representativo –, pode ser pesquisado como se fosse um microcosmo de um estrato social inteiro num determinado período histórico – a nobreza austríaca ou o baixo clero inglês do século XVI. Seria esse o caso de Menocchio? Nem por sonho. Não podemos considerá-lo um camponês “típico” (no sentido de “médio”, “estatisticamente mais frequente”) do seu tempo: seu relativo isolamento na comunidade deixa isso claro. Aos olhos dos contemporâneos Menocchio era um homem, ao menos em parte, diferente dos outros. Mas essa singularidade tinha limites bem precisos: da cultura do próprio tempo e da própria classe não se sai a não ser para entrar no delírio e na ausência de comunicação. Assim como a língua, a cultura oferece ao indivíduo um horizonte de possibilidades latentes – uma jaula flexível e invisível dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um. (GINZBURG, 2006, p.20).

Realizo a abertura desse capítulo instigada pela narrativa de Carlo Ginzburg, no livro *O queijo e os vermes*. A escrita versa sobre Domenico Scandella, conhecido como Menocchio, um moleiro perseguido pela inquisição. Por ser moleiro, era muito respeitado pela sociedade e era, também, alfabetizado. Por tais características, tornou-se um personagem único e singular.

Guinzburg constrói uma narrativa historiográfica a partir de um indivíduo que vivia numa pequena aldeia chamada Montereale, na Itália no século XVI. Assim, o autor do livro tornou-se um grande expoente da micro-história<sup>29</sup>, que pretende compreender um processo histórico singular, por meio da análise do cotidiano, sem abstrair os movimentos universais.

Conhecer a constituição de um sujeito importante na minha pesquisa não aconteceu de forma desinteressada<sup>30</sup>. Como Menocchio, Frederico Guilherme

<sup>29</sup> Para saber mais, conferir: VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da História: micro-história**. Rio de Janeiro: Campus, 2002. CARDOZO, José Carlos da Silva. Reflexões sobre a abordagem macro e micro na História. **MNEME – Revista de Humanidades**, 11 (28), 2010 – Ago./Dez. Rio Grande do Norte. REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Revista Brasileira de Educação**. v. 15, n. 45 set./dez, 2010.

<sup>30</sup> Conforme Bourdieu, não há ato/ação de forma desinteressada. O autor, na obra *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*, transcorre sobre o assunto. Para ele, são hábitos desinteressados que alicerçam os interesses individuais. Logo, “os universos sociais nos quais o desinteresse é a norma oficial, não são sem dúvida, inteiramente regidos pelo desinteresse: por trás da aparência piedosa e virtuosa do desinteresse, há interesses sutis, camuflados [...]”. (1996, p. 152).

Gaelzer é uma figura de destaque nacional. Além do respeito social da época, é frequentemente citado nos estudos do campo da Educação Física.

A discussão na área da Educação Física sobre a recreação e o lazer é vasta e “polêmica<sup>31</sup>” entre os estudiosos. Um dos debates<sup>32</sup> realizados no campo é a necessidade de uma educação para o adequado usufruto do tempo livre, tendo como defensores: Lênea Gaelzer (1979; 1986), Medeiros (1974), Marcellino (1987, 1990) e Rolim (1989). Tais pesquisadores retomam, de alguma forma, as ideias do professor Gaelzer.

Há outros pesquisadores, como Werneck (2004), que aponta a proposta implantada na cidade de Porto Alegre como um exemplo significativo que conjugue lazer, recreação e sociedade. A autora relata que a experiência da capital gaúcha foi concretizada por proposta institucional encaminhada como educação não formal. A mesma autora (2003) pontua, em um artigo do periódico Movimento<sup>33</sup>, que o professor de Educação Física Frederico afirmava, nos anos 1930, que se fazia necessário estudar o lazer, frente às modificações das relações trabalhistas pelas quais o País passava. Nesse sentido, quando os estudiosos de recreação e lazer realizam pesquisas historiográficas, apresentam o nome de Frederico Guilherme Gaelzer como sendo um precursor das teorias sobre recreação.

Escrever sobre as ideias precursoras do professor Frederico é, de certa forma, caminhar por estradas já percorridas, assim como implica demonstrar a importância de seus feitos para a recreação/lazer e para a educação. Frederico

---

<sup>31</sup>Utilizo a palavra “polêmica” que foi escrita por Pimentel e Marinho (2010) no capítulo: Dos clássicos aos contemporâneos: revendo conceitos e conhecendo importantes categorias referentes às teorias do lazer. Nessa seção do livro, os autores apresentam interpretações sobre lúdico, ócio, recreação e lazer, a partir de diferentes autores. Outra questão polêmica é a discussão sobre quando surgiu o lazer. Não pretendo buscar uma/a origem do lazer no Brasil; apenas pontuo as problematizações do próprio campo. Logo, “[...] O debate teórico travado entre os estudiosos sobre a origem histórica do fenômeno [...] é ainda um tanto controverso. Embora nem sempre seja discutido de maneira sistematizada, o surgimento do lazer quase sempre permeia as obras que abordam o tema lazer”. (REIS; CAVICHIOLLI; STAREPRAVO, 2009, p. 64).

<sup>32</sup> Existem muitas perspectivas analíticas sobre os estudos de lazer. Pretendo apenas demonstrar que, apesar de diferenças teóricas, há certo consenso sobre as atividades do professor Gaelzer. Gomes e Melo (2003) realizam uma discussão sobre o desenvolvimento histórico de estudos sistematizados sobre o lazer. Têm como objetivo o que foi e está sendo produzido no âmbito do lazer no Brasil. Nas considerações finais, os autores enfatizam “[...] a importância de compreendermos profundamente a organização de nosso campo, explorá-la e analisar os interesses colocados em jogo.” (p. 42).

<sup>33</sup> A revista Movimento foi fundada em 1994. É uma publicação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Aborda temas relacionados ao campo da Educação Física em interface com as Ciências Humanas e Sociais, mais especificamente em seus aspectos pedagógicos, históricos, políticos e culturais. Para saber mais, é possível acessar: <<http://www.seer.ufrgs.br/Movimento>>.

Gaelzer é um nome projetado nacionalmente, porém é pequena a produção historiográfica a seu respeito. Seu nome já está registrado pelos pesquisadores da História da Educação Física. Há diversas pesquisas sobre o seu trabalho no Serviço de Recreação Pública, sua atuação na Associação de Especializados em Educação Física, contudo a sua figura emerge ainda de maneira tímida. Portanto, apesar da aura em torno de sua pessoa, faz-se necessário descrever suas experiências e vivências para compreender sua proposta.

O objetivo deste capítulo é estabelecer linhas de conexão de uma parte da vida do professor Frederico, compreendendo as inter-relações que se estabeleceram histórica e socialmente. Utilizo, para as análises, a Teoria Configuracional de Norbert Elias.

É importante ressaltar o reconhecimento de Elias nas pesquisas acadêmicas. Sua teoria vem sendo estudada por pesquisadores em diversas áreas, como: a educação física (LUCENA, 2000; 2004; SOUZA, STAREPRAVO; MARCHI JÚNIOR, 2014), a educação (BRANDÃO, 2003; OLIVEIRA, 2005; HUNGER, ROSSI; SOUZA NETO, 2011; LEÃO, 2007; 2012b), as ciências sociais (REIS, 2002; SETTON, 2013), a psicologia (PINHEIRO; LIMA; OLIVEIRA, 2006) e a história (CHARTIER, 2002a; 2002b; 2010; GARRIGOU; LACROIX, 2010; PASSIANI, 2012; VEIGA, 2002; 2010). Nesse sentido, é a partir do olhar interdisciplinar que se fundamenta a análise da teoria eliasiana:

Esse é mais um aspecto a partir do qual se podem facilmente derrubar as cercas artificiais que hoje erigimos no pensamento, dividindo os seres humanos em várias áreas de controle: os campos, por exemplo, dos psicólogos, dos historiadores e dos sociólogos. As estruturas da psique humana, as estruturas da sociedade humana e as estruturas da história humana são indissociavelmente complementares, só podendo ser estudadas em conjunto. Elas não existem e se movem na realidade com o grau de isolamento presumido pelas pesquisas atuais. Formam, ao lado de outras estruturas, o objeto de uma única ciência humana. (ELIAS, 1994b, p.38).

Neste capítulo, não pretendo fazer um estudo com linhas temporais bem definidas com contornos demarcados; afasto-me, também, da sucessão progressiva dos acontecimentos. Meu objetivo é traçar uma rede, um panorama, e entender como esses feixes maleáveis moldaram a trajetória de vida e o pensamento do professor Frederico Gaelzer, pois somente posso compreender as ações individuais

se conhecer as interdependências das configurações que formam os indivíduos. Segundo a teoria eliasiana,

O conceito de figuração distingue-se de muitos outros conceitos teóricos da sociologia por incluir expressamente os seres humanos em sua formação. [...] O modo de sua vida conjunta em grupos grandes e pequenos é, de certa maneira, singular e sempre codeterminado pela transmissão de conhecimento de uma geração a outra, portanto por meio do ingresso do singular no mundo simbólico específico de uma figuração já existente de seres humanos. (ELIAS, 2006, p. 25).

Portanto, minha intenção é analisar as interdependências do professor Frederico a partir da articulação de múltiplas dimensões da vida social – tais como: políticas, econômicas, religiosas e culturais pois, é importante compreender as redes de conflitos e de sentidos construídas nessas relações.

### 3.1 FREDERICO GAELZER: UM ENSAIO BIOGRÁFICO

A maneira pela qual certos historiadores concebem seu trabalho leva a pensar que eles se ocupam exclusivamente de indivíduos e, muitas vezes, aliás, de indivíduos sem figuração, de homens que são totalmente independentes uns aos outros, em todos os sentidos. A maneira pela qual certos sociólogos concebem seu trabalho leva a pensar que eles se ocupam exclusivamente de figurações, e de figurações sem indivíduos, de sociedades ou 'sistemas' que são totalmente independentes dos homens singulares, em todos os sentidos. Essas duas concepções levam ao erro, como vemos. Observando com mais atenção, notamos que essas duas ciências estão somente dirigindo atenção de seus olhos para diferentes camadas, ou níveis, de um mesmo processo histórico. (ELIAS, 2001a, p. 51-52)

No excerto que inicia este subcapítulo, trago a reflexão a respeito da história e da sociologia que Elias<sup>34</sup> realiza no capítulo da introdução do seu livro *A sociedade de corte*. O autor refuta a concepção da história que fundamenta a liberdade do

---

<sup>34</sup> O autor nasceu em Breslau, cidade que fazia parte da Alemanha, em 22 de junho de 1897. Viveu sua juventude no período de ascensão do nacional-socialismo, vendo a chegada de Adolf Hitler ao poder. Estudou psicologia, filosofia e medicina, a qual não concluiu em Breslau, Freiburg e Heildeberg. Foi em Frankfurt que Elias realizou análises interdisciplinares entre a psicologia, a história e a sociologia. Trinta anos depois de publicar uma de suas principais obras – O processo civilizador: uma história dos costumes –, obteve reconhecimento acadêmico.

indivíduo como alicerce de todas as suas decisões e ações. Nesse sentido, postula que a história necessita estudar os indivíduos nas suas posições sociais e as dependências que regulam o exercício da sua atuação.

A teoria proposta por Elias realiza uma análise relacional dos fenômenos sociais. Denominada de teoria configuracional, como já mencionado anteriormente, as configurações são as estruturas sociais nas quais os indivíduos se unem por meio das redes de interdependências. Ele contrasta sua teoria com perspectivas que fundamentam suas análises em determinismos econômicos e que operam com conceitos como superestrutura. Refuta, também, a concepção de tipos ideais e considera inapropriada a separação entre id, ego e superego. (MALERBA, 2011).

Desta forma,

Estas pessoas constituem teias de interdependência ou configurações de muitos tipos, tais como famílias, escolas, cidades, estratos sociais ou estados. (ELIAS, 2008, p. 15).

Em um primeiro momento, apresento a configuração familiar e as redes de interdependência, principalmente as ligações emocionais que constituem um sentimento de pertencimento a um determinado grupo denominado, neste caso, por família. Por conseguinte, é necessário entender: “o que faz com que as pessoas se liguem umas às outras e sejam dependentes umas das outras?”. (ELIAS, 2008, p. 147). Ao carregar comigo essa pergunta durante as análises, minha intenção é demonstrar que as relações entre o professor Frederico e a sociedade em que viveu são indissociáveis.

Refletir sobre as ligações afetivas é analisar a interdependência entre o indivíduo e a sociedade. Assim, “podemos obter uma visão mais completa da teoria sociológica se incluirmos as interdependências pessoais e sobretudo as ligações emocionais entre as pessoas, considerando-as como agentes unificadores de toda a sociedade”. (ELIAS, 2008, p.150). Desse modo, pontua-se que os laços que ligam os indivíduos uns aos outros são construídos por cadeias de relações mais ou menos complexas. E é nesse emaranhado que os indivíduos constituem e são constituídos por formas de conduta e códigos específicos do grupo de pertencimento – neste estudo, trata-se da família do professor Gaelzer.

Por conseguinte, é na configuração que o comportamento dos indivíduos se entrelaça, formando as teias de interdependências. Assim, não considero a família Gaelzer como um núcleo de indivíduos providos de total liberdade para agir. Nessa

perspectiva, considero a pluralidade dos indivíduos interdependentes que, relacionando-se uns com os outros, moldam si próprios e a própria sociedade.

Logo, é importante descrever e analisar a configuração a que o professor Frederico formava para entender suas cadeias de atos. É por intermédio do meio familiar que condutas, hábitos e crenças vão constituindo o indivíduo e o moldando para agir de uma determinada maneira frente à sociedade. (ELIAS, 1993).

Assim, é por meio do conhecimento das relações locais e das redes de interdependência que passo a compreender a complexidade do mecanismo político. Meu interesse não é traçar uma linha retilínea nas análises; desse modo, as particularidades das configurações farão emergir o tecido social multifacetado. E é justamente para deixar transparecer essas interdependências da configuração do professor Frederico que pretendo estabelecer uma relação entre o micro e o macro.

Figura 1 - Frederico Guilherme Gaelzer, 1920.



Fonte: Centro de Memória do Esporte, UFRGS.<sup>35</sup>

Filho de Ema Bender Gaelzer e Guilherme Gaelzer Netto, ambos de origem alemã, Frederico Guilherme Gaelzer nasceu em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, em 29 de julho de 1897. Nesse período, a cidade de Novo Hamburgo<sup>36</sup>,

<sup>35</sup> Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/72716/Gaelzer.jpg?sequence=1>

<sup>36</sup> Novo Hamburgo é uma cidade localizada na região da Colônia Velha Alemã - hoje, mais precisamente, na microrregião geográfica do Vale dos Sinos, na região metropolitana de Porto Alegre (50 quilômetros de distância), no estado do Rio Grande do Sul. Teve seu processo de colonização

chamada de Hamburgo Velho, pertencia ao Segundo Distrito de São Leopoldo. O grupo responsável pela campanha emancipacionista<sup>37</sup> era formado por: Jacob Kroeff Neto, Pedro Adams Filho, Leopoldo Petry, André Kilpp, Júlio Kunz, José João Martins e Carlos Diestbach. (SCHEMES, 2006). É importante ressaltar que todos os membros tinham alguma ligação com o Partido Republicano, e o sentimento pela emancipação era crescente desde o início da República:

[...] em 1897, foi encaminhado um memorial ao Conselho Municipal de São Leopoldo, pedindo a desanexação do distrito, e a formação de um novo município, que se limitaria ao sul com o Rio dos Sinos. O Conselho do município vizinho indeferiu a solicitação, mas esse fato já mostrava o desejo da emancipação política. (SCHEMES, p. 259).

Após esse episódio, os republicanos e os federalistas<sup>38</sup> decidiram unir-se para acelerar o processo de emancipação política. Realizaram um acordo: os republicanos indicariam um nome para a intendência e os federalistas, para vice. (GERTZ, 2002). Foi então, no dia cinco de abril de 1927, que Borges de Medeiros assinava o Decreto nº 3818, denominado de “O Decreto de Ouro”, criando a administração e nomeando o intendente provisório.

É importante pontuar que foi nesse contexto sócio-político que o professor Frederico fez o seu visto consular, o qual foi expedido pelo Gabinete de Identificação e Estatística Criminal do Estado do Rio Grande do Sul, no dia vinte e seis de junho de 1925. No documento, ele se apresenta como natural de Novo Hamburgo. Esse posicionamento pode ter sido tomado por inúmeras razões, porém acredito ser importante registrar tal dado.

---

marcado por imigrantes alemães, desde o início do século XIX. Os primeiros imigrantes chegaram em “Real Feitoria do Linho Cânhamo”, em 25 de julho de 1824, data consagrada por lei estadual de 1924, ano do centenário. Segundo Dreher (1995), a relação entre os portugueses e os imigrantes alemães foi bastante tensa, e havia a necessidade de mão de obra colona, pois o comércio escravagista havia diminuído. Nesse período, a organização urbana era feita por meio de vilarejos que pertenciam ao então município de São Leopoldo. Apresenta a sua estrutura político-econômica desenvolvida, principalmente, no século XIX, com a chegada dos imigrantes alemães na região. (SOUZA, 2012).

<sup>37</sup> Para saber mais, o autor Jeferson Selbach escreveu o livro *Pegadas urbanas: Novo Hamburgo como palco do flâneur*. Ele apresenta um capítulo intitulado: A emancipação municipal.

<sup>38</sup> O Partido Federalista foi fundado em 1892. A maior liderança era exercida por Gaspar da Silveira Martins. O Partido Federalista era opositor ao Partido Republicano Rio-Grandense. Em 1893, aconteceu a chamada Revolução Federalista ou Guerra da Degola, colocando os dois partidos em luta armada.

Figura 2 – Visto Consular de Frederico Gaelzer

Gabinete de Identificação e Estatística Criminal	
53	Registo Civil N.º 10758
A presente cartão vale somente como prova de identidade (Decreto 3.331 de 12 de Junho de 1924). - Ce valable uniquement comme preuve d'identité.	
Frederico Guilherme Gaelzer	
Nascido a 29 Junho 1887	Nacionalidade Brasileira
Né le 29 Juillet 1887	Nationalité Brésilienne
Filho de Guilherme Gaelzer Netto	Natural de Novo-Hamburgo
Fils de Guilherme Gaelzer Netto	Lieu de naissance Novo-Hamburgo
Profissão Director de cultura physica	Residencia Porto Alegre
Profession Directeur de la culture physique	Lieu de résidence Porto Alegre
Instrução tem	ALTURA 1 <sup>m</sup> 67 cms.
Instruction il en a	TAILLE 1 <sup>m</sup> 67 cms.
Estado civil casado	
État civil marié	
CARACTÈRES CHROMATIQUES	
Côr da pelle clara (P. branca)	Couleur des cheveux châtain-moyen
Couleur de la peau claire (P. blanche)	Côr do bigode raspado
Côr da barba raspada	Couleur de la moustache rasée
Couleur de la barbe rasée	Côr da iris esquerda amarelada azul
Côr dos cabellos castanha media	Couleur de l'iris gauche jaune-azur

Fonte: Centro de Memória do Esporte, UFRGS<sup>39</sup>.

Ema Bender, mãe de Frederico, era uma mulher que teve uma educação refinada, pois estudou em uma escola para moças no Rio de Janeiro. Seu pai, Guilherme Gaelzer Netto, também recebeu uma educação esmerada. Guilherme Gaelzer Netto foi educado na fé luterana e aprendeu as primeiras letras em português e alemão. Ingressou na Escola Militar, porém terminou seus estudos secundários na Alemanha.

A presença da família Gaelzer está relacionada a muitos acontecimentos históricos vividos no sul do País, bem como no exterior. Guilherme Gaelzer Netto (pai de Frederico) nasceu sob as faíscas do conflito dos Mucker na localidade do Ferrabraz, hoje município de Sapiranga.

João Sehn, avô de Guilherme Gaelzer Netto, foi casado com Maria Elisabeth Carolina Krieger e tiveram nove filhos, entre eles Maria Sehn<sup>40</sup> (mãe de Guilherme Gaelzer Netto). João possuía terras junto às colônias, servindo de espaço de

<sup>39</sup> Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/104415?show=full>>.

<sup>40</sup> Para saber mais, conferir: DOMINGOS, Moacyr. **A nova face dos Mucker**. São Leopoldo: Rotermund, 1977.

discussão das elites políticas da região. Sua residência era um local de encontro entre católicos, protestantes e seguidores dos Mucker, religião à qual a maioria das pessoas de sua família tornaram-se adeptos. Conforme Schupp<sup>41</sup>, “Como a moradia de Sehn se apresentasse tão vasta e não houvesse capela nas proximidades, muitas vezes se celebrava ali o culto católico ou a missa”. (1993, p.53). Assim, as pessoas da região tornaram a casa de João Sehn um espaço de sociabilidade.

O pai de Guilherme Gaelzer Netto, Henrique Guilherme Gaelzer, foi filho de um comerciante que, segundo Petry (1966), tornou-se importante, pois trazia mercadorias da capital que eram vendidas na região de Taquara. Logo, o envolvimento entre Maria Sehn e Henrique Guilherme Gaelzer ocorreu porque as famílias mais abastadas estreitavam laços a partir do enlace matrimonial (AMADO, 1978). Ao se casarem entre si, essas famílias criavam fortes laços sociais e uma grande coesão interna. Tal coesão possivelmente gerava normas de conduta e criava uma sensação de pertencimento comunitário.

Portanto, deveria haver respeito e concordância em relação às posições internas familiares, mas nem por isso deixava de existir conflitos e tensões, que deviam ser tratados para que as famílias e suas estruturas fossem preservadas. Para Elias, quando os indivíduos aceitam as regras construídas, há um alto grau de coesão<sup>42</sup>, o que pode explicar, em determinados aspectos, a ascensão política e o apoio comunitário obtido por Frederico.

Henrique Guilherme Gaelzer casou-se em uma cerimônia própria presidida pela Líder Mucker, a única realizada na localidade – tal movimento messiânico dos Mucker era liderado por Jacobina Mentz Maurer. Sua esposa era filha de João Sehn, um homem abastado de muito prestígio na região, próspero colono. Era um homem bem relacionado com o clero, hospedando padres para celebrar os ofícios religiosos

---

<sup>41</sup> É importante destacar que Ambrósio Schupp foi um jesuíta alemão que chegou ao Brasil em 1874. Há, nesse sentido, de certa forma, uma narrativa negativa em relação ao grupo liderado por Jacobina Maurer. Para verificar outras versões, consultar: Leopoldo Petry (1957), Janaína Amado (1976), João Guilherme Biehl (1991) e Maria Amélia Dickie (1996).

<sup>42</sup> Para este estudo, é interessante a análise de Amado sobre os matrimônios das famílias mais abastadas. É na obra “Os Estabelecidos e os Outsiders” que os autores Elias e Scotson escrevem sobre as relações de poder e as normas de socialização que são estabelecidas em uma pequena comunidade industrial. Os autores realizam um estudo etnográfico em uma pequena cidade inglesa, sob o nome fictício de Winston Parva. Essa cidade recebeu um grupo de imigrantes que iniciaram uma nova ocupação na cidade, por causa da industrialização. Porém, habitavam na cidade moradores antigos que lá estavam há muitas gerações. Nesse sentido, a cidade se dividiu entre dois grupos: o mais antigo e o grupo dos recém chegados. O primeiro grupo, que recebera o nome de “estabelecidos”, era coeso e estabelecia as regras sociais, as normas e os padrões que todos deviam seguir, pois possuíam “uma identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência”. (2000, p. 7).

na região. João Sehn também foi descrito como “[...] um homem honrado e singelo. Também se apresentava simples e sem luxo o arranjo da sua casa. Distinguia-se, contudo, de muitas outras por dois aspectos: era feita de pedra e, além disso, instalada assim, que semelhasse a um sobrado” (SCHUPP, 1993, p.53). Logo, foi o apoio financeiro dos Mucker.

Guilherme<sup>43</sup> tinha apenas seis meses de vida quando o Exército Imperial Brasileiro ateou fogo, em 19 de julho, em sua casa. Assim, sua mãe e avó morreram ao tentar salvá-lo das chamas.

Sua carreira profissional bem-sucedida passa pela prefeitura de São Leopoldo, tendo sido declarado Prefeito Honorário em 1957<sup>44</sup>. Porém, antes, em 11/03/1902, assumiu pela primeira vez a Intendência de São Leopoldo, cargo de onde saiu somente em 11/10/1916. Foi reeleito em 1904, 1908 e 1912. Em sua administração, construiu uma ponte sobre o Rio dos Sinos, além de outras pontes e estradas na região. Construiu, também, uma usina hidroelétrica, assegurando o abastecimento da região. (PORTO, 1934).

Tais feitos ficam evidenciados no excerto do jornal *A Federação* (2/12/1903, p. 1):

S. Leopoldo é um dos municípios mais importantes do estado, sob todos os pontos de vista. A Exposição Estadual de 1901 atesta brilhantemente o progresso e desenvolvimento das variadas indústrias que ali prosperam. A principal preocupação do esforçado Intendente visou logo multiplicar os melhoramentos materiais, realizando inúmeras obras entre as quaes destacam-se as seguintes: reconstrução da ponte no passo do ‘Pinhão’. [...] Compostura da ponte sob o arroio ‘Weinz’, no 2º districto. [...] Compostura da ponte sobre o rio Cadêa, na picada Café. [...] Reconstrução da ponte perto do passo dos ‘Corvos’ no 1º districto. [...] Compostura das pontes no Campo Bom, Arroio Nrande, Nova Palmyra e Harz-Picada. [...] Em projeto acha-se a construção da importantíssima estrada de rodagem que deverá ligar a estação da Sapyranga com a Picada do Herval.

Outro cargo importante assumido pelo coronel<sup>45</sup> Guilherme foi o de delegado de polícia. Não realizou somente serviços para a justiça estadual, como também

<sup>43</sup> Guilherme Gaelzer Netto foi considerado por Domingos como o primeiro “filho da seita” (1977, p.240).

<sup>44</sup> O Prefeito Municipal de São Leopoldo, Paulo Couto, assinou a Lei Municipal nº 710, de 16/01/1957.

<sup>45</sup> Guilherme Gaelzer Netto atingiu a patente de Coronel e comandou a 59ª Brigada de Cavalaria na Revolução Federalista de 1893. Segundo Fernandes (2015), “no período republicano, os mandatários políticos regionais e locais utilizavam o título de Coronel como instrumento de manutenção de seu poder político e prestígio junto ao eleitorado, junto aos seus ‘currais eleitorais’. Ser ‘Coronel’ gerava ‘respeitabilidade’ aos indivíduos que portassem este título e despertava um ‘temor reverencial’ por

para a federal. Em outro excerto do jornal *A Federação*, consta a indicação de Júlio de Castilhos para ambos os cargos exercidos pelo coronel:

Não há quem não saiba, quem não conheça os grandes resultados obtidos neste município, pela policia judiciaria, no nobre afan de reprimir o crime, defendo com criteriosa energia os interesses da sociedade, que em boa hora lhe foram confiados. E tudo isso deve-se na maior parte à solicitude do coronel Gaelzer, que fez de seus arduos cargos um verdadeiro sacerdocio. Sereno, justo mas inflexível; alheio à degradante, lhe movem pequeninos inimigos, espíritos retrogradados e mal orientados, s. s. segue desassombradamente a sua brilhante marcha na espinhosa estrada da vida publica, com a calma e com a abnegação próprias de um caracter diamantino e de uma alma de eleição. A elevação de s. s. ao cargo de intendente deste município, é mais uma brilhante prova do tino político do benemérito chefe, o exm. sr. dr. Julio de Castilhos, que possui em alto grau essa grande força de penetração, que descobre nos homens, em um golpe de vista, qualidades preciosas, dignas de serem postas ao serviço da Pátria. (22/09/1903, p. 2).

Nessa mesma edição, há uma reportagem sobre a comemoração do dia 20 de Setembro que versa sobre retratos da primeira página do jornal *Correio do Município*, de São Leopoldo. Os retratos estampados são de Julio de Castilhos, de Borges de Medeiros e do coronel Guilherme Gaelzer. Acompanha os retratos a seguinte escrita:

[...] No dia em que festeja o aniversario da heroica Republica de 1835, o *Correio do Município*, traduzindo o pensamento unânime do Rio Grande do Sul, presta esta homenagem ao grande e immaculado chefe, a quem está destinado o papel glorioso prophetizado pelo immortal marechal Floriano. [...] Na luminosa historia da administração rio-grandense, brilhantes são as paginas da vida publica desse egrégio patricio, que tem dedicado toda a sua fecunda actividade, todo o seu vasto talento e toda a sua illustração aos interesses do nosso Estado, imprimindo aos negócios públicos uma direcção sabia, honesta e progressista, seguindo assim a estrada luminosa sulcada pelo illustre estadista dr. Julio de Castilhos. (*A Federação*, 22/09/1903, p.2).

Em 18 de outubro de 1905, o jornal *A Federação* publica uma mensagem que o coronel Guilherme redigiu ao conselho municipal de São Leopoldo. Nesses

---

parte da população. Da mesma forma, colocava o portador do título acima de seus correligionários". (p. 96).

escritos, havia uma homenagem ao chefe do Partido Republicano, Borges de Medeiros:

[...] Não visam estas linhas estereotipar sua leitura moral e menos esboçar os traços vigorosos de sua invejável compleição de administrador emérito e político experimentado. [...] Ao demais, os serviços sociais, as virtudes cívicas inegaláveis, os altos dotes de estadista consumado que se consubstanciam na personalidade moral e política do benemérito chefe do governo rio-grandense e supremo orientador das virtudes republicanas, são cousas sobejamento conhecidas, dentro e fóra do Estado, para que careçamos de exequilas. (p.1).

As reportagens dos jornais indicam a ligação entre a família Gaelzer, na figura do coronel Guilherme, e membros importantes do Partido Republicano Rio-Grandense. Guilherme Gaelzer foi Intendente de São Leopoldo e principal liderança local do PRR nos anos de 1902 a 1916<sup>46</sup>. Logo, esse vínculo é produzido na rede das relações de interdependência que marcam os indivíduos da configuração (família) por limites e possibilidades.

Outro fato importante na vida do coronel Gaelzer e que interfere na configuração é a nomeação, em 1920, realizada pelo presidente Epitáfio Pessoa, como Diretor do Serviço de Propaganda na Alemanha. Segundo Fernandes,

Outro aspecto relevante na trajetória de vida de Gaelzer Netto é o fato de ter transitado com desenvoltura por diferentes períodos da história política brasileira, ou seja, sua atuação abrange os períodos da Primeira república, da Revolução de 30, do Estado Novo e do período de redemocratização. Como delegado de polícia de São Leopoldo, intendente municipal, representante comercial, tecnocrata e adido diplomático, cargos ocupados ao longo de sua vida, acumulou um “capital simbólico e social” bastante significativo que foi utilizado para transitar em meio a amplos e distintos segmentos da sociedade brasileira e internacional, bem como sobreviver aos diversos períodos da história política do Brasil e da Alemanha. (2015, p. 38).

Relatando as influências do Cel. Gaelzer Netto, Fernandez descreve sua relação com a secretária da embaixada inglesa e com o embaixador peruano, ambos considerados amigos íntimos.

---

<sup>46</sup> Para saber mais, conferir: MOEHLECKE, Germano Oscar. **São Leopoldo**: contribuição à história da vida política e administrativa (1824-2010). São Leopoldo: Oikos, 2011.

Elementos destacados dos quadros políticos da sociedade brasileira e da comunidade étnica alemã colaboraram com a SEF. Um deles foi o ex-intendente municipal de São Leopoldo, Ten. Cel. Gaelzer Neto. Sua atuação foi muito importante, pois mediou as tratativas de trabalho conjunto com a Cruz Vermelha Brasileira, assim como atuou em prol da SEF junto aos círculos políticos da capital do país. (FERNANDEZ, p. 121).

O Kaiser dos Trópicos teve quatro filhos: Frederico Guilherme Gaelzer, Martha Gaelzer, Luiz Emílio Gaelzer e João Luiz Gaelzer. Todos os filhos “[...] tiveram uma educação esmerada. Todos eram políglotas e dominavam espanhol, alemão, francês, inglês e, inclusive, sueco. Um dos mais destacados foi **Frederico Guilherme Gaelzer**”. (FERNANDES, 2015, p. 98, grifo meu). O coronel Guilherme Gaelzer ambicionava para seus filhos o êxito social e intelectual, demonstrado na oferta da formação educacional no exterior.

O professor Frederico Gaelzer era conhecido pelas posses que sua família tinha, além de ser reconhecido pelos laços familiares influentes em todas as esferas do Estado.

O Gaelzer – tu conheces bem mais do que eu até – era de uma família de relativos recursos... Ele foi estudar na Alemanha, o pai dele era chamado de Cônsul da Alemanha, era chamado de “Kaiser” de São Leopoldo - o Kaiser era um apelido, uma pessoa muito conceituada lá. (Depoimento, LICHT<sup>47</sup> II, p.6).

A família exercia uma grande influência nas escolhas profissionais do professor Frederico. Ele cursou o “segundo grau” na Alemanha, retornando para realizar a prova da Marinha, que era o desejo da família.

Meu pai passou a sua primeira infância no Brasil e depois foi estudar o que seria, vamos dizer, eu acho que, na época, o ginásio e o ‘segundo grau’, na Alemanha, e lá ele ficou interno em um colégio. Nesse meio tempo, ele veio para o Brasil em férias e estava por

---

<sup>47</sup> Nascido em 18 de novembro de 1921, em Porto Alegre. Graduado em Medicina pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com especialização em Medicina da Educação Física e Desportos. Recebeu os seguintes títulos: Troféu do Comitê Olímpico Brasileiro, Benemérito do Esporte Gaúcho da Confederação Brasileira de Remo e do Esporte Escolar do Rio Grande do Sul. Foi idealizador dos Jogos Intermunicipais do Rio Grande do Sul (JIRGS), do Fundo de Amparo ao Esporte Gaúcho, do Museu de Desportos do Estado do Rio Grande do Sul. Foi diretor-geral do Departamento de Esportes do Estado do Rio Grande do Sul, professor da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Recebeu o título honorífico de Cidadão Emérito de Porto Alegre, concedido pela Câmara Municipal sob a Resolução n. 1879, de 21 de dezembro de 2004 (Proc. 5276/04 – Ver. Professor Garcia).

prestar, o que seria um vestibular, para entrar na Marinha. Ele fez este tal de vestibular e ficou, mas toda a sua família estava em férias na Europa, e a minha avó veio a falecer nesta viagem. Ele era o único que estava no Brasil, que não estava com ela na hora da morte. Não pôde ficar junto com a família, porque, justamente, ele ia fazer essa prova de ingresso na Marinha. Não era o que ele queria. Depois ele ria muito porque não era o objetivo dele. Mas, como ele tinha uma grande figura na família materna, que era Tio Hoffman, um marechal da Marinha, então queriam que ele continuasse, botasse os Hoffman e os Bender dentro da Marinha. Ele fez a prova, mas não passou. (Depoimento, WERTHEIMER<sup>48</sup>, 2003, p.1).

Em torno de seus vinte anos, foi para os Estados Unidos, primeiramente para estudar medicina. Porém, cursou Educação Física e Lazer na Universidade de Illinois, em Chicago.

E ele gostava da educação física e resolveu ir para o Estados Unidos e na Universidade que ele cursou lá... Não sei se ele chegou a fazer o curso regular, acho que não, ele foi mais estagiário. [...] E ele veio todo esperançado e chegou em Porto Alegre e não encontrou nada. (Depoimento, LICHT II, p.6).

Entre os anos de 1921 (ano de sua formatura) e 1922, o professor Frederico é designado pela Associação Cristã de Moços (ACM) para implantar uma sede no Uruguai.

O que eu sei, era comentado pelo meu pai. Ele tinha estado no Uruguai. Não sei te dizer quanto tempo, mas ele morou no Uruguai fazendo trabalho na ACM, e no âmbito governamental do Uruguai. Paralelo ao trabalho da ACM, ele também fez as praças de esportes no Uruguai. Antes de ele vir para o Brasil, ele queria deixar a sementinha lá. Porque era isso que ele tinha vivenciado nos EUA, aprendido e queria propagar na América Latina e tanto é que – não sei se eu já comentei sobre o México – que ele também viveu no México, depois que saiu dos Estados Unidos. (Depoimento, WERTHEIMER, 2003, p. 5).

No começo do século XX, a população da cidade de Porto Alegre estava constituindo novas formas de sociabilidade. Foi por meio do cinema, do teatro, das cafeterias, dos hotéis e dos restaurantes que as funções de sociabilidade foram sendo modificadas do âmbito mais íntimo e privado para uma esfera mais pública e coletiva. Novas formas de comportamento foram sendo aprendidas nos espaços de convivência coletiva, no âmbito das atividades de educação, esporte e lazer.

---

<sup>48</sup> Filha do segundo casamento do professor Frederico, irmã de Lênea Gaelzer.

É interessante ressaltar que, na cidade, em cada cafeteria, apresentava-se um grupo social distinto de frequentadores. Assim,

[...] na esquina da ladeira havia o café Colombo, [...]. Pouco adiante, na altura do Edifício Santa Cruz, estava o Café Nacional, reduto dos esportistas de todos os clubes e de todas as modalidades. [...]caminhando-se mais um pouco, encontrar-se-ia outro Café Nacional, na esquina da rua do Rosário, onde se reuniam os adeptos dos esportes aquáticos. Os políticos se reuniam no América, no largo dos Medeiros e, na Praça da Alfândega esquina com Sete de Setembro, havia mais um Café Nacional, reduto dos turfistas. (AMARO JR. apud LEWGOY, 2009, p. 06).

Os cinemas, os restaurantes, as confeitarias, os bares e os cafés eram o palco onde a vida pública da cidade de Porto Alegre acontecia. Nesse sentido, tornaram-se espaços públicos tipicamente urbanos que “concentravam formas de sociabilidade, exibindo a difusão de um estilo de vida relacionado ao Ideário da Modernidade e suas influências no ethos e visão de mundo dos grupos sociais urbanos [...]” (LEWGOY, 2009, p.7). É a partir desse encontro entre os grupos sociais que os indivíduos estabelecem laços, convivendo com o outro e para o outro. Por conseguinte, a sociação<sup>49</sup> apresenta-se como um sentido de interação social apresentando-se em forma de aproximação/distanciamento, conflito/convergência; é qualquer forma de encontro social entre indivíduos no cotidiano e que faz parte da vida dos indivíduos. Assim, é nessa interação nesses espaços sociais que estão as “formas que tomam os grupos de homens, unidos para viver uns ao lado dos outros, ou uns para os outros, ou então uns com os outros”. (SIMMEL, 1983, p. 47).

Gilberto Velho aponta que, para Simmel, a mudança é constitutiva da vida social:

A sociedade está mudando o tempo todo, desde o nível que nós poderíamos chamar do cotidiano, do micro, do encontro amoroso, do casamento, dos encontros em todos os níveis, e por isso mesmo o sistema não pode ser pressuposto. São os indivíduos associados em relações de maior ou menor conflito ou harmonia que fazem a vida social. (2001, p. 28)

---

<sup>49</sup> Utilizo, aqui, o conceito de Simmel, que enfatiza a perspectiva de mobilidade e dinamismo das interações sociais. Conforme o autor, “admite-se que o conflito produza ou modifique grupos de interesse, uniões, organizações. [...] é uma forma de sociação”. (1983, p. 122). Para saber mais: SIMMEL, Georg. Sociologia do espaço. **Estud. av.**, São Paulo, v. 27, n. 79, p. 75-112, 2013 .

Frequentador assíduo do Café Nacional, Frederico era amigo de Newton Silveira Netto, um dos donos do estabelecimento:

[...] conheces o episódio do Newton Silveira Netto? O Newton Silveira Netto era um dos donos do Café Nacional, proprietário do Café Nacional e muito ligado ao esporte, especialmente ao Grêmio Náutico União do qual foi presidente. Aí o Newton Netto<sup>50</sup>, como dono do Café Nacional foi uma vez à fronteira – tenho a impressão que a cidade era Rivera – e foi lá para montar talvez algum café na cidade de Rivera. E foi no Uruguai, e vendo no Uruguai as praças de esporte, ficou impressionadíssimo com estas praças de esportes. (Depoimento, LICHT II, p. 6-7).

Depois que voltou ao Brasil, segundo depoimento, o professor Frederico, não conseguiu colocar em prática algumas ideias que vinha trabalhando ao longo da sua formação. Bastante decepcionado, pensava em ir embora do Rio Grande do Sul. Conforme o depoimento a seguir,

Ele ficava brabo, resmungava mas era uma pessoa ótima, E ele veio esperançado e chegou em Porto Alegre e não encontrou nada. Não eram hostis mas indiferente. [...] queria ir embora. Estava meio desarvorado aqui [...]. (Depoimento, LICHT II, p. 6).

Foi por meio da ligação de amizade com o Newton que o professor Frederico conseguiu ser apresentado para um deputado, Carlos Soares Bento.

Tu podes imaginar um diálogo entre eles: o Gaelzer queria ir embora, muito titulado, naquela época ninguém tinha titulação e além de tudo, gostando da coisa. Não sabia para onde ir, se ia para Rio, tinha vários lugares que ele estava pensando em ir embora. E o Newton, era muito amigo de um deputado, naquele tempo... Como era o nome dele? Daqui a pouco vem o nome dele, o apelido era

---

<sup>50</sup> Nunes pesquisa como a louçaria de mesa empregada por estabelecimentos comerciais da capital gaúcha agiu na produção e na manutenção de grupos sociais identificados com um estilo de vida urbano, elitista e moderno. O autor versa sobre alguns cafés no centro da cidade no começo do século XX. Logo, é interessante ressaltar o envolvimento que o professor Frederico possuía com empresários da capital. “Na cidade de Porto Alegre, em 1914, Fábio Netto, Flávio Silveira Netto e Newton Silveira Netto montaram uma sociedade comercial denominada Fábio Netto & Companhia – Empresa Nacional de Propaganda – Café Nacional [...]. Entre 1917 e 1918, havia somente uma loja do Café Nacional localizada na Rua Marechal Floriano, contudo, entre os anos de 1921 e 1922, além da loja matriz, o Café Nacional contava com duas filiais também situadas no centro da cidade. Em 1938, a empresa contava com dez pontos comerciais na cidade de Porto Alegre: nove cafeterias e uma sorveteria [...]. Afora alguns dos estabelecimentos comerciais citados acima, dedicados à venda do ‘cafezinho’ ao consumidor final, a empresa Fábio Netto & Companhia também tinha como objetivo principal ‘a torrefação e a moagem de café, com a exploração concomitante de bar e seus derivados, dentro do território do Estado do Rio Grande do Sul, podendo, no entanto, ser estendido ao resto do país e ao estrangeiro e sendo facultativo ainda abranger outros ramos de negócio.” (NUNES, 2014, p. 136-137).

Almirante: era o Carlos Soares Bento. Ele era deputado e o Newton pediu, naquele tempo se pedia, que ele interferisse junto à Prefeitura, eu acho que era o tempo do Otávio Rocha, e evidente ele foi levado a Prefeitura, e deram a possibilidade de ele trabalhar lá. Em pouco tempo ele já era o diretor: criaram o serviço no qual ele foi o diretor, e evidentemente, aí vem a era Gaelzer que foi, inclusive, enquanto ele foi vivo: ele sempre foi um dos líderes. (LICHT II, p. 7).

Quando retorna ao Brasil, em 1924, o professor Frederico inicia seus estudos sobre as praças da cidade. Foi então, em outubro de 1926, que o “Systema de Jardins de Recreio” foi iniciado. O prefeito de Porto Alegre, Doutor Otávio Rocha, convidou o professor Frederico Guilherme Gaelzer para planejar as atividades relacionadas a esse órgão.

Porém, até 1948 não pode este Serviço apresentar realizações ponderáveis, como era de se esperar, em virtude de estar ele na interdependência da Diretoria de Obras, onde não encontrou a necessária compreensão de suas finalidades educacionais e portanto, a carência de verbas.

Em 9 de abril de 1948, o Sr. Prefeito Municipal, Dr. Gabriel Pedro Moacyr, dando cumprimento ao que dispõe o artigo 10º do Ato das disposições Transitórias da lei Orgânica, nomeou, em Portaria nº 259, uma comissão para “estudar a localização do parque Náutico Municipal e das Praças de Educação Física, estas em todos os bairros da cidade e nos distritos” (Boletim Técnico Informativo, 1953, p. 5).

Porém, somente “em 27 de novembro de 1950, o prefeito, pelos Decretos Leis nº 500” (BOLETIM TÉCNICO INFORMATIVO, 1953, p.5-6) e nº 501, cria o Serviço de Recreação Pública.

É importante ressaltar que,

Entre 1926 e 1964, foram desenvolvidas no Brasil, pelo menos 03 grandes experiências de recreação conduzidas pelo poder público; (1) a recreação pública promovida pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, liderada por Frederico Guilherme Gaelzer (1926-1955); (2) a experiência da Divisão de Educação e Recreio do departamento de Cultura e Recreação da Prefeitura Municipal de São Paulo, liderada por Nicanor Miranda (1935-1947); e a (3) experiência do serviço de Recreação Operária liderada, em sua primeira fase, por Arnaldo Sussekind (1943-1964). (GOMES apud PEIXOTO; PEREIRA, 2014, p. 169).

Como Frederico atuou junto à ACM, é importante relatar que, sob uma perspectiva higienista, como convinha à época, a Associação Cristã de Moços

realizou, na cidade do Rio de Janeiro, o 1º Congresso Brasileiro de Hygiene, em 1923, “apresentando naquele congresso tese específica sobre a educação física.” (SOARES, 1994, p.132). Já em Belo Horizonte, em 1924, realizou-se o 2º Congresso Brasileiro de Hygiene unindo a Educação Física e a Higiene, tendo como objetivo a formação “eugênica da raça”. (SOARES, 1994, p.134).

Pesquisando sobre a Associação Cristã de Moços, conseguiu-se vincular essa entidade a outra associação: a Associação Brasileira de Educação<sup>51</sup> (ABE). Essa associação era ligada à Educação e ao Sistema Escolar, mas outros espaços educativos também foram analisados. A ABE preconizava uma educação integral<sup>52</sup> e uma escola que ensina pela vida. Foi em 1929 que a ABE estreitou laços com a Associação. Em Porto Alegre, essa instituição realizou cursos de curta duração destinados à formação profissional em Educação Física.

As Praças de Esportes e as Praças de Recreio foram temas importantes debatidos entre a ACM e a ABE. Essas construções de espaços recreativos tiveram grande relação com o ideário da vida citadina e com a pedagogia moderna. Com isso, as praças e as escolas convergiram para um objetivo comum, tendo o mesmo espaço e tempo. Pensando em espaços diferenciados de educação, como as praças em Porto Alegre, trago Lourenço Filho, que escreve:

Dentro de cada escola com mais de uma classe de alunos, igualmente se tratou de propor trabalho conjunto, em auditórios, jogos e recreação organizada, clubes e associações de alunos. Estes últimos, sob direção dos próprios alunos, discretamente orientada, tomaram a denominação de instituições escolares, no sentido de grupos sociais da própria escola, considerada como uma comunidade em miniatura, para nos servimos de uma expressão que Dewey tornou corrente (1978, p.135).

Por isso, há necessidade de se ocupar um espaço institucional que é repleto de significados, onde há um procedimento a ser seguido e um tempo a ser “esgotado”. E é nessas Praças de Educação Física que “o interesse institucional em educação, esporte e recreação eram prementes” (CUNHA; MAZO; STIGGER, 2010,

---

<sup>51</sup> A Associação Brasileira de Educação surgiu na década de 1920. Entre seus presidentes, estão Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo. Diversos intelectuais da ACM fundaram ou fizeram parte da entidade.

<sup>52</sup> Um acontecimento marcante para a história da educação no Brasil foi a publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932, redigido por Fernando de Azevedo e lançado pela ABE.

p. 13), tendo como objetivos a transmissão das tradições da raça e a formação de uma cidadania prestante.

É, assim, a partir do século XX que os porto-alegrenses começam a utilizar as praças enquanto espaços públicos de lazer. Nesse período, segundo Ghiraldelli (1989), a Educação Física regia um projeto de assepsia social, e o meio para atingir tal objetivo era educar a alma e o corpo, por meio de um programa escolar-curricular rígido. “Só é perfeita a educação quando à cultura psíquica se justapuzer a cultura física” (BOLETIM TÉCNICO INFORMATIVO, 1953): assim era concebida a educação das praças de Porto Alegre, aliando lições morais e cívicas aos exercícios ginásticos.

A intenção desse capítulo foi estabelecer linhas de conexão da vida do professor Gaelzer e da constituição dos Jardins de Recreio, bem como do Serviço de Recreação Pública. Para tanto, utilizei da Teoria Configuracional, de Norbert Elias, para compreender as redes de interdependência.

No capítulo a seguir, escrevo um pequeno histórico da cidade de Porto Alegre, unindo sua história à criação das praças Jardins de Recreio. Relato, também, como algumas culturas se apropriavam das praças ao longo de um tempo histórico.

#### 4 “A MINHA CASA FICA LÁ DETRÁS DO MUNDO”

No século XX a prenda faceira embarcou com firmeza no trem da história, então parado numa terceira estação cultural: se casou com o progresso, o herói do momento, se vestiu de madame, dançou tango e gerou herdeiros modernos que ouviam jazz e bossa nova. Seus filhos construíram o novo destruindo o velho, ergueram muros cinzentos diante de janelas luminosas, traçaram pontes e aposentaram barcos, aterraram a água e aguaram a terra. Tanto causo, tanta coisa, que a memória apaga e que a história salva, ou inventa!

Andréa Soler Machado<sup>53</sup>

Tomando as palavras de Andréa Machado como propulsoras para a construção deste capítulo, sinto-me instigada a realizar uma construção histórica que contribui para contextualizar o objeto de minha problematização. Na epígrafe trazida para a abertura deste capítulo, a autora escreve a respeito do progresso, da modernidade e da construção do novo e essa tríade acompanhará as escritas das próximas páginas.

Minha intenção nesse momento é convidar o leitor a se transportar para o passado e mergulhar nas transformações da cena urbana da época, como uma possibilidade de aproximação da cidade por meio dos vestígios de suas histórias. Proponho, nesse capítulo, realizar um contexto, ainda que superficial, da cidade de Lupicínio Rodrigues<sup>54</sup>.

Assim, trago para esta escrita, mais precisamente para o título deste capítulo, um excerto da música Felicidade, com objetivo de inserir o leitor na musicalidade, por meio da poesia, e no espaço, por meio da fotografia, do início do século XX, para contar um pouco da história da cidade de Porto Alegre. Para Elias (1998), tempo e espaço estão imbricados; por isso, precisam ser estudados conjuntamente.

Deste modo, neste capítulo, a centralidade está em compreender o tempo no contexto em que é produzido e o espaço como relevante na configuração das relações sociais – uma vez que o entendimento de contexto urbano é condição para a compreensão do processo de instauração dos Jardins de Recreio, ou seja, são as

---

<sup>53</sup> Arquiteta, Professora do Departamento de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>54</sup> O músico nasceu em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, em 16/09/1914, na Ilhota, bairro pobre da Cidade Baixa. Suas músicas nasciam de fatos reais; escrevia sobre o amor e a sua vida.

condições de possibilidade para que as ideias do professor Frederico Gaelzer fossem implementadas naquele contexto histórico.

Apresento, desta forma, na próxima figura, a Alto da Bronze – a primeira praça a ser instaurada um Jardim de Recreio. É importante ressaltar que refuto a concepção de que essa composição fotográfica seja um “espelho” ou uma “fotografia instantânea”. Portanto, é um processo dinâmico, aberto, inacabado, compreendendo as transformações ao longo do tempo. Logo, a realidade não é algo natural, e sim historicamente construída. Em seu livro *Testemunha Ocular*, o historiador Peter Burke discute o uso das pinturas e das fotografias com foco na cidade. Segundo o autor, a paisagem no contexto da cidade possibilita um cruzamento de dados – da forma objetiva das imagens com as interpretações para além do espaço. Para Pesavento (2002), a identidade urbana representa um referencial simbólico de identificação que remete às imagens concretas da cidade, integrando-se a um imaginário social construído sobre a urbe. É, então, com essas lentes que olho para a imagem.

A foto, de 1929, mostra a praça enquanto espaço de encontro e atividades, principalmente de crianças e jovens. A figura também demonstra que o público maior da praça era de meninos e jovens do sexo masculino<sup>55</sup>.

A atual Praça General Osório já apresentou diversos nomes ao longo de sua história e teve seu principal nome, Alto da Bronze, inspirado no apelido de uma prostituta. A praça foi imortalizada por meio de uma composição musical, do sambista Paulo Coelho. É interessante perceber a relação dos cidadãos porto-alegrenses com as praças, tomando como exemplo a quantidade de manifestações culturais<sup>56</sup> que apresentam como tema esse espaço. Percebe-se, assim, que “[...] a

---

<sup>55</sup> O foco desta pesquisa não foi analisar as questões de gênero nesses espaços. Porém, não há como não notar a grande presença masculina na foto. Segundo Goellner (2006, p.4), “a ampliação da participação feminina em diferentes espaços sociais, dentre eles os esportivos, não se deu sem a presença de conflituosas reações, pois simultaneamente mesclava-se a herança de um recente passado colonial, agrário e cristão e o devir de um futuro moderno, industrial e não menos cristão de forma a equipar duas exigências complementares e contrapostas: a permanência da mulher no lar porque mãe e guardiã dos valores morais da família e a sua fluência na rua porque integrante de uma cidade que principiava a oferecer extraordinárias novidades de consumo e diversão”. Deste modo, as tarefas, conforme documentos, eram realizadas de acordo com uma classificação por seção (feminina e masculina): categoria de menores (meninos e meninas), categoria senhoritas, categoria rapazes e categoria moços (GAELZER, 1930). Nota-se, então, que havia a preocupação em inserir as mulheres nas atividades, porém em menos categorias, as quais eram diferenciadas das dos homens.

<sup>56</sup> Em 1993, Juremir Machado da Silva escreveu o livro *A Prisioneira do Castelhinho do Alto da Bronze*. A história de Nilza Linck foi descrita a partir de depoimentos. Para saber mais, conferir o texto disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticia/2009/08/lenda-urbana-a-prisioneira-do-castelo-do-alto-da-bronze-mais-de-meio-seculo-depois-2631330.html>>.

música tem sido, ao menos em boa parte do século XX, uma tradutora dos nossos dilemas nacionais e veículo de nossas utopias nacionais”. (NAPOLITANO, 2002, p. 7).

Figura 3 - Praça Alto da Bronze, 1929.



Fonte: Centro de Memória do Esporte, UFRGS<sup>57</sup>.

Presas à fotografia, que retrata os seus “recantos”, está a cidade de Porto Alegre. Capturada pelas lentes do fotógrafo, ela nos remete a outro tempo. Para Pradilla,

A cidade é, em primeiro lugar, concentração. É concentração territorial de povoação, concentração territorial de atividade econômica, de relações sociais, de cultura. O elemento definidor de cidade é a concentração, mas especialmente a concentração de relações sociais. Isso, evidentemente, é algo que se modifica no tempo. Desde o início do século XIX, as cidades são compactas, delimitadas, têm um fim. (2015, p. 47).

Tomo, aqui, a ideia de cidade sob três perspectivas complementares; são elas: a materialidade, a sociabilidade e a sensibilidade (PESAVENTO, 2007). A urbe

---

<sup>57</sup>Disponível

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/9944/Rq1000000160.jpg?sequence=1>

é erguida por meio da ação do homem; é criada pelo homem. Há uma porção de ruas, becos, avenidas e praças. Assim, “[...] é pela materialidade das formas urbanas que encontramos sua representação icônica [...]”. (PESAVENTO, 2007, p.13).

Ela é marcada por relevo, entretanto é, também, forjada em uma teia de significados e sentidos, por isso é sociabilidade. Nela, há diversos atores sociais em constantes conflitos e interações. Nesse sentido, “a cidade é concentração populacional, tem um pulsar de vida [...], obra coletiva que é impensável no individual; cidade, moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais”. (PESAVENTO, 2007, p.14).

A urbe é sensibilidade, pois se apresenta como um fenômeno cultural, lócus de construção de significados: “cidades pressupõem a construção de um ethos, o que implica a atribuição de valores para aquilo que se convencionou a chamar de urbano”. (PESAVENTO, 2007, p. 14). Narram-se ali histórias, as quais ela mesma constrói: “dessa forma, a urbe é passível de leituras através de sua disposição cartográfica, dos agentes produtores do espaço e de sociabilidades, das segregações dos sujeitos e de outros temas possíveis”. (NETA, 2010, p.2). Da mesma forma, para Castells (1983), não existe uma cultura urbana específica, mas concepções/ideias que são construídas sobre o que é o ambiente urbano.

Nesse movimento, a cidade é cheia de vida, intenções e anseios. Certeau propõe observar a cidade do alto, miniaturizada, panorâmica, “um simulacro teórico” (1996, p.171). Segundo o autor, ao caminhar pela urbe, o pedestre se apropria do espaço urbano, pois “os caminhantes dos transeuntes apresentam uma série de voltas e desvios assimiláveis às maneiras ou às ‘figuras de estilo’. Há uma retórica do caminhar”. (CERTEAU, 1996, p.151). Assim, passo a caminhar pela cidade de Porto Alegre.

A cidade que é conhecida como capital dos gaúchos tem atualmente uma população estimada em 1.481.019 de habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE<sup>58</sup>.

Porém, na segunda metade do século XIX, possuía uma população que ainda não atingia a marca de 60.000 habitantes<sup>59</sup>. Nesse período, recebeu melhoramentos

---

<sup>58</sup> Conforme o site do IBGE, esse dado é o estimado para 2016. Já a densidade demográfica, em 2010, era de 2837.53 hab/km<sup>2</sup>. Para saber mais, conferir: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/v3/cidades/municipio/4314902>>

arquitetônicos como a construção do Teatro São Pedro (1858<sup>60</sup>), além da criação da Hidráulica Porto-Alegrense (1865). Foram, também, implantados alguns serviços públicos que reorganizaram o espaço urbano central. A construção do Gasômetro (1874), a regularização da coleta do lixo por lei municipal (1876), o início do saneamento (1878) e a implantação dos serviços telefônicos (1886) foram iniciativas importantes. (OLIVEIRA, 1984).

Souza (1999) divide a história da cidade em períodos: a) o 1º. Período, entre 1680 e 1772; b) o 2º. Período, entre 1772 e 1820; c) o 3º. Período, entre 1820 e 1890; d) o 4º. Período, entre 1890 e 1945, que “tem como característica a expansão da atividade industrial, em decorrência da atividade comercial entre as cidades e a região colonial, gerado pela crescente produção agrícola” (2008, p. 30); e) o 5º. Período, de 1945 para os dias de hoje. Conforme Hickel et al,

[...] em meados do século XIX, a Ponta do Gasômetro já estava ocupada de forma bastante intensa, e nesse sentido a cidade se interiorizou em relação ao Lago Guaíba através das estradas estabelecidas onde foram se formando os arraiais”. (2008, p.30).<sup>61</sup>

A segunda metade do século XIX passa por grandes transformações em relação à infraestrutura urbana. Nesse processo, não somente a geografia sofre grandes alterações estruturais. Há também transformações urbanas realizadas pela apropriação e pela intervenção de grupos sociais organizados. A crescente complexidade das organizações sociais decorre: da abolição da escravidão, da chegada de muitos imigrantes, da instalação da ordem republicana, das mudanças das pessoas do campo para a cidade (crescimento das camadas médias urbanas), do processo de industrialização e do alto índice de nascimentos.

Para Pesavento,

---

<sup>59</sup> Fundação de Economia e Estatística. De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul – Censos do RS 1803 – 1950. Porto Alegre, 1981.

<sup>60</sup> O teatro São Pedro, localiza-se na Praça Marechal Deodoro. Segundo Franco (2006), ele teve sua construção iniciada em 1833, conforme projeto de Felipe Von Normann, a qual foi interrompida durante o conflito farroupilha e concluída em 1858.

<sup>61</sup> É interessante relatar que, em 1829, surgia o primeiro Código de Posturas Policiais. Ele organizava os lugares de coleta de água, lavagem de roupas e despejo dos lixos. Já em 1937, novas disposições foram inseridas a respeito do cerco da cidade. Segundo Heinen (1989 apud MONTEIRO, 1995, p.30), “os Códigos de Posturas, antes dos planos de urbanização, assim como a Guarda Municipal, foram importantes instrumentos de controle político do meio urbano”.

A paisagem urbana da cidade mudou com as novas edificações (Mercado Público, Cadeia Pública, teatro São Pedro), apontando para a diversificação econômico-social da cidade que, espacialmente, se revelara na proliferação de inúmeros becos e ruas, cortiços e sobrados, chácaras e sítios que compunham um panorama para a “vida em cidade” dessa época. (1999, p.30).

Esse crescimento demográfico da cidade foi provocando um desconforto na população, que pedia por uma reordenação do espaço urbano. O processo também foi acompanhado de uma campanha de saneamento do centro da cidade, retirando-se as habitações populares. Essa regeneração compreendia as esferas estruturais, sociais e educacionais. Aspectos como vícios, higiene individual e saúde deveriam estar dentro de um padrão de civilidade e, ao mesmo tempo, de progresso. As práticas higienistas estavam presentes nas cidades com caráter preventivo. Portanto,

Como parte desta política sanitária de purificação da cidade, a ação dos higienistas sociais incide também sobre a moradia dos pobres, de acordo com o desejo de construir a esfera do privado, tornar a casa um espaço de felicidade confortável, afastada dos perigos ameaçadores das ruas e dos bares. Mas também a partir da intenção de demarcação precisa dos espaços de circulação dos diferentes grupos sociais. (RAGO, 1997, p. 167).

Neste contexto, em meio a tantas transformações, a escolarização é vislumbrada como um meio para constituir o cidadão republicano. Portanto, a intervenção do espaço urbano constituiu-se em um meio não discursivo de introduzir os ideais e as ideias republicanas. Em um processo de transformar a paisagem da cidade, procurou-se produzir uma concepção burguesa e civilizada de vida em uma sociedade com sua população em crescimento. Nesse processo, a educação tem um papel preponderante para a constituição do cidadão moderno.

Por meio da tabela abaixo, demonstro o crescimento populacional da cidade descrito pelos censos dos anos de 1890, 1900 e 1920.

Quadro 1 - Censo da cidade de Porto Alegre

<b>Ano</b>	<b>1890</b>	<b>1900</b>	<b>1920</b>
Total	52.421	73.674	157.965

Fonte: Fundação de Economia e Estatística. De Província de São Pedro a estado do Rio Grande do Sul – Censos do RS 1803 – 1950. Porto Alegre, 1981.

É interessante notar que, entre os anos de 1900 e 1920<sup>62</sup>, a população praticamente dobrou. Portanto, o fenômeno urbano constituiu novos problemas cotidianos que necessitavam de providências, tais como: o saneamento básico, a produção de energia, a organização das moradias e das ruas.

Nesse sentido, urge um processo de reconfiguração do espaço urbano. Junto com essa reconfiguração, novos prédios públicos foram construídos, em plena hegemonia positivista<sup>63</sup>. É importante ressaltar que o positivismo apresentou-se em três níveis de atuação: o político, o científico e o religioso (SOUZA, 2004). No campo político, o Rio Grande do Sul teve a primeira Constituição Estadual<sup>64</sup> inspirada nas ideias de Comte. Já no campo religioso, a partir de 1899, começaram as atividades do mais importante núcleo de propaganda da Igreja Positivista do Brasil fora do Rio de Janeiro. Foi então, em 19 de janeiro de 1912, que foi lançada a pedra fundamental da Capela Positivista de Porto Alegre, e, “apesar de seu número reduzido, os membros do núcleo sul-rio-grandense de positivistas ortodoxos desfrutavam de prestígio entre as lideranças políticas do PRR e a comunidade geral [...]”. (LEAL; PEZAT, 1999, p. 175). Em relação ao campo científico, o comtismo apostou numa forte atuação do Estado na educação pública. Como exemplo, criou a Escola de Engenharia, demonstrando interesse na formação de quadros qualificados para a Secretaria de Obras<sup>65</sup> do Estado.

Nesse contexto, visualizava-se uma ordem estabelecida que se materializava na configuração do espaço urbano. Com um discurso focado na higiene, no embelezamento e na circulação, uma série de medidas públicas de intervenção

---

<sup>62</sup> O Brasil dos anos 1910-1920 foi historicamente marcado; tivemos: a Semana de Arte Moderna (1922), os levantes tenentistas (1922/1924/1926), a criação do Partido Comunista Brasileiro (1922), as greves operárias (1919 a 1921). Para saber mais, conferir Bilhão (2015).

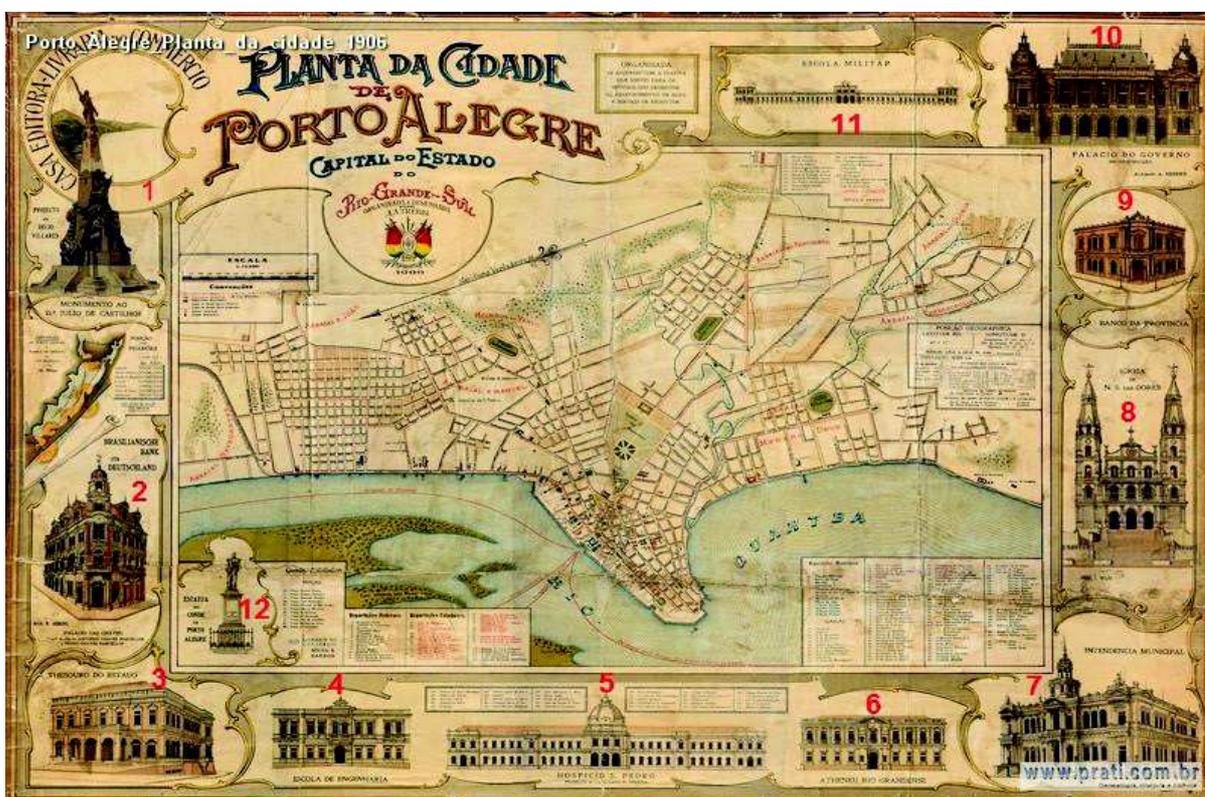
<sup>63</sup> É importante lembrar, com uma brevíssima síntese, que, para Comte, “O positivismo se compõe essencialmente duma filosofia e duma política, necessariamente inseparáveis, uma constituindo a base, a outra a meta dum mesmo sistema universal, onde inteligência e sociabilidade se encontram intimamente combinados. Duma parte, a ciência social não é somente a mais importante de todas, mas fornece sobretudo o único elo, ao mesmo tempo lógico e científico, que de agora em diante comporta o conjunto de nossas contemplações reais”. (p. 229, 1978). Em um artigo, Pezat (2006), destaca que a influência exercida por Comte sobre a sociedade gaúcha não foi uniforme, havendo deslocamentos de sentidos e de interpretações. Relata também, sobre as influências religiosas e estéticas deixadas pelo positivismo.

<sup>64</sup> A primeira Constituição Republicana do estado de 1891 teve Júlio de Castilhos como seu principal mentor. Para saber mais, conferir: BAKOS, Margaret Marchiori. Marcas do positivismo no governo municipal de Porto Alegre. **Estud. Av.**, São Paulo, v. 12, n. 33, p. 213-226, ago. 1998.

<sup>65</sup> Para saber mais, conferir: ALVES, Augusto. A construção do porto de Porto Alegre 1885 – 1930: modernidade urbanística como suporte de um projeto de estado. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura. Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2005.

redesenhou a cidade, ressignificando o espaço urbano. Tal processo pode ser visualizado por meio do mapa da cidade de Porto Alegre de 1906: a urbe apresentava-se ao redor de prédios públicos. Da esquerda para a direita, iniciando pelo alto, temos: (1) Monumento ao Dr. Júlio de Castilhos; (2) Palácio das Chaves; (3) Tesouro do Estado; (4) Escola de Engenharia; (5) Hospício São Pedro; (6) Ateneu Rio-Grandense; (7) Intendência Municipal; (8) Igreja Nossa Senhora das Dores; (9) Banco da Província; (10) Palácio do Governo e (11) Escola Militar. No centro, à esquerda, encontra-se a (12) Estátua do Conde de Porto Alegre.

Figura 4 - Planta da cidade, 1906.



Fonte: <<http://prati.com.br/fotos-antigas-mapas-e-plantas/3/>>.

Durante esse período, novas formas de sociabilidade foram construídas em lugares como: os clubes, as sessões de cinema, os teatros, as casas de chás e cafés, as confeitarias, os restaurantes, os bares, os cabarés e as praças. Essa nova forma de sociabilidade, que valorizava o coletivo, ajudou no processo de difusão de um estilo de vida fundamentado no discurso da modernidade. A vida em público, a

maior utilização das ruas e as atividades de lazer passaram a fazer parte da vida cotidiana da população.

A modernização da cidade está relacionada com os espaços de convívio social, dentre eles as cafeterias, os restaurantes e os estúdios fotográficos. Nesse ínterim,

O café moderno é o ponto de reunião dos intelectuais, dos jornalistas, dos artistas e dos políticos. Ali, entre uma fumaça e um gole de café, se combinam os mais arrojados planos literários, artísticos e administrativos. Ali se concebem num relance, diante da chávena ou do cálice inspirador, o poema, o romance, o artigo de fundo, a crônica, o quadro, a eleição do presidente da República ou a organização de um ministério. Ali se planejam revoluções e deposições de governo. Ali se guinda o indivíduo ao Capitólio ou se o arremessa da Rocha Tarpea. Ali, o escritor naturalista ou realista vai estudar, surpreender e apanhar os tipos vivos de seus contos, de suas novelas e romances. (ACHYLLES PORTO ALEGRE, 1994, p.65).

Possamai (2006) pesquisou a mudança no papel dos tradicionais estúdios fotográficos, fundados na segunda metade do século XIX, como parte de uma massificação da fotografia. Nas décadas de 1920 e 1930, as famílias passam a fazer uso das fotografias para terem uma distinção social em uma cidade em processo de crescimento.

Na década de 1920, começaram a circular, na imprensa gaúcha, inúmeras reportagens com temas relacionados ao período de modernização da cidade, por meio de jornais como o *Diário de Notícias*, a *Federação* e o *Correio do Povo*, bem como a revista *Madrugada*, periódico que circulou em 1926 na capital gaúcha. Para Golin e Ramos, a vida citadina e

Os debates culturais na Porto Alegre dos anos 20, portanto, pareciam estar no limiar entre a modernização e a manutenção de práticas e de valores estabelecidos. [...] Configura uma representação eclética de meados dos anos 20: simbolismo, regionalismo, construção da identidade burguesa, ensaio dos novos. Em tom conciliatório, reflete a dificuldade da elite letrada sulina em romper com a tradição. (2007, p.7).

O Partido Republicano Rio-Grandense era o porta-voz de uma política que iria consolidar os padrões modernos da vida em sociedade. Com a Proclamação da República, o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) consolidou-se no Estado,

sob as mãos de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros. O PRR foi fundado em 1882, com princípios positivistas, e apresentou um discurso salvacionista frente às dificuldades apresentadas pelo estado. A matriz teórica à qual o PRR se filiou foi o positivismo, o qual

[...] defendia a consolidação da sociedade burguesa em ascensão e do desenvolvimento do capitalismo. Para conservar a ordem era essencial que se acelerasse o desenvolvimento industrial. A ordem era entendida como a base do progresso, e este, como a continuidade da ordem. (PESAVENTO, 1992, p. 38).

Sua base política estava sustentada na classe média e nos operários. Ainda conforme Pesavento,

Em vista da diversificação econômico-social ocorrida na província após a chegada dos imigrantes estrangeiros, que se manifestara pelo crescimento das cidades e do mercado interno a partir do surgimento da indústria e da expansão do comércio e da rede bancária, o PRR se propunha a realizar um programa mais amplo e abrangente, contemplando o interesse para além da estrutura pecuarista dominante. (1992, p.34).

Durante 40 anos, entre os anos de 1897 e 1937, Porto Alegre foi governada por três Intendentes do PRR: José Montaury de Aguiar Leitão (1897-1924), Otávio Rocha (1924-1928) e Alberto Bins (1928-1937)<sup>66</sup>. Sob forte influência positivista<sup>67</sup>, no Partido Republicano Rio-Grandense, havia muitas comissões na Intendência Municipal com o objetivo de estruturar uma organização urbanística. E foi por meio de uma dessas comissões que surgiu o interesse em planificar a cidade de forma integral.

Assim,

---

<sup>66</sup> Conforme Bakos, “o traçado de três ruas do centro da capital gaúcha é testemunha de um caso curioso de continuísmo político: nos 40 anos entre 1897 e 1937, apenas três homens governaram Porto Alegre. No mesmo período São Paulo teve 15 prefeitos, Recife 18, Belo Horizonte 21 e Rio de Janeiro 27. Como na história, a rua com o nome de José Montaury – o eterno intendente, porque governou durante 27 anos a cidade de Porto Alegre -, que desemboca no início da Avenida Otávio Rocha, continua na Avenida Alberto Bins, nome do seu sucessor em 1924, o último prefeito, apeado do poder por Getúlio Vargas, através do golpe do Estado Novo (1937 – 1945)”. (2012, p. 111).

<sup>67</sup> Segundo Monteiro (1995 p. 42-43), “o PRR se instala no poder com a consolidação da ordem republicana e adota a filosofia positivista de Comte como linha de orientação de sua administração. [...] O positivismo que tinha nítidas conotações reacionárias na Europa, assume no Rio Grande do Sul uma feição conservadora-progressista. [...] A palavra de ordem do PRR, ao longo deste período que vai de 1892 a 1922, era ‘conservar melhorando’. O positivismo exigia ainda a continuidade no poder, a não intervenção direta do Estado na economia, a livre iniciativa, a integração do operariado à sociedade moderna e a concepção do Estado como portador dos interesses gerais da sociedade”.

Creio ser importante que se mencione que estes processos de transformação são visíveis em grandes metrópoles do mundo todo. Paris destaca-se como um referencial. Barão Haussmann foi o prefeito que se incumbiu de transformar a Paris medieval na Paris moderna. A reforma Passos, no Rio de Janeiro (prefeito Pereira Passos, 1902 – 1906) veio no sentido de transformar a cidade imunda na cidade higiênica, moderna e capitalista. Assim como João Baptista Ferreira de Mello cita em sua tese de doutorado, as cirurgias encontraram grande acolhida entre as elites modernizadoras do país, que jamais hesitaram em enfrentar qualquer apego a antigos valores, as antigas “usanças urbanas”, taxando sempre este comportamento como um indicador de conservadorismo de atraso de subdesenvolvimento. (MELLO, 1997, p.195).

O Plano Geral de Melhoramentos e Embelezamento da Capital de João Moreira Maciel<sup>68</sup>, de 26 de agosto de 1914, é o primeiro projeto que pensou a cidade como um todo<sup>69</sup>. O Plano foi encomendado pela Intendência, visando a implantar reformas na cidade. Ele previa a ampliação de ruas e o ajardinamento das áreas baldias. Porto Alegre é a primeira capital do País a ter um Plano Diretor<sup>70</sup>. As avenidas Borges de Medeiros, Ipiranga e Mauá foram planejadas como objetivo de embelezar e melhorar a cidade. Porém,

[...] com relação às cidades, urgia sanear o meio dessecando pântanos, afastando cemitérios, organizando e limpando o espaço urbano das aglomerações e da estagnação dos fluxos – do ar, da água e dos homens. A intervenção sobre as doenças sofreu então dois deslocamentos fundamentais. Não cabia mais intervir apenas sobre o corpo do indivíduo, visto que as doenças vinham de fora: era necessário agir sobre “o corpo social”. (MARQUES, 1995, p. 56).

---

<sup>68</sup> Arquiteto-engenheiro nasceu em Santana do Livramento, estudou nove meses na Europa. Assumiu, em 1913 a Direção de Obras da Intendência Municipal e participou da Comissão de Embelezamento e Melhoramento da cidade. (LEME, 1999).

<sup>69</sup> É importante salientar que a cidade de Porto Alegre teve sua área planificada com outros estudos. Quando o prefeito Loureiro da Silva assume, vislumbra a necessidade de direcionar o crescimento da cidade. Contrata, portanto, Edvaldo Pereira Paiva e Luiz Arthur Ubatuba, criando assim “As Linhas Gerais do Plano Diretor – Contribuição ao Estudo de Urbanização de Porto Alegre”. A cidade ainda teve: o Plano Gladosch, feito em 1938, quando foi criado o Conselho do Plano Diretor; e o Plano de 1959, vislumbrado por Edvaldo Paiva, que fixou normas a serem seguidas. Houve também um esquema de zoneamento entre as áreas industriais e comerciais; O 1º Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU), que entrou em vigor em 21 de julho de 1979, definiu área urbana e a área rural.

<sup>70</sup> Para saber mais, ver: ROSSETO, Adriano; BETTIATTO, Alexandre; BELMONTE JÚNIOR, Kléber R.; LIBRELOTTO, Michele P.; VASCONCELLOS, Régis S.; SOUZA, Célia Ferraz de. **Um roteiro pela Porto Alegre de Moreira Maciel através de um modelo interativo**. (Departamento de Urbanismo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFRGS).

Nesse sentido, o Plano apresentava três eixos de intervenção indissociáveis: a urbanização, a higienização<sup>71</sup> e o embelezamento<sup>72</sup>. É por meio do trabalho de Haussmann, de posição higienista, que as metrópoles mundiais fundamentaram suas reformas urbanas. Para Pesavento, “o projeto traduzia a cidade que se queria e na qual se projetavam os desejos de uma elite letrada que tinha na Europa o seu horizonte”. (1996, p. 388).

Foi, então, na administração do prefeito Otávio Rocha (1924-1928) que Porto Alegre intensificou a sua transformação. A cidade não desejava mais os traços disformes; o desejo passava pela busca do embelezamento. Nas ruas, o modernismo incitava a ampliação do calçamento e as construções de pontes. Urge, neste contexto, a retomada do Plano Diretor, que visava à organização e ao disciplinamento do crescimento populacional. Conforme Monteiro (1995), a modernização passava pela implantação de altas taxas de impostos e tinha como alvo a população carente que vivia na área central da cidade. Logo, com os cortiços sobretaxados, a saída era a mudança para as áreas mais periféricas da cidade.

Portanto,

O Rio, São Paulo, Porto Alegre, Vitória, Recife, Paraíba, Natal e Belém elaboram projetos de remodelação da capital, estando os dirigentes dessas unidades interessados em lhes retirar o caráter provinciano, para, tanto quanto possível, dourá-las com os aspectos novos e as criações de conforto que são o apanágio das metrópoles. (Diário de Notícias, 1929, p.3).

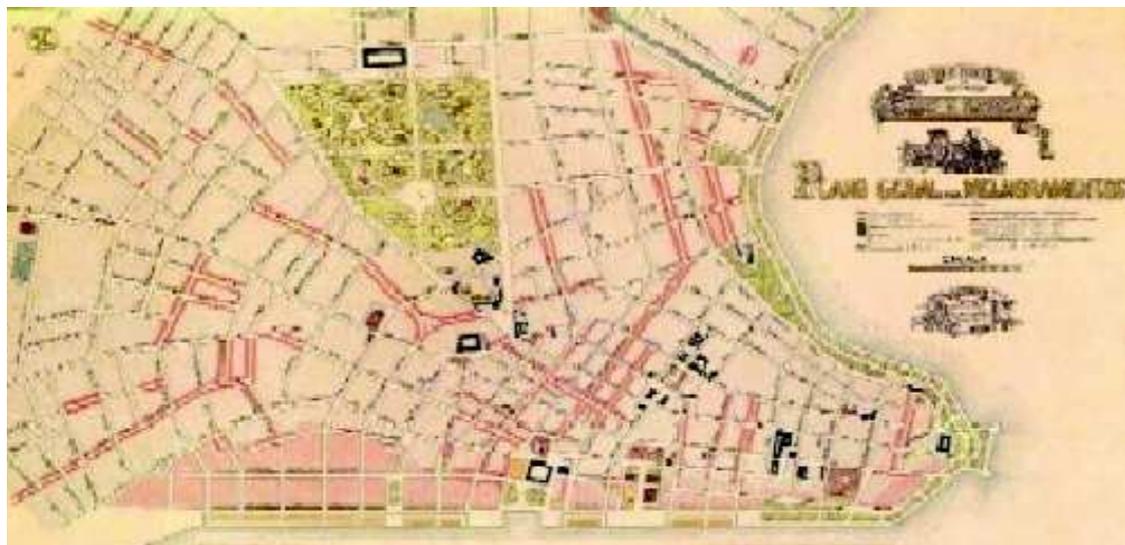
A Planta da Cidade, de 1914, apresentada na figura a seguir, reproduz a urbe cartografada por meio das ideias de João Moreira Maciel. Seu principal desejo era melhorar o trânsito da cidade. Enfatizava, também, a criação de praças e parques, coadunando seu ideário urbanístico de higienização com embelezamento. Conforme Monteiro (1995), o foco era a reorganização do espaço central e previa o alargamento das avenidas.

---

<sup>71</sup> Segundo Almeida “Se, num primeiro momento, foram as ideias higienistas e sanitaristas que prevaleceram chegando através da divulgação do urbanismo europeu, a partir da década de 1940, assiste-se a gradativa predominância das ideias difundidas pelos CIAMs e que tiveram principalmente na academia o seu lócus de debate e difusão”. (2004, p. 248).

<sup>72</sup> Para Choay (1965), os arquitetos e urbanistas se filiam em diferentes momentos a duas correntes: a do “culturalismo” e a do “progressismo” ou “racionalismo”. Para essa pesquisa, interessa o culturalismo. O culturalismo é uma corrente que tem bases nas proposições realizadas por Camilo Sitte e Ebenezer Howard, responsáveis pelas primeiras cidades-jardins, que influenciaram o desenho das cidades pelo mundo.

Figura 5 - Plano Geral de Melhoramentos, 1914.

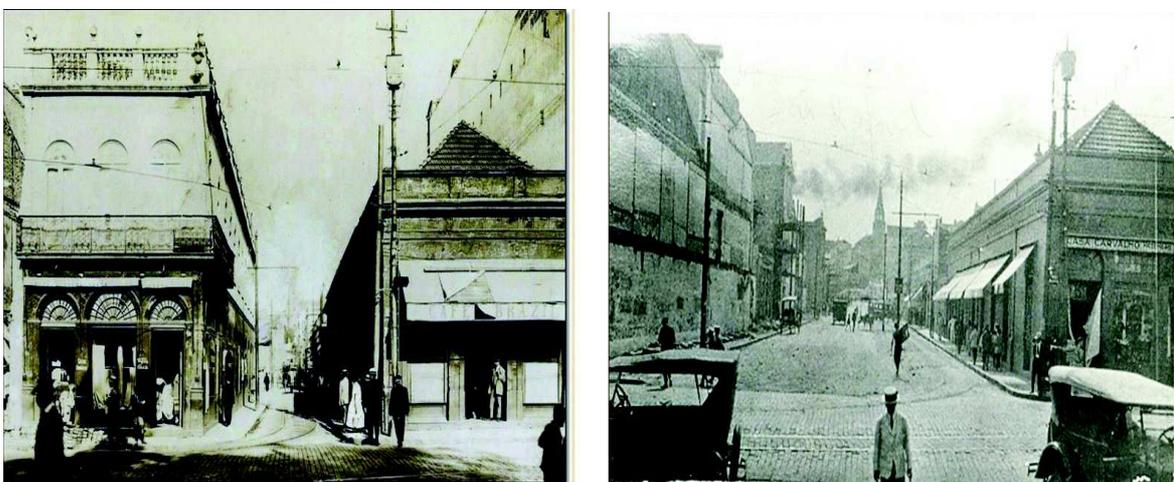


Fonte: <[http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?p\\_secao=125](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?p_secao=125)>

O plano buscou conferir uma nova imagem à capital, coordenando diversos projetos para a reformulação da zona central, como a abertura de ruas e avenidas e a criação de praças ajardinadas. Apesar de ser bastante realista, a maior parte de suas ideias só saiu do papel nas administrações seguintes. (ALVES, 2005, p.76).

No plano, é interessante visualizar as características da cidade que os republicanos desejavam abolir: becos, ruas estreitas e cortiços –lugares em que, segundo os discursos, acumulava-se lixo e havia a propagação de doenças. É possível ver tais reflexões a partir de duas fotografias a seguir. Na Figura 6, está o Beco do Rosário: em 1920, o beco apresenta-se estreito e quase sem calçada. Ao lado, mostro a foto da abertura da Avenida Otávio Rocha (antigo Beco do Rosário), em 1926. Bem mais larga, a avenida passa a fazer parte de um novo projeto paisagístico e urbanístico, influenciando a nova identidade das pessoas.

Figura 6 - Beco do Rosário, em 1920 e Avenida Otávio Rocha (antigo Beco do Rosário), em 1926



Fonte: <<http://antigaportoalegre.no.comunidades.net/fotos-1921-1940>>

Assim como no início do século passado, a cidade de Porto Alegre passa por um processo de construção, ordenação e transformação. Logo, “[...] emerge a grande cidade, que coloca, para os governos, a necessidade de intervir no espaço, ordenando a vida, normatizando a sociedade”. (PESAVENTO, 1995, p.282). Por isso, urge a necessidade de modernizar também a população, ou seja, educar. Assim, a criação de códigos e leis se fez necessária para regular a população na cidade.

É importante ressaltar que, nos Planos Diretores, havia a necessidade de sanear a cidade, determinar a sua expansão e fornecer áreas verdes. A intenção era tirar toda e qualquer vantagem dos parques, praças e jardins públicos. Deste modo, buscava-se criar um sistema de ramificação das áreas verdes, reunindo e ligando o território da cidade. Portanto, foi nesse contexto político-social-urbano que foi instituída, nas praças e parques, uma política pública chamada Jardins de Recreio.

#### 4.1 OS ESPAÇOS URBANOS DE CONVIVÊNCIA

Nós não tivemos uma cidade. Tivemos uma parte da cidade que começava na Praça da Matriz, descia as duas quadras da Ladeira e ia acabar na Rua da Praia. Nesse pequeno trecho urbano, que qualquer um pode fazer a pé, coube o melhor da nossa vida: o fim da infância, a adolescência e aquele tempo meio desigual a qual os velhos dão o nome de mocidade. O resto de Porto Alegre, esse amontoado de casas que vai hoje até o sopé dos morros ou se

estende para além do Moinhos de Vento, ainda não existia para nós ou se diluía vagamente como paisagem. Tinha o tamanho da nossa vidinha de cada dia e o aconchego quase caseiro de um arrabalde. (TOSTES, 1989, p. 13).

Escrevo um fragmento do livro de Theodomiro Tostes que realiza uma descrição do cotidiano das andanças pelas ruas e praças de Porto Alegre. Sua escrita torna-se implicada com meu objeto de pesquisa, pois são memórias<sup>73</sup> de um indivíduo que caminhou pela cidade no começo do século XX. O ato de caminhar, neste caso, por Porto Alegre, imprime-se em movimentos, traços, trajetórias, interações, aproximações e afastamentos. Portanto, é por meio da relação que se estabelece entre o indivíduo e o lugar geográfico – onde é explorado, traçado e percorrido, que se constroem os mapas urbanos. (JOSEPH<sup>74</sup>, 1999).

É com essa imagem mental de construção de mapas geográficos que pretendo descrever, neste subcapítulo, a relação entre os indivíduos e o espaço na vida cotidiana cidadina, focando nas praças públicas.

Partindo dessa perspectiva, um dos primeiros a tratar a cidade do ponto de vista relacional foi Henry Lefebvre. Para o autor (1991), o espaço é o resultado das concepções específicas pautadas nas relações sociais e de poder produzidas por cada sociedade, assim é necessário analisar as práticas sociais envolvidas nesse processo de produção. Portanto,

---

<sup>73</sup> Pesavento (2005) escreve sobre a memória voluntária e a memória social. Para a autora, a percepção subjetiva do tempo que passa encontra sentido na vida coletiva, que constrói significado ao passado. Por isso, “habitar uma cidade, viver em espaço urbano é, forçosamente, dotá-la de condições para que nela se exerça a vida para além do tempo do agora, do cotidiano da existência. O presente da cidade, tempo da vida, é um momento no espaço onde se reabilita o passado da urbes, material e imaterial, para que nela as pessoas se reconheçam, e identifiquem, ancorando suas referências de memória e história. [...] renovar, reabilitar, jogando desde o presente, as dimensões do passado e do futuro de uma cidade, seria uma outra forma de exercer a cidadania, entendendo que habitar a cidade implica dotar seus habitantes deste direito de usufruir vários tempos. O direito da cidade, fundamental na construção do que se pensa como cidadania, é, fundamentalmente, um direito à história, à memória, à identidade”. (2005, p. 14). Nesse estudo, assumo a perspectiva da memória coletiva, “[...] que corresponde ao modo como, institucional e culturalmente, uma comunidade passa a evocar, construir e transmitir seu passado”. (PESAVENTO, 2005, p. 13). Faço-o por meio de livros como o de Theodomiro Tostes, que não apenas evocam as memórias, mas também as socializam, selecionam e fixam o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido.

<sup>74</sup> Para o pesquisador, há diferentes perspectivas para analisar as paisagens urbanas. Assim, “não se trata nem da recepção da obra pelo sujeito, nem do consumo de um produto por um cliente, mas da **relação dialógica** que se instaura entre um espaço urbano e aquele que o atravessa, o percorre ou o explora.” (1999, p. 35, grifo meu). Assume, por meio da sua escrita, teoria interacionista e microsociológica de Goffman, pela sua capacidade analítica de decomposição e recomposição do urbano.

Não se pode dizer que o espaço seja um produto como um outro, objeto ou soma de objetos, coisa ou coleções de coisas, mercadoria ou conjunto de mercadorias. Não se pode dizer que se trata simplesmente de um instrumento, o mais importante os instrumentos, o pré-suposto de toda a produção e de troca. O espaço estaria essencialmente ligado à reprodução das relações (sociais) de produção. (LEFEBVRE, p. 34, 2008).

Já o pesquisador Tuan<sup>75</sup> relata que, muitas vezes, os conceitos de espaço, tempo e lugar são tratados separadamente, porém “na experiência vivida eles estão indissolúvelmente ligados”. (2011, p. 4). Em outro trabalho, o autor enfatiza a importância da cultura na maneira que os indivíduos atribuem significado e organizam o espaço. (TUAN, 1983).

Para Harvey<sup>76</sup>, o espaço pode ser absoluto, relativo e relacional. Portanto, “o problema da concepção correta do espaço é resolvido pela prática humana em relação a ele”. (2013). Sendo assim, para além de conceituar o que é ou não o espaço, o importante é como tais conceitos se relacionam com a vida cotidiana:

Muitos geógrafos, por exemplo, recentemente sinalizaram uma importante diferença entre o uso do conceito de espaço como elemento essencial dentro de um projeto materialista de compreensão de geografias concretas sobre o terreno e o emprego geral de metáforas espaciais na teoria social, literária e cultural. (2013, p. 17).

Ressalto também a concepção de Michel de Certeau<sup>77</sup> que realiza uma abordagem relacional, por meio dos espaços de enunciação/representação. Para

---

<sup>75</sup> O autor faz parte de um coletivo dedicado à ciência geográfica, dos conteúdos e métodos preconizados pela fenomenologia. Para Holzer (2003, p. 120), “além do espaço pessoal, existe a experiência grupal do espaço, onde é vivida a experiência do outro. É o que os fenomenologistas chamam de intersubjetividade”.

<sup>76</sup> Esse pesquisador faz parte dos geógrafos que são denominados de marxistas. Segundo Soja (1993, p. 98) “A questão chave para Harvey, em 1973, era saber se a organização do espaço (no contexto do urbanismo) era ‘uma estrutura separada’, com suas leis próprias de transformação interna e construção”, ou “a expressão de um conjunto de relações inserido numa estrutura mais ampla (como as relações sociais de produção)”. Para Harvey – como para Castells, anteriormente –, Lefebvre parecia ser um “separatista social” e, desse modo, estava sucumbindo ao que se poderia chamar fetichismo do espaço. “Assim, esforçando-se por ser sérios e rigorosos em sua aplicação do marxismo, pioneiros da geografia marxista como Harvey e Castells começaram a estabelecer certos limites que a análise espacial radical não deveria ultrapassar”.

<sup>77</sup> Para o autor, “O ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (o *speech act*) está para a língua ou para os enunciados proferidos. Vendo as coisas no nível mais elementar, ele tem com efeito uma tríplice função “enunciativa”: é um processo de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre (assim como o locutor se apropria e assume a língua); é uma realização espacial do lugar (assim como o ato de palavra é uma realização sonora da língua); enfim, implica relações entre posições diferenciadas, ou seja, ‘contratos’ pragmáticos sob forma de movimentos

ele, é por meio das práticas vividas que somos constituídos pelo movimento, pelos usos e apropriações que exercemos sobre o mundo. Nesse sentido, a interação entre os indivíduos e a materialidade da cidade constroem significados. O autor descreve uma diferença entre lugar e espaço.

O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. [...] Em suma, o espaço é um lugar praticado. Assim, a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. (CERTEAU, 1998, p. 2001-2002).

Nesse sentido, os atores sociais, por meio do cotidiano, apropriam-se do lugar. Portanto, o espaço é construído coletivamente, gerando um significado próprio para cada contexto. O autor, então, cria duas categorias: o lugar e o espaço. O lugar é pensado e feito pelos urbanistas e arquitetos; há uma delimitação. O espaço é a apropriação do lugar. Nesse uso cotidiano, os cidadãos constroem coletivamente o significado.

Portanto, parto da concepção de que cada povo possui formas específicas de se auto-organizar na forma urbanístico-espacial. Como aponta Corrêa (1999), as perspectivas culturais são fundantes para compreender as lógicas de fragmentação, articulação e representação produzidas no e pelo espaço social.

É importante considerar que os espaços coletivos de convivência, as praças, sempre existiram em todas as civilizações. Porém, o atual modelo com o qual nos relacionamos possui uma construção histórica na sociedade ocidental: “a cidade que vivenciamos hoje como espaço fantástico, tributária da imaginação criadora do homem ocidental, adere às motivações simbólicas de diferentes civilizações que modelam os arranjos espaciais”. (ROCHA e ECKERT, 2008, p.2).

Ao tratar dos Jardins de Recreio, é fundamental uma análise histórica de outras praças, parques e espaços de sociabilidade, que representam a necessidade humana de convivência. Nesse sentido, utilizo imagens, tomadas aqui como artefatos para essa discussão. Deste modo, apresento, nas próximas páginas, como

---

(assim como a enunciação verbal é ‘alocução’, coloca o outro em face do locutor e põe em jogo contratos ente colocutores. O ato de caminhar parece portanto encontrar uma primeira definição como espaço de enunciação”. (p. 177).

algumas civilizações se apropriavam e significavam as praças<sup>78</sup> no seu cotidiano. Essa retomada tem como objetivo entender como as praças se transformaram em um lócus de sociabilidade, integração e relação.

No povo grego, a *polis*<sup>79</sup> era formada por *phétos* (população). *Phétosera* composto por: os *demos* (os cidadãos), os *metecos* (os estrangeiros) e os escravos. Para Souza (2006), somente os *demos* tinham direito na *polis*. Somente os *demos* participavam das assembleias públicas, chamadas de *ekklesia*. Todas as decisões eram tomadas durante a *ekklesia*. Portanto, os gregos organizavam-se a partir de uma estrutura urbanística, denominada *ágora*, na qual os cidadãos livres usufruíam de seus direitos políticos durante a *ekklesia*. A *ágora*<sup>80</sup>, conforme Souza (2006), além de abrigar esporadicamente a *ekklesia*, era o local do mercado e da sociabilidade, porque o acesso era livre. Sennet relata que,

[...] na *Ágora*, criada pelos que estavam em condições de participar, realizavam-se inúmeras e diversificadas atividades concorrentes, num caos quase completo. Havia danças religiosas no terreno descoberto e regular, chamado *orkhestra*; atividades financeiras transcorriam em mesas postas ao sol, onde os banqueiros sentavam-se de frente para os seus clientes. [...] a evolução da democracia ateniense deu forma às superfícies e às proporções da *ágora*, pois o movimento possível em espaços simultâneos favorecia uma participação mais intensa. Transitando entre diversos grupos, podia-se tomar conhecimento do que acontecia na cidade e trocar ideias sobre os mais variados assuntos. (2002, p.48).

A *ágora* possuía um espaço centralizado na organização das cidades gregas, sendo um ambiente legítimo da sociabilidade. Lá, ocorriam diversas atividades, como: festivais, julgamentos, debates públicos e competições atléticas. A *ágora*

<sup>78</sup> Realizei um pequeno levantamento bibliográfico sobre os espaços públicos de convivência. Neste trabalho, escrevo sobre os principais achados. Porém, é necessário registrar um artigo sobre o espaço público do povo celta. Segundo Olivieri “os espaços públicos nos *oppida* eram recintos ideais onde tais demandas e conflitos da sociedade celta eram arbitrados. Isso se dava, principalmente, em assembleias ritualizadas nesses locais, onde se realizava a aplicação da justiça, os cortejos solenes, as solenidades cíclicas, sacrifícios, etc.” (2010, p. 103).

<sup>79</sup> Morales, em seu artigo, analisa a construção historiográfica do conceito *polis*. São propostos seis modelos: a cidade religiosa, a cidade consumidora-estamental, a cidade moderna, a cidade de classes, a cidade institucional e a cidade filosófico-existencial. “Neste debate, conforme Aristóteles, algumas definições são formuladas: a *polis* como ‘sujeito’ de uma ação; a *polis* como ‘objeto’ da ação do estadista ou legislador; a *polis* como espaço de moradia de habitantes organizados de acordo com uma constituição; a *polis* como categoria de análise (um todo formado por partes); e por fim, a *polis* como uma multidão de cidadãos.” (2008, p. 184).

<sup>80</sup> Para Santos, a *ágora* “Representa uma grande conquista para a civilização ocidental o acordo entre os homens de que, doravante, as resoluções de interesse geral apenas poderiam ser tomadas ao termo de um amplo debate público na *ágora* (palavra correspondente ao verbo *eigeirein*, que significa ‘reunir’).” (1994, p. 136).

tornou-se o centro da *polis*, pois as construções foram sendo realizadas ao seu redor:

Seguindo o padrão residencial mediterrâneo, possuíam um centro “urbano”, que por longo tempo não passou de um vilarejo, onde geralmente residiam pessoas mais ricas. A praça da cidade, um espaço aberto, era reservada; mais tarde, seria flanqueada por edificações cívicas e religiosas – o templo tornou-se uma característica comum a partir de 800 a. C., aproximadamente – mas, o acesso fácil foi preservado, para que o povo pudesse ser reunido quando necessário. A praça era a *ágora*, na acepção original da palavra um “local de reunião”, muito antes de ter sido invadida por lojas e bancas, de modo que a tradução habitual de “mercado” para o termo *ágora* raramente é correta e as vezes totalmente errada. (FINLEY, 1990, p. 100).

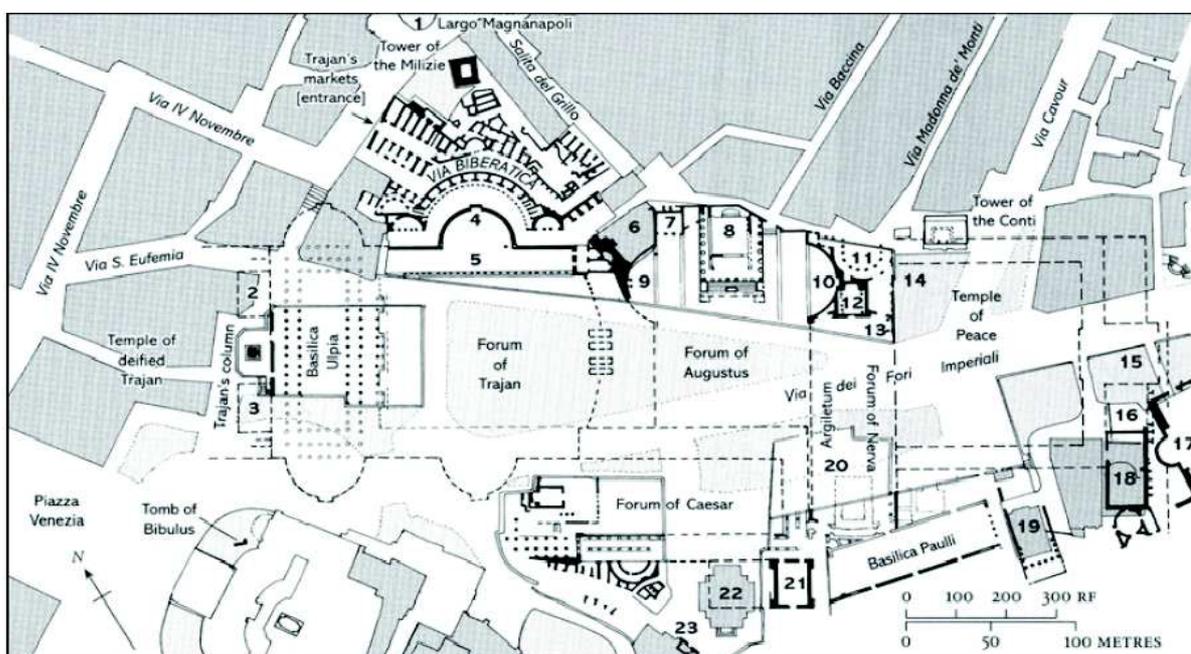
O excerto acima evoca uma noção de temporalidade das construções da *ágora*. Portanto, na figura a seguir, apresento a *ágora* ateniense em diferentes temporalidades ou períodos históricos.



espaços abertos, que serviam como locais de reunião, estavam os mais importantes edifícios públicos, adornados de colunas comemorativas, estátuas e pórticos:

As *civitates* romanas, geralmente, possuíam no centro uma forma de praça pública, a qual se assimilava ao *forum*, constituído de: uma região de culto da religião oficial, o Capitólio; uma *curiae* para as assembleias dos Decuriões; e a basílique, sede da vida judiciária. Além disso, possuíam um teatro e/ou um anfiteatro para espetáculos e jogos; santuários para as suas diversas divindades; as termas; os aquedutos e fontes; as construções monumentais as quais expressavam o poder cívico. (GRIMAL, 2003, p. 13).

Figura 8 - Planta dos Fóruns Imperiais Romanos<sup>82</sup>



Fonte: Claridge (1998 apud SANTOS, 2008)

Já a praça medieval apresenta características na sua formação, como a proliferação dos bairros e a formação de novas cidades. Para Lamas,

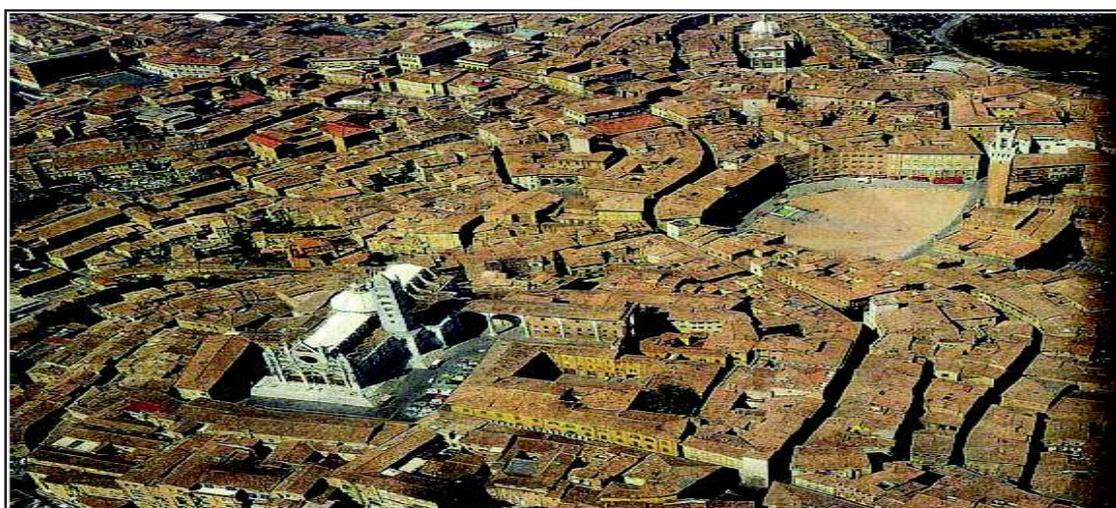
Mudanças funcionais, falta de espaço dentro do perímetro amuralhado, dificuldades na obtenção dos materiais de construção,

<sup>82</sup>1. Porta republicana da cidade; 2 e 3. Bibliotecas de Trajano; 4. Êxedra do Fórum de Trajano; 5. Pórtico do Fórum de Trajano; 6. Casa dos Cavaleiros de São Jorge; 7. Sala da estátua colossal; 8. Templo de *Mars Ultor*; 9 e 10. Êxedras do Fórum de Augusto; 11. *Porticus Absidata*; 12. Templo de Minerva; 13. “Le Colonnacce”; 14 e 15. Templo da paz; 16. Sala da Planta Marmórea (de Roma); 17. Basílica de Maxêncio; 18. Igreja de S. Cosmo e S. Damião; 19. Templo de Antonino e Faustina; 20. Escavações recentes (1996 em diante); 21. Cúria Júlia; 22. Igreja de S. Lucas e Sa. Martina; 23. Cárcere Tuliano.

levam a cidade medieval a utilizar os restos das antigas cidades romanas: pedras de templos e edifícios. A sobreposição de traçados e de construções realiza-se sem uma ordem predefinida e com pontos de apoio nos eixos que ligam as cidades, estradas de passagem, portas das muralhas, pontes sobre os rios, etc. Assim, a formação da cidade medieval vai processar-se organicamente por desenvolvimento das antigas estruturas romanas ou pela fundação de cidades novas organizadas segundo um plano regulador. (2007, p. 151).

Segundo Sitte (1992), não há uma relação de continuidade direta entre o fórum romano e a praça medieval. O que se perpetuou foi a relação entre o cidadão e a praça. Dependendo do tamanho da cidade ou do tipo de administração, poder-se-ia possuir uma ou mais dessas estruturas urbanas. Elas serviam a diferentes necessidades cotidianas e se vinculavam a autoridades diversas, sejam seculares e/ou eclesiásticas. (SITTE, 1992). Isso pode ser observado na figura 9, em que podem ser percebidas duas praças: a da catedral e a do mercado. Notam-se também as construções das casas lado a lado, logo a vida é compartilhada coletivamente. Entre as construções, constata-se que a praça assume um aspecto vazio e seco. É importante observar que os espaços tortuosos permitiram que as ruas fossem abertas e conseqüentemente mais ventiladas.

Figura 9 - Piazza del Campo e Piazza del Catedral, Siena



Fonte: Kato (1990 apud CALDEIRA, 2007)

A praça renascentista é composta por um paradigma estético e construída a partir de um planejamento em que se busca “o ideal”. É nesse período que as

praças chegam no seu ápice. Neste contexto, “o emaranhado tecido de estreitas e abafadas vielas e ruas do passado vai, gradativamente, sendo substituído por largas, luminosas e arejadas vias de comunicação – o espaço urbano ganha novas referências com as perspectivas inéditas de avenidas retas.” (SEGAWA, 1996, p.48). Portanto, a praça não é mais um espaço vazio no espaço urbano; ela passa a apresentar um destaque especial no traçado da cidade. Outro aspecto que chama atenção são as simetrias, como demonstra a foto da cidade de Palma Nova (Figura 10) e da Piazza Del Campidoglio (Figura 11), ambas na Itália:

Figura 10 - Cidade de Palma Nova



Fonte: Google Earth

Na figura 10, é significativo pensar que o espaço central da cidade é a praça. É onde todas as ruas convergem, e fica evidente um planejamento urbano pré-estabelecido, o que contrasta com a figura da praça medieval. A praça possui, no renascimento, uma simbologia especial, pois apresenta, na sua obra arquitetônica, um monumento ou escultura.

Já na figura 11, o que chama a atenção são as simetrias do desenho realizado no piso da praça, bem como dos prédios que a circundam.

Figura 11 - Piazza del Campidoglio



Fonte: Caldeira (2008)

As transformações sociais da Europa decorrentes da Revolução Industrial modificam as relações do ser humano com a urbanidade. A sociedade da corte deixa de ter tanta importância simbólica. Porém, a burguesia emergente passa a assumir hábitos culturais até então restritos à nobreza (ELIAS, 1994a). Teatros, bares e cafés foram se tornando espaços de sociabilidade cada vez mais recorrentes (HOBSBAWN, 2010), tornando as praças cada vez mais desprestigiadas.

No entanto, essas construções urbanas passam a ter outras finalidades dentro da organização espacial das cidades, pois assumem o papel de elemento de composição do sistema viário – como demonstra a Figura 12, a qual retrata a Place de L'etoile, que abriga o Arco do Triunfo em Paris.

Figura 12 - Place de L'etole, Paris



Fonte: Google Earth

A partir dessa descrição sobre as praças e a sua relação com os cidadãos, é possível concluir que cada uma, em um determinado momento, serviu de inspiração para os arquitetos e urbanistas planejarem as cidades. Foi a partir da praça medieval que os pensadores das urbes visavam a uma melhor qualidade de vida. Desse modo, a vida do campo passou a ser valorizada e desejada pelos cidadãos. O local representado para se viver a vida do campo era a praça. Portanto, conforme Sennet,

[...] na Paris do século XVIII, nada surpreendia mais do que essa vasta praça a seu frondoso jardim. Naquela época, quando pouco se sabia a respeito da fotossíntese, bastava respirar para sentir seus efeitos. A praça Luis XV transformou-se numa selva urbana, na qual as pessoas se embrenhavam para limpar os pulmões, longe das ruas [...] as autoridades parisienses, em 1765, por exemplo, analisaram diversos projetos alternativos com vistas à construção de um jardim mais acessível ao povo da cidade [...] o movimento através do pulmão da cidade deveria ser uma experiência sociável. (2002, p. 223).

Cabe ressaltar que a crença em valores higienistas, por meio da qual a rua é considerada como um problema de saúde pública, aponta para uma valorização dos espaços ao ar livre e planejados sob o paradigma da modernidade. Também indica

que a transformação do espaço urbano foi sofrendo intervenções, especialmente, sob a égide dos interesses de natureza profilática dos arquitetos e urbanistas.

No Brasil, os planos urbanísticos de algumas cidades como Porto Alegre, Curitiba, Brasília e Rio de Janeiro são pensados em meados do século passado como forma de trazer, para população, espaços de convivência saudáveis. Eles são a expressão da interferência da política pública na indução da população à apropriação desses espaços como de sociabilidade.

Além disso, outro fenômeno passa a ser cada vez mais manifesto em nossa organização urbana: o fenômeno “policêntrico” (BORJA e MUXI 2003), pois falar em cidades onde o centro é o lugar dos acontecimentos sociais relevantes e a periferia é desprovida de importância não se sustenta mais. Esse modelo pode ser criticado por dois argumentos: (1) dizer que determinada região é mais importante ou significativa é sempre pautada por uma lógica etnocêntrica (LARAIA, 2009) – ao se afirmar isso, desvalorizam-se as relações realizadas nas periferias das cidades; e (2) o argumento de que pequenos centros comerciais estão cada vez mais se construindo em diferentes espaços da metrópole é saudável, uma vez que é possível encontrar espaços de grande produção econômica e cultural em lugares distanciados do centro da cidade.

Na contemporaneidade, com relação ao esporte nas praças, é importante ressaltar que eles também passam por um processo de indução, pois são oriundos de espaços privados e fechados (Public School’s, Clubes, Sociedades). Os esportes desenvolvem-se em praças de forma diferente em cada lugar. Porto Alegre é um exemplo de uma política pública indutiva no que se refere à utilização das praças pela população.

Assim sendo, a cidade de Porto Alegre buscava a identidade de uma nova urbe: remodelada e organizada, as praças da cidade passaram a ter um papel fundamental, para além do embelezamento. Esse espaço público foi realçado para constituir em um cenário de novas sociabilidades. Conforme Bello (1997, p.144), “novos equipamentos urbanos e a presença de praças e parques completaram um amplo ajuste da cidade à escala dos fenômenos decorrentes da nova ordem urbano-industrial”. Emergia, nesse contexto, a remodelação das praças, tendo como objetivo a busca por uma nova estética urbana e novas formas de socialização.

O adjetivo de “moderno”, sinônimo da ideia de processos de mudanças, passou a acompanhar os modos de se conceber a educação. A organização da educação se abria para novas possibilidades. Conforme Nunes (2000, p. 375),

Por baixo e por dentro das modificações produzidas na organização escolar, o que se estava em jogo era uma reforma do espírito público que exigiu o alargamento da concepção de linguagem escolar e que, superando o tradicional domínio oral e escrito das palavras, buscou a construção de todo um sistema de produção de significados e comunicação interativa [...] por esse motivo os espaços de aprendizagem se multiplicaram: não apenas as salas de aula, mas também as bibliotecas, os laboratórios, a rádio educativa, os teatros, os cinemas, os salões de festa, os pátios, as quadras de esporte, os refeitórios, as ruas as praças e os estádios desportivos.

Assim, as praças passam a ser consideradas um reduto com elementos controlados para proporcionar o bem-estar e a educação de crianças e jovens, pois “[...] cidade e educação guardam entre si, as tensões postas pelo processo de gestão da modernidade.” (VEIGA, 2002, p.14). Nesse sentido, a vida urbana estava ligada a uma série de regras de condutas e com novas formas de sociabilidade:

É importante notar como a presença nesse espaço, estava vinculada ao cumprimento de uma série de regras de conduta, de acordo com os novos padrões de sociabilidade pública. O Parque da Redenção destinava-se, também ao desfrute da burguesia e suas formas de sociabilidades modernas, como o curso de automóveis que percorria a Avenida Redenção, Bom Fim e Venâncio Aires, recalçadas com concreto, iluminadas e arborizadas pela administração de Rocha. (MONTEIRO, 1995, p. 131).

A identidade desejada da urbe era ser um espaço belo, moderno, higiênico e regrado, constituindo num momento emergente do discurso da modernidade e da cidadania, justificando, assim a intervenção estatal nos espaços públicos de lazer:

[...] o movimento de renovação da escola primária empreendido pelos governos republicanos teve um profundo significado político, social e cultural. Tratava-se não apenas de sua difusão para o meio popular e da democratização do acesso à leitura e escrita [...], mas, também da implantação de uma instituição educativa comprometida com os ideais republicanos e com as perspectivas de modernização da sociedade brasileira. (SOUZA, 2006, p. 51).

As praças, antes das modificações urbanas, eram o espaço dos movimentos e dos encontros. Posteriormente, tal liberdade foi substituída pela intencionalidade pedagógica, regrada pela lógica moderna. A partir da criação dos Jardins de Recreio, foram construídas estruturas físicas que marcaram fronteira, tendo-se como resultado “[...] o cercamento ou confinamento que, evitando a dispersão dos corpos, os torna acessíveis à ação do poder.” (VEIGA-NETO; LOPES, 2004, p.233).

O lazer, segundo Rechia, “[...] foi um dos itens que o urbanismo moderno estabeleceu como de suma importância para o habitante urbano do século XX, tornando os espaços livres públicos uma opção significativa.” (2009, p. 79). Em um artigo escrito sobre as Praças de Porto Alegre, os pesquisadores Cunha, Mazo e Stigger fazem um apontamento histórico, justificando a mudança de como são chamadas as praças depois da implementação da Educação Física a partir da criação do Serviço de Recreação Pública. As escolas passam a se apropriar das Praças de Desporto, “[...] constituindo-se em uma extensão das mesmas.” (2010, p.3).

Segundo Silva, Busnello e Pezenatto (2013), as políticas educativas tinham o objetivo de “gerir os modos de viver nas cidades, uma vez que tanto suas intervenções estruturais, quanto suas ações instrutivas engendraram interesses civilizadores”. (p. 954). Ainda conforme os autores,

[...] as primeiras políticas educativas, típicas da transição do século XIX ou XX, possuíam três características fundamentais, sendo estas: estabeleciam diretrizes claras à formação de indivíduos ajustados aos padrões de uma civilização em mudança; vislumbravam um âmbito mais alargado às iniciativas das políticas educativas, nem tanto dirigidas às instituições escolares, mas situadas nas crescentes aglomerações citadinas; e objetivavam contribuir para a produção de identidades nacionais homogêneas e coerentes, tomando a educação dos indivíduos como pressuposto à construção da nação. (p. 954).

Enfim, a importância de cidadãos civilizados, com corpos sadios e fortes, passou a ser valorizada em função das modificações que se estabeleciam na cidade. A Intendência Municipal se empenhou na implantação da ordem, do progresso e da higiene em Porto Alegre. Tal fato coaduna com as ideias de disseminação das práticas esportivas e corporais que tinham como proposta melhorar e qualificar as pessoas para a nova sociedade que vinha se desenhando.

Assim, Porto Alegre, uma das cidades brasileiras com maior área verde no espaço urbano, incorporou as praças e parques no seu cotidiano. E é nesses espaços que seus cidadãos forjam suas memórias e constroem sua história.

No próximo capítulo, demonstro, por meio dos documentos analisados, como a Intendência Municipal estava disposta a transformar o ambiente urbano, fosse por meio de Leis e Decretos que interferiram na vida das pessoas, fosse pela criação dos Jardins de Recreio com objetivos educacionais bem definidos.

## 5 OS JARDINS DE RECREIO: LÓCUS CIVILIZATÓRIO NO ESPAÇO URBANO

A doença pertence não só à história superficial dos progressos científicos e tecnológicos como também à história profunda dos saberes e das práticas ligadas às estruturas sociais, às instituições, às representações, às mentalidades. (LE GOFF, 1985, p. 8).

Nesse capítulo, pretendo demonstrar que, no começo do século XX, na cidade de Porto Alegre, houve um projeto de ampliação da intervenção da medicina e da assistência social, gerando uma inserção do conhecimento médico no domínio social. Essa inserção instituiu práticas de controle de doenças e de saneamento das cidades, intervindo sobre a organização do modo de vida das pessoas. Tais práticas estabeleceram, de um certo modo, uma teia de intervenção sanitária, de assistência clínica e terapêutica e educacional, assegurando a circulação de discursos médicos pelo tecido social. Segundo Popkewitz (2010, p. 83), “o indivíduo civilizado [*urbane*] da cidade usaria o conhecimento da ciência para estudar as condições urbanas que produziam o declínio moral e trabalharia com o governo na reforma efetiva que eliminaria os males e livraria seus cidadãos das transgressões morais”. Da mesma forma, conforme Stephanou (2006, p.36), “os médicos transitaram dos consultórios e hospitais às tribunas, [...] das escolas às faculdades, das instituições à intimidade dos lares”.

Foi, então, por meio do discurso da modernidade, que se construiu um novo imaginário<sup>83</sup> social para a cidade de Porto Alegre no início do século XX. Outros sujeitos passaram a ser constituídos, “[...] na articulação complexa de discursos e práticas, que podem ser pedagógicos, médicos, terapêuticos, entre outros, historicamente engendrados, que instauram modos de conhecimento de si.” (STEPHANOU, 1998, p.97).

Portanto, por meio do planejamento urbano, da concretização das obras de infraestrutura e da preocupação, por parte da Intendência, em melhorar a condição de vida das pessoas, que as primeiras praças da cidade foram aos poucos sendo ocupadas pelos porto-alegrenses para outras formas de sociabilidade e de lazer.

---

<sup>83</sup> Para Pesavento, imaginário é um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que atribuem significado às coisas (1995).

Para Castells (2010), quando a sociedade passa por transformações, outras formas e processos espaciais surgem.

Nesse sentido, a carência de lugares públicos para a população, bem como o investimento em educação, saúde, higiene, esporte e recreação, sob o foco da prevenção, tornaram as praças um local viável para o desenvolvimento de ações e intervenções.

A cidade de Porto Alegre foi entendida como um cenário privilegiado de um conjunto de práticas voltadas para a execução desses objetivos. Portanto, a educação foi chamada a oferecer a colaboração para a difusão de meios de prevenção e preservação da saúde. Entretanto, tais objetivos não foram pautados apenas no âmbito educacional.

Nesse sentido, houve, na capital gaúcha, muitas leis e decretos que foram utilizados como instrumento de higienização da cidade e, conseqüentemente, da população. Parte-se do pressuposto de que a nova ordem social será engendrada por uma nova ordem urbana. Assim, conforme Topalov (1996), a “questão urbana” emerge como uma transformação da “questão social”. Segundo Pesavento,

Os interesses da higiene, do comércio e da estética passaram a convergir em torno da linha reta, legitimando a intervenção urbana haussmaniana, que se caracterizou pelas grandes aberturas, rasgando a cidade e refazendo o desenho urbano arcaico. (1999, p. 93).

O Estado passou a intervir na “questão urbana” ao formular políticas públicas específicas, tais como: Decreto nº 8, de 1º de julho de 1925, que regulamentou o emprego de condutores subterrâneos na zona central da cidade; Lei nº 89, de 15 de abril de 1926, que autorizou a abertura de crédito especial para aquisição de maquinários para o serviço de conservação de ruas e estradas; Decreto nº 52, de 06 de maio de 1926, que criou uma comissão para obras novas; Decreto nº 57, de 16 de junho de 1926, que estabeleceu o prazo de seis meses para a substituição das paredes de madeira por alvenaria das residências; Decreto nº 59, de 2 de julho de 1926, que deu providências ao serviço de vistorias em prédios de habitação coletiva; Decreto nº 153, de 10 de agosto de 1928, que criou a Diretoria Geral de Saneamento; Decreto nº 163, de 21 de dezembro de 1928, que promoveu o Serviço de Instalações de água e esgoto; e Lei nº 247, de 28 de dezembro de 1928, que autorizou a criação de uma Brigada da Saúde.

Desta forma, o Estado assumiu um lugar de destaque na elaboração da política sanitária municipal, produzindo um discurso científico sobre a “questão urbana” e providenciando a elaboração de estratégias de intervenção. Tais intervenções tornam-se evidentes, em 1950, com a promulgação da Lei nº 383, de 03 de março de 1950, que estabelece o Código de Posturas Municipais<sup>84</sup>. A Lei, enquanto marco regulatório da vida cidadina, articula disposições legais e designa regras de convivência em sociedade. As normas regulatórias tinham uma grande variedade; as preocupações contidas no documento iam desde os cuidados com as ruas e as praças, até o modo como deveria ser a fiscalização dos estabelecimentos. As infrações ao Código de Posturas eram punidas por meio do pagamento de taxas. Assim,

§ 2º Entende-se por normas de polícia administrativa, as quais tem em vista o comportamento individual face à coletividade, tudo o que envolve o interesse da população relativamente aos costumes, à tranquilidade, à higiene municipal e à segurança pública.

O Código de Posturas possuía um caráter modernizador e fomentava as modificações no espaço urbano. Porém, tais transformações não aconteciam sem tensões ou conflitos entre a população e o Estado. (CHALHOUB, 1996).

Tais normas de convívio social empreenderam um esforço para criar códigos; “neste caso, também, a transformação da existência social como um todo é a condição básica para civilizar-se a conduta”. (ELIAS, 1996; p.212). Acredito que o marco regulatório do Código não pode ser analisado de maneira isolada, pois se

---

<sup>84</sup>Para essa pesquisa, é importante descrever os títulos e capítulos, pois é a partir da visão da totalidade da lei que se pode compreender a complexidade das normas regulatórias. O objetivo dessa Lei era sanear a *urb* para manter a saúde do espaço. Para tanto, essa lei é composta de: TÍTULO I, DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES; TÍTULO II, DOS BENS PÚBLICOS; TÍTULO IV, DOS LUGARES FRANQUEADOS AO PÚBLICO; Capítulo I: DAS CASAS DE COMÉRCIO; Capítulo III: DOS DIVERTIMENTOS (Casas de espetáculos; Dancings e boates; Jogos); Capítulo IV: DE ESTABELECIMENTOS VÁRIOS (Cafés, restaurantes, bares, botequins e mercadinhos, Barbearias e engraxateiras; Armazém de secos e molhados; Hotéis, pensões e casas de cômodo); Capítulo V: DOS MERCADOS E FEIRAS; Capítulo VI: DAS IGREJAS, TEMPLOS E LOCAIS DE CULTOS; Capítulo VII: DOS VEÍCULOS DE TRANSPORTE COLETIVO; Capítulo VIII: DOS CEMITÉRIOS; TÍTULO V, DO SERVIÇO DE LIMPEZA; Capítulo I: DAS DISPOSIÇÕES GERAIS; Capítulo II: DAS LIMPEZAS DAS VIAS PUBLICAS; Capítulo III: DO ASSEIO PÚBLICO; Capítulo IV: DA UTILIZAÇÃO DO LIXO; Capítulo V: DAS SANITÁRIAS PÚBLICAS; TÍTULO VI, DOS TERRENOS NÃO EDIFICADOS; TÍTULO VII, DO COMÉRCIO, INDÚSTRIA E PROFISSÕES; Capítulo I: DO COMÉRCIO E PROFISSÕES; Capítulo II: DA INDÚSTRIA; Capítulo III: DA AFERIÇÃO DE PESOS E MEDIDAS; Capítulo IV: DOS ANÚNCIOS E PROPAGANDA COMERCIAL; Capítulo V: DA HIGIENE DA ALIMENTAÇÃO; TÍTULO VIII: DA TRQNAUILIDADE PÚBLICA; Capítulo I: DO TRÂNSITO EM GERAL; Capítulo II: DOS VEÍCULOS; Capítulo III: DA MORALIDADE E SOSSEGO PÚBLICO; Capítulo IV: DOS ANIMAIS.

apresenta como uma característica de mudança, uma concretização de processos sociais. Assim sendo,

Esse tecido básico, resultante de muitos planos e ações isolados, pode dar origem a mudanças e modelos que nenhuma pessoa isolada planejou ou criou. Dessa interdependência de pessoas surge uma ordem *sui generis*, uma ordem mais irresistível e mais forte do que a vontade e a razão de pessoas isoladas que a compõem. É essa ordem de impulsos e anelos humanos entrelaçados, essa ordem social, que determina o curso da mudança histórica, e que subjaz ao processo civilizador. (ELIAS, 1993, p. 194).

E é no contexto dessa trama social que se justificou a importância da recreação pública e dos Jardins de Recreio, por meio da intenção de propiciar às crianças ocupações sãs, com atividades que beneficiassem a saúde, a cidadania e a moralidade.

Tratava-se de pensar a infância, desde a mais tenra idade, fomentando hábitos saudáveis e eliminando atitudes insalubres; resguardar as crianças da debilidade e das moléstias; construir e gerar um sistema de ação colaborativa capaz de conduzir os infantes para uma vida de prevenção e preservação. Esses eram os objetivos que faziam parte da incumbência do Estado em relação às suas intervenções no começo do século XX. Portanto, tais objetivos fomentaram a criação e a permanência do Serviço de Recreação Pública da cidade de Porto Alegre, conforme o excerto a seguir:

Também no setor educacional notamos, entre outros, a transformação das atividades da infância que aos poucos foram perdendo o valor formativo dos atributos que nela promoviam seu enriquecimento, sua vitalidade e fôrça. Ao reconhecermos que todo o desenvolvimento tem a sua origem em alguma atividade, devemos nos esforçar em manter, conduzindo-as, agora já sob nova forma, as sãs ocupações da infância das épocas passadas: uma vez que a saúde, a cidadania, a moralidade e mesmo a intelectualidade não são qualidades abstratas, que diretamente podem ser asseguradas, elas têm e são o caráter resultante da ação. [...] É com esta finalidade que devemos criar e manter a recreação pública, que é um verdadeiro complemento da escola. (BOLETIM TÉCNICO INFORMATIVO, 1953, p. 01).

Em outra passagem, o Boletim Técnico Informativo (1953, p. 01) retrata que “nas conclusões de um Congresso Educacional afirmaram ser mais vantajoso a uma

comunidade, a existência de um jardim de recreio bem organizado sem uma escola, do que uma escola formal, sem um jardim de recreio”.

Deste modo, em 1926, é inaugurado o primeiro Jardim de Recreio na Praça Alto da Bronze, no governo do Intendente Otávio Rocha. Hoje, essa praça recebe o nome de General Osório. Feix e Goellner (2008) relatam que os Jardins de Recreio se multiplicaram pela cidade com o objetivo de modificar a imagem de cidade rural. Segundo Stigger e colaboradores, “já desde 1926, com a criação do primeiro Jardim de Recreio de Porto Alegre, identifica-se, na cidade uma iniciativa governamental que visa a oferecer serviços no âmbito do lazer para os cidadãos” (2009, p. 47).

Esse Jardim possuía salas de aula destinadas ao Jardim de Infância, área externa com brinquedos de balanço, escorregador, gangorra, tanque de patinhar, canchas de bola ao cesto, voleibol, baseball e biblioteca. Conforme o Boletim Técnico número 07, criaram-se os Jardins de Recreio dentro das praças públicas, pois tão importante quanto as aulas nas escolas era o fato de que “[...] o aluno deve empregar cinquenta por cento de seu tempo disponível, em plena natureza” (1953). Como essas estruturas eram consideradas complementos das escolas, foram, então, construídas perto de instituições escolares. Nessas praças, havia aparelhos de ginástica, canchas, gramados para esportes, além de pavilhões para área administrativa e social.

As atividades eram organizadas por faixa etária. No matutino, eram atendidas as crianças em idade pré-escolar; no vespertino, ao terminarem as aulas, os jovens tinham um instrutor que organizava programas específicos de jogos. Já no turno da noite, todas as tarefas eram voltadas para a classe laboriosa:

Durante a manhã dispensa-se especial cuidado em organizar actividades para os menores, de idade pré-escolar. Para isto conta cada jardim com um recanto infantil, com seu tanque de patinar, circundado pelo comoro de areia. É ai que os pequeninos satisfazem os seus primeiros instinctos criadores, encontrando mais, à sua disposição, balanços, gangorras, delisadores, trapézios, argollas. A tarde, ao terminarem as aulas dos collegios, com a affluencia dos escolares, mui naturalmente muda a feição do trabalho. É então que o instructor organiza programmas com jogos que venham a unir os rapazes nesta idade individualista, congraçando-os em sociedade, clubs e quadros; incutindo-lhes a sociabilidade e a união do esforço, agentes tão necessários para a vida futura. Para isto contam os jardins lindos gramados, canchas de baseball, volley-ball, bochas e malha. E é só lá pelas seis horas que o jardim toma nova feição. O encerramento das fábricas e casas commerciais e a terminação das actividades do dia trazem à praça de desportos publica a mocidade

laboriosa, que aproveitando as últimas horas úteis do dia, procura reganhar physicamente o que foi estancado durante horas sedentárias dos seus empregos. E é a esta hora que a direcção da praça volta a sua actenção para este elemento que por certo é o mais merecedor, por ser o mais necessitado. (BOLETIM TÉCNICO INFORMATIVO, 1953, p.4).

As atividades, segundo o Boletim Técnico Informativo (1953), eram orientadas por funcionários capacitados, e o desenvolvimento das tarefas como a música, o teatro, a dança e o jogos faziam parte do currículo da época, sob a roupagem de novos modelos e com objetivo focado de uma nova sociedade urbano-industrial. As atividades<sup>85</sup> eram:

[...] pic-nics, banhos, acampamentos, excursões, caça e pesca, canoagem, basket-ball, volley-ball, new-comb, krocket-ball, padle-tenis, tênis, base-ball, lutas, ferraduras, lance-livre, damas, xadrez, ping-pong, hockey, atletismo, foot-ball, bochas, bola militar, cabo de guerra, campeonatos, exercícios em aparelhos, remo, natação, escoterismo, badmington, deck-tenis, tamborete, peteca, jogos infantis, jogos livres, ginástica. [...] **Contrôle médico**, assistência social, biblioteca, corte e costura, teatro infantil, câoro-orfeônico, artes aplicadas, **noções de higiene aplicada**, bailados infantis, música, cinema recreativo e educativo. (BOLETIM TÉCNICO INFORMATIVO, 1953, p.9, grifos meus).

Por meio da leitura do excerto acima, é possível perceber que há uma diversidade em relação a ofertas de atividades ligadas a práticas corporais e ao esporte. Em sua maioria, tais atividades derivam-se do Movimento Ginástico Europeu.

O termo Ginástica<sup>86</sup>, segundo Fiorin (2002), ganhou diferentes concepções de acordo com a cultura e com o tempo histórico. Portanto, partimos da premissa de

---

<sup>85</sup> Segundo Soares (1996, p. 8), “a Educação Física Escolar tal como a concebemos hoje – como matéria de ensino – têm suas raízes na Europa de fins do século XVIII e início do século XIX. Com a criação dos chamados Sistemas Nacionais de Ensino, a Ginástica, nome dado à Educação Física e com caráter bastante abrangente, teve lugar como conteúdo escolar obrigatório”.

<sup>86</sup> Realizando uma construção temporal, conforme Ramos (1983), as práticas corporais da Pré-História estavam ligadas às práticas utilitárias e eram transmitidas através das gerações. Muitas vezes, também estavam ligadas a cultos e a festividades. Já na Grécia, a ginástica era dividida em dois grupos: a orquéstica e a paléstrica. A orquéstica tinha como objetivo a formação moral dos jovens; a paléstrica era voltada à execução de exercícios físicos para a preparação de “atletas”. Para os gregos, a prática sistemática de exercícios era relacionada com a educação geral do indivíduo. (RAMOS, 1983). Para Langlade e Langlade (1970), as escolas do renascimento fizeram das práticas corporais uma parte integrante importante da educação. Os exercícios eram praticados ao ar livre, todos os dias e sem delimitação de tempo para a prática de corridas, saltos, esgrima e equitação. E é nessa época que se apresenta um foco diferente para os exercícios físicos, com contribuições que até hoje influenciam a Educação Física.

que a diversidade dos variados tipos de ginástica existentes ao longo de um tempo histórico apresentam características e peculiaridades que são fruto das transformações históricas.

O Movimento Ginástico Europeu surgiu na sociedade ocidental moderna, e não tinha nenhuma relação com a instituição escolar. O Movimento foi sistematizado com foco anátomo-fisiológico do corpo, sustentado nas ciências físicas e biológicas e influenciado pela Revolução Industrial em ascensão. Segundo Soares,

A partir do ano de 1800 vão surgindo na Europa, em diferentes regiões, formas distintas de encarar os exercícios físicos. Essas formas receberam o nome de métodos ginásticos (ou escolas) e correspondem, respectivamente, aos quatro países que deram origem às primeiras sistematizações sobre a ginástica nas sociedades burguesas: a Alemanha, a Suécia, a França e a Inglaterra (que teve um caráter muito particular, desenvolvendo de modo mais acentuado o esporte). (1994, p.64).

Entre seus objetivos estava a não utilização do corpo como simples entretenimento; tinha caráter disciplinador, ordenativo e metódico. (SOARES, 2002):

Desde o século XIX, o movimento genérico dos animais e do homem foi objeto de atenção e de um grande número de pesquisas experimentais. [...] Mas o que aparece como conteúdo de ensino, repito, é a Ginástica, o Jogo Esportivo, a Dança, a Esgrima, Canto, Música. (SOARES, 1994, p. 10).

No contexto do Movimento, encontram-se três principais escolas: a Escola Alemã, a Escola Sueca e a Escola Francesa. Na Escola Alemã surge com o objetivo de preparar os corpos para a defesa da pátria. Segundo Soares, “era preciso criar um forte espírito nacionalista para atingir a unidade, a qual seria conseguida com homens e mulheres fortes, robustos e saudáveis”. (2002, p. 53). Os exercícios ginásticos alemães eram: exercícios de barra, exercícios de paralela, correr, marchar, levantar, esticar, saltar corda, saltar arco, cabo de guerra. Além disso, havia natação, equitação, esgrima, luta e atletismo como um todo.

A Escola Sueca surgiu para retirar os vícios da sociedade. Tinha um caráter pedagógico e social. O objetivo era criar indivíduos fortes que pudessem ser úteis à pátria, como soldados ou trabalhadores civis. (SOARES, 2004).

A Escola Francesa apresentava um caráter moral e patriótico, uma preocupação com o desenvolvimento social. Tinha como objetivo o desenvolvimento da força física, da destreza, da agilidade e da resistência. (SOARES, 2004). As atividades eram: jogos, exercícios educativos, desportos individuais e coletivos, marcha, corrida, esgrima, ginástica de aparelhos, remo e ciclismo.

Neste sentido, a praça rompe com a lógica contemplativa e passa a ser um espaço urbano de maior interação. E é nessa interação que foram planejadas atividades, pois transformou-se de um lugar para além do encontro; em um lugar que possui processos educacionais. As atividades realizadas eram os esportes, os jogos e as ginásticas nas diferentes perspectivas. Portanto, a criação desse espaço atende uma especificidade da demanda local, e não de um único modelo previamente estabelecido.

Em vista disso, evoco, a partir de Certeau (1990, p. 139), a metáfora do indivíduo sentado no topo do World Trade Center, em Nova York, observando “o lugar comum” da vida dos pedestres na rua. As praças da cidade, nesse sentido, são “o lugar-comum”; cada cidadão as entende e as utiliza de inúmeras e diferentes formas.

Porém, a posição do professor Gaelzer, que era a de conceber e efetivar políticas públicas ligadas a recreação e lazer, pode não ser a posição ideal para entender a dinâmica social da cidade; entretanto, ele se encontra em uma posição de poder para descrevê-la. A análise ingênua surge quando outros usos criativos da urbe são ignorados. Tenta-se impor as atividades e tarefas planejadas dentro das praças, mas as ações dentro daquele espaço não são repetidas mecanicamente. Certeau (1990, p. 59) define “táticas” como os movimentos criativos que transformam o lugar próprio em espaço dinâmico. Já os procedimentos que controlam o lugar são definidos como “estratégias”.

Os Jardins de Recreio apresentavam a justificativa de melhorar o aproveitamento das horas de lazer, educando as crianças por meio de lições morais e cívicas, fato esse expresso no seguinte excerto:

O maior compromisso da criança não é o de passar por exames, porém o de crescer sadiamente. E para isto ela tem necessidade de brincar; uma exigência vital que está inserida no próprio organismo. Sua utilidade é de tal evidência, seus efeitos sobre a vida física e psíquica de tal ordem, que se fica surpreso vendo a indiferença ou

quase desprezo com que foi sempre tratada. (BOLETIM TÉCNICO INFORMATIVO, 1953, p. 1).

Havia um elo entre a parte educacional e o Serviço de Recreação Pública, demonstrado pela entrevista ao Diário de Notícias, em 31 de março de 1929, em que Frederico Gaelzer relata: “Quando um país quer revelar a medida do seu progresso, do alcance de suas instituições, do valor da sua raça, aponta o número de suas coisas de educação e abre-lhes as suas portas como que dizendo: Vede como se educa!”. (p.31). Frederico também narrava os Jardins como sendo um lugar de formação para a cidadania de uma nova sociedade, proporcionando às crianças um lugar seguro,

Impedindo-as do perambular ocioso pelas ruas e colocando-as em contacto diário com outras crianças dentro de um ambiente apropriado a essa idade, estão os parques infantis, contribuindo enormemente para a formação do cidadão ideal do mundo que há de vir. (BOLETIM TÉCNICO INFORMATIVO, 1953, p.8)

Logo, esse sujeito precisa estar na escola em um turno e, no outro turno,

[...] nos jardins e parques recreativos, complementos das escolas, com todos os seus matizes educadores, que a criança desenvolverá o corpo e a mente, ampliando a sua vida social em um convívio conduzido entre os seus companheiros e folguedos. (BOLETIM TÉCNICO INFORMATIVO, 1953, p. 01).

As praças representam um fenômeno sociocultural e político relevante. Justifico essa afirmação a partir de três evidências: a adesão da população à frequência nas praças, o associativismo (criação dos *clubs*) e a institucionalização do Serviço de Recreação Pública.

Segundo o relatório, a frequência mensal passava de vinte e cinco mil jovens e crianças, sendo que a população da capital não chegava a duzentos mil habitantes.

Em relação ao associativismo, havia *clubs* organizados nas praças entre as décadas de 1920 a 1940. Portanto,

Nesse período, gradualmente, ocorre o alargamento da prática esportiva para algumas praças públicas. [...] Os *clubs* eram formalmente criados por jogadores e registrados no Serviço de

Recreação Pública. Depois de instituídos os *clubs*, era escolhida a diretoria e organizada a forma de funcionamento. (CUNHA; MAZO, 2010, p. 124-129).

Essa diretoria escolhida passa a organizar o espaço físico e se coloca como interlocutora da relação do poder público com as pessoas. Já em relação à institucionalização do Serviço de Recreação Pública, quando se refaz o

[...] caminho da institucionalização da recreação de Porto Alegre, vemos que começou como “Systema de Jardim de Recreio” em 1926, depois passou a ser “Diretoria de Praças e Jardins”, ligada a Diretoria Geral de Obras e Viação, até 1942. Em 21 de setembro de 1942 é criado o “Departamento Municipal de Educação Física”, pela Lei 121 ligado ao Gabinete do Prefeito. Posteriormente, em 27 de novembro de 1950, foi criado, pela lei 500, o “Serviço de Recreação Pública”, subordinado diretamente ao Gabinete do Prefeito (FEIX, 2003, p. 100-1001).

É possível notar, então, o discurso sobre a importância da recreação integrada a atividades de aprendizagem, contrapondo a ideia de passatempo ou ocupação de horas vazias. Assim, trago um excerto de uma conferência pronunciada por Frederico Gaelzer, no salão nobre da Faculdade Católica de Filosofia. Segundo o professor,

Com o afluxo, cada vez maior, do homem do campo para a cidade, **inúmeros são os novos problemas que se apresentam à sociedade**. Também no setor educacional notamos, entre outros, a transformação das atividades da infância que aos poucos foram perdendo o valor formativo dos atributos que nela promoviam seu enriquecimento, sua vitalidade e fôrça. Ao reconhecermos que todo o desenvolvimento tem a sua origem e alguma atividade, **devemos nos esforçar em manter, conduzindo-as, agora já sob nova forma as sãs ocupações da infância das épocas passadas; uma vez que a saúde, a cidadania, a moralidade e mesmo a intelectualidade não são qualidades abstratas**, que diretamente podem ser asseguradas, elas têm e são o caráter resultante da ação. Eis a razão de procuramos manter, nos aglomerados humanos das cidades, atividades semelhantes as de nossos antepassados, em longínquos rincões. **É com esta finalidade que devemos criar e manter a recreação pública, que é um verdadeiro complemento da escola**. (1950, p.1, grifos meus).

Observo, nesse trecho, um dos objetivos de se fomentar a recreação pública na cidade de Porto Alegre. Portanto, os Jardins de Recreio, ao oferecer às crianças atividades como os jogos, o teatro, a dança, a música e as aulas na biblioteca,

apresentavam uma intenção pedagógica com o estabelecimento de uma nova sociedade moderna urbano-industrial. Segundo Marcellino (1996, p. 50), “o lazer é um veículo privilegiado da educação [...]”; logo, nessa perspectiva, transforma-se em um meio interessante e necessário. Portanto, os Jardins de Recreio foi uma política pública que difundiu conteúdos educacionais importantes para seu tempo.

Em outro excerto sobre o Decálogo da Recreação Popular, é relatado o seguinte:

Hoje em dia o Estado assegura a organização e os meios para a recreação popular – entendendo por recreação toda a atividade que o homem realiza em suas horas livres. Ela é um meio autêntico para o aperfeiçoamento do cidadão, e portanto, de vital importância para o progresso social da comunidade. A Recreação completa a formação física; complementa a educação e favorece o aperfeiçoamento da aptidão profissional; cultiva o caráter e a personalidade mediante um programa integral de atividades físicas e culturais. (BOLETIM TÉCNICO INFORMATIVO, 1953, p.12).

Inserido nessa rede complexa, o professor Frederico Guilherme Gaelzer, inaugurando o primeiro Jardim de Recreio, também chamado de Jardim de Praça, criou o Serviço de Recreação Pública:

O incremento da prática do esporte e a criação do serviço de Recreação Pública (SRP) da cidade de Porto Alegre em 1926 repercutiram na ocupação de algumas praças com o intuito de fomentar o esporte. Nesse sentido, os espaços escolhidos foram denominados Praças de Desportos e, à medida que começaram a ser utilizadas pelas escolas, constituindo-se em uma extensão das mesmas, passaram a ser chamados Praças de Desportos e de Educação Física, desencadeou-se a formação dos chamados *clubs*, ou seja, a formação de equipes esportivas com a finalidade de representar as praças nas competições cidadinas. (CUNHA; MAZO, 2010, p.124).

O Serviço de Recreação Pública tinha por finalidade desenvolver as atividades comunitárias, fazendo com que crianças, adolescentes e adultos tivessem um aproveitamento útil e sadio do tempo disponível para uma recreação organizada, orientada e instrutiva.

De acordo com a Lei nº 500, de 27 de novembro de 1950, que cria o Serviço de Recreação Pública, competia a esse órgão executivo:

- a) Estudar a planificação da cidade no que concerne ao bom aproveitamento das novas construções, loteamentos, arruamentos e praias, sugerindo o que for de vantagem para a recreação pública e criando novos Jardins de Recreio, Praças de Educação Física, Praias e Parques Recreativos Suburbanos;
- b) Interpor os seus bons ofícios na organização das verbas anuais do Município, propondo novas verbas quanto à ampliação das atividades do SRP;
- c) Promover intensa cooperação com a Secretaria de Educação e Cultura na utilização dos próprios Estaduais no fomento da recreação pública e auxiliar a elaboração dos planos das construções para os novos prédios escolares, advindo do convênio entre o Estado e o Município;
- d) Aconselhar as organizações desportivas e sociais em suas atividades relacionadas com a recreação de seus sócios;
- e) Fornecer os elementos necessários para que a Diretoria Geral da Receita possa arrecadar os tributos originados pelos seus serviços;
- f) Intervir na recreação comercial, quando assim for aconselhável em benefício da recreação pública;
- g) Promover festividades públicas com o auxílio da banda Municipal e do Teatro Amador também nos bairros populosos da Capital;
- h) Promover cursos, conferências e convocar congressos no afim de incrementar favoravelmente a opinião pública sobre a recreação organizada.

Sendo assim, é em um espaço instituído nas praças, denominado Jardins de Recreio, que se planejou e moldou cada área e lugar, pensando-se na recreação. Segundo o Boletim Técnico Informativo n°5, de 1953, a construção das Praças de Recreação nem sempre era em uma área ideal. Logo,

[...] sempre constatamos variantes nos tamanhos e acidentes dos terrenos. Devemos, entretanto, formar doutrina quanto à utilização eficiente de suas instalações. Com este fim convém estabelecer-se uma classificação de acôrdo com a sua importância e possibilidade em servir a comuna que a cerca (p.1).

Ainda na mesma Lei nº 500, sob o Art. 11, foram criados os seguintes serviços: Serviço de Praças, Serviço de Praias, Serviço de Extensão, Serviço de Expansão Cultural e Artística e Serviço de Material.

Conforme o documento Secção de Praças e Parques de Recreação (1964, p. 06) o Serviço foi sendo gerenciado de acordo com os tipos de praças e parques existentes na cidade.

Neste organograma da figura a seguir, há uma apresentação de como se estruturava o Serviço de Recreação Pública. O Serviço, ligado ao Gabinete do

Prefeito, era dividido em dois setores: o Primeiro Setor, composto dos Parques Náuticos e dos Parques Balneários; e o Segundo Setor, composto pelas Praças e pelos Parques de Recreação. Meu foco de análise fixou-se no Segundo Setor, mais precisamente, no que eles denominavam de Praças. A figura apresenta um organograma da seção de Praças e Parques de Recreação. Esse setor era responsável por manter, organizar e dirigir as Praças e os Parques da cidade, além de cadastrar todos os frequentadores.

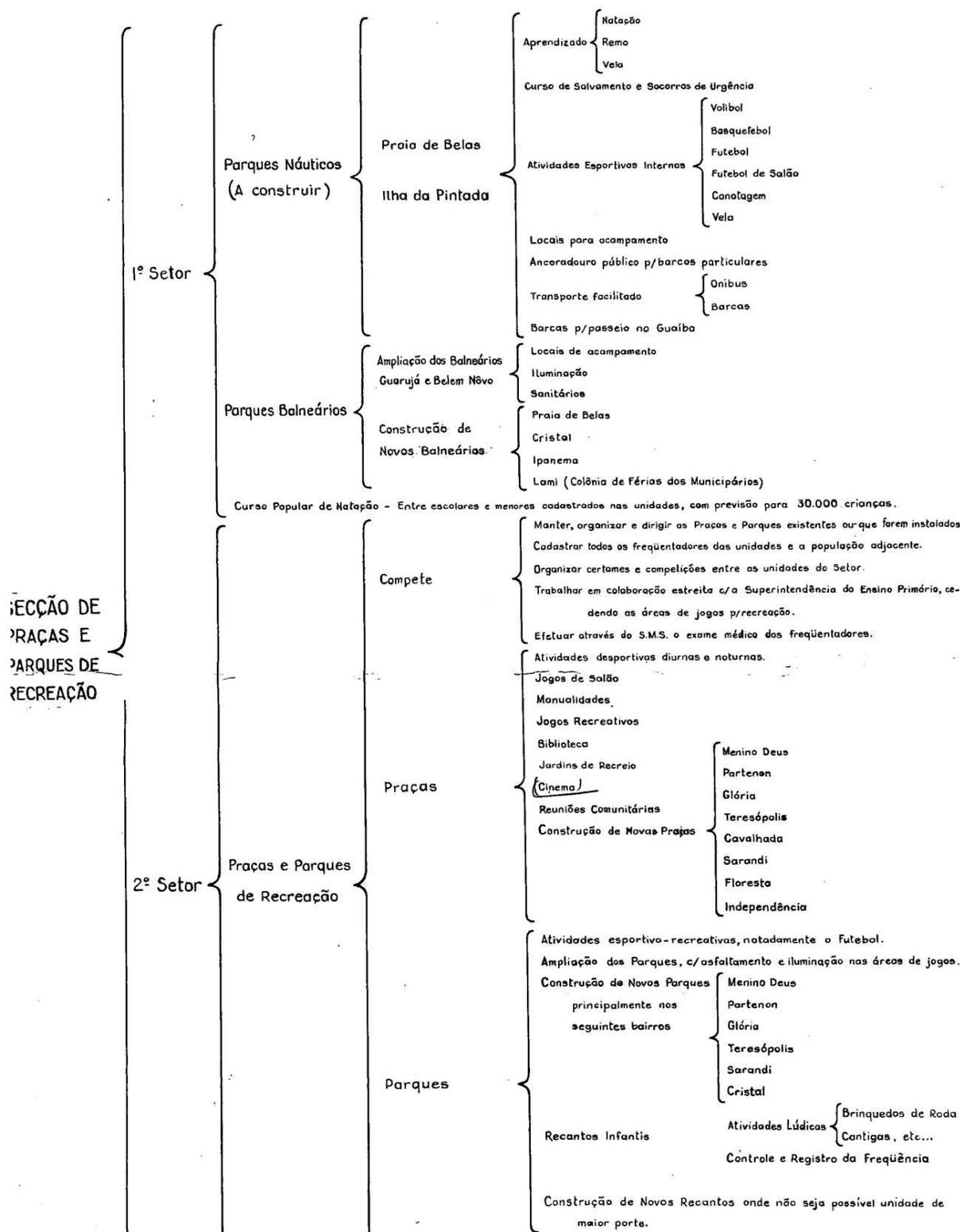
Mostra, também, um elo com a Superintendência do Ensino Primário. Nesse sentido, há um indício de regime de colaboração<sup>87</sup>. Outra ligação existente é entre o Serviço de Recreação e a Secretaria Municipal de Saúde. Tal relação se estabelece na realização dos exames médicos nos frequentadores das praças. Desta forma, competia especificamente a esse setor:

Manter, organizar e dirigir as Praças e Parques existentes ou que forem instalados; Cadastrar todos os freqüentadores das unidades e a população subjacente; Organizar certames e competições entre as unidades do Setor; Trabalhar em colaboração estreita com a Superintendência do Ensino Primário, cedendo áreas de jogos para recreação; Efetuar através da S.M.S. o exame médico dos freqüentadores. (1964, p. 06).

---

<sup>87</sup> Para saber mais, há alguns pesquisadores na área das ciências sociais que discutem o tema dos regimes de colaboração, entre eles: Sposati (2008); Costa (2008); Monnerat (2009). Sugiro, também, a leitura de Monnerat, Almeida e Souza (2014), texto no qual as autoras escrevem sobre a articulação dos setores da saúde e da assistência social.

Figura 13 – Secção de Praças e Parques, 1964



Fonte: Centro de Memória do Esporte, UFRGS

Existiram tipos diferentes de unidades sob a responsabilidade do Serviço de Praças: os Jardins de Recreio, as Praças de Recreação, os Parques de Recreação e os Recantos Infantis. O Serviço de Recreação Pública (S.R. P.)<sup>88</sup>

[...] é uma das muitas secções integrantes da Prefeitura Municipal e que está subordinada, diretamente, ao Prefeito. Sua finalidade principal é estimular, coordenar, orientar e dirigir as atividades recreativas do povo, adequadas às horas de lazer [...] O S. R. P. oferece ambiente a uma sã recreação, não só das crianças como dos adultos. Há os recantos infantis construídos dentro de uma Praça Pública qualquer. Nesses recantos há gangorras, balanços para bebê, escorregadores, caixa de areia, etc. Por exemplo: recantos da Praça da Alfândega, da Conceição, Otávio Rocha, etc. Há os Jardins de Recreio, que são construídos junto a algum estabelecimento de ensino. Possuem os mesmos aparelhos que o recanto. Exemplo: Jardim de Recreio, ao lado do Instituto de Educação. (BOLETIM TÉCNICO INFORMATIVO, 1953, p.6).

Para tanto, o Serviço de Recreação planejava a construção de uma Praça na cidade, havendo, assim, variação nos tamanhos e tipos:

Primeiro tipo da série – Este é o mais simples, usa menor espaço, número mínimo de aparelhos e por isto custa menos e é naturalmente destinado a servir um menor núcleo de favorecidos. Seu tipo é misto. Isto é, tôdas as crianças brincam no mesmo recinto, não havendo cercas divisórias para a separação dos sexos ou idades. O único recurso de que então dispomos para oferecer aos freqüentadores, numa permanência segura, num usufruto aproveitável, é a colocação adequada dos aparelhos e das demais instalações. (BOLETIM TÉCNICO INFORMATIVO, 1953, p. 01).

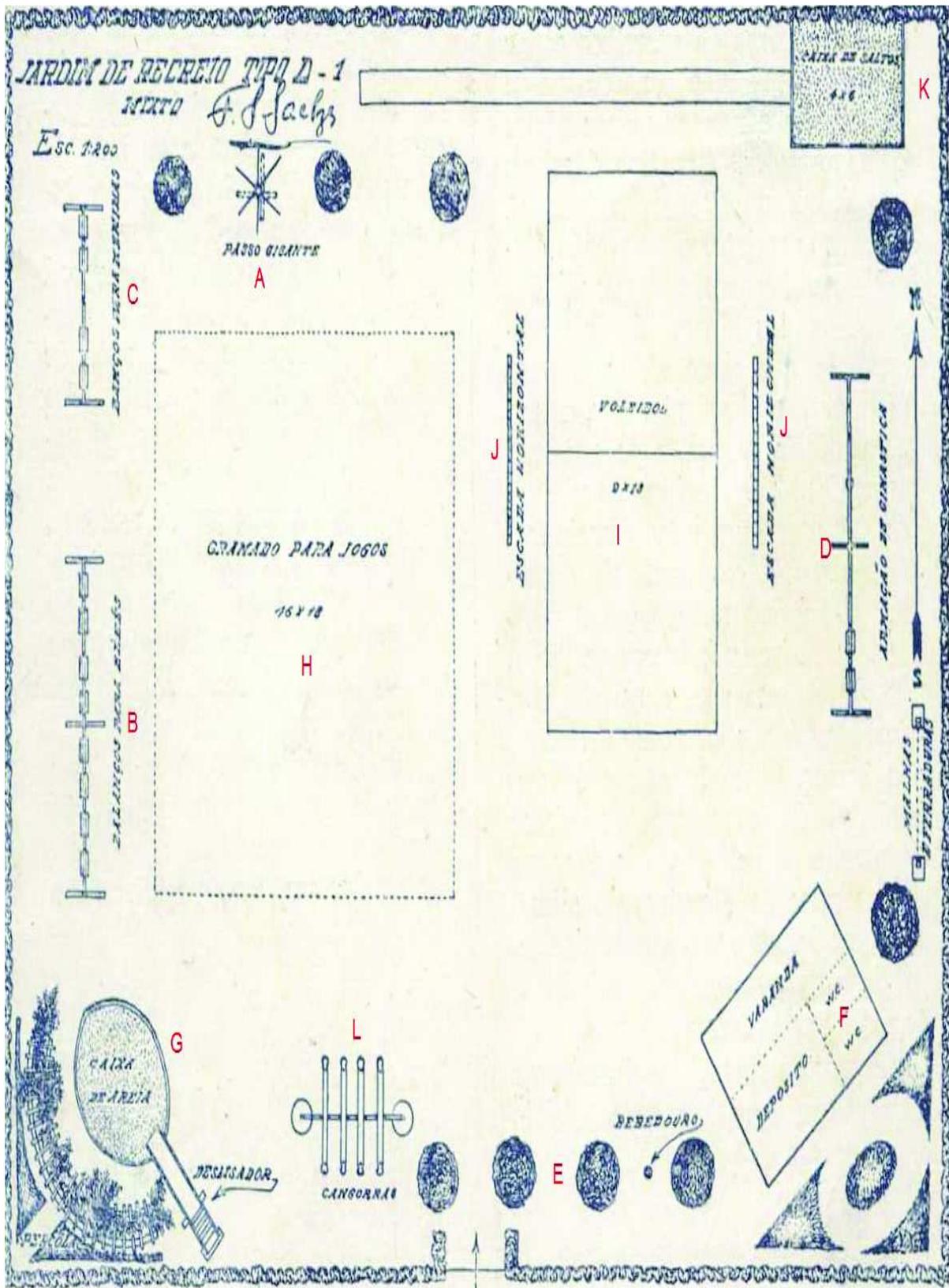
Na figura a seguir, apresento o exemplo de uma planta do Jardim de Recreio Tipo 1, que era considerado o mais simples. O objetivo estava em oferecer a

---

<sup>88</sup> Lenea Gaelzer, em documento próprio datilografado, a respeito da evolução cronológica dos estudos e da institucionalização da recreação em Porto Alegre, descreve: “É necessário se reconhecer que a Recreação em Porto Alegre, Brasil, tem evoluído em um processo integrado ao desenvolvimento da Educação Física no qual participaram inúmeros professores a partir da década de 1920. Entre eles pode-se render a homenagem a todos os fundadores da Escola Superior em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e demais professores que por idealismo e capacidade profissional contribuíram para o estudo e a formação dos professores de Educação Física no Estado do Rio Grande do Sul. No setor de Recreação, em um trabalho integrado, destacaram-se como pioneiros os professores Frederico Guilherme Gaelzer, Ney Rodrigues, Ruy Gaspar Martins, Jacintho Francisco Targa, Carlos Black e Joaber Pereira que na área de ensino da UFRGS e na institucionalização a nível Municipal em Porto Alegre, procuraram desenvolver nas experiências comunitárias as teorias do Lazer e da Recreação que até a presente data são motivos de reflexão, estudos e pesquisas”. (1984, p.3).

recreação orientada mesmo em praças de pequenas dimensões, que não comportariam um pavilhão com salas de aula e biblioteca.

Figura 14 - Planta do Jardim de Recreio Tipo 1



Fonte: Boletim Técnico Informativo, CEME

A construção desse Tipo de Jardim de Recreio era prevista para ser realizada perto dos grupos escolares, pois se destinava à recreação dos infantes no turno escolar inverso.

A figura foi editada, por meio da inserção de letras, para melhor compreensão.

A letra (A) é o Passo do Gigante – seu uso destina-se a todos os frequentadores; (B) são quatro balanços para bebês, isolados do jardim, com altura de 2,50 metros e com assentos protegidos; (C) armação com quatro balanços para meninas, com três metros de embalo; (D) a armação de ginástica ocupa a outra metade do retângulo; (E) bebedouros higiênicos colocados na entrada e acessíveis a todos; (F) instalações higiênicas ou banheiros, que são feitos de uma pequena construção com privada, lavatório e um depósito; (G) caixa de areia, que servia como amortecedor para o deslizador; (H) gramado para jogos; (I) quadra de voleibol<sup>89</sup>; (J) escada horizontal, que fazia parte da armação ginástica, bem como: dois balanços, um mastro vertical, uma barra horizontal e um par de argolas; (K) caixa de saltos e (L) gangorra.

Havia também um cuidado com a segurança dos frequentadores e um cuidado com espaço, pois a praça deveria “[...] ser cercada<sup>90</sup> com tela, ou 5 fios de

---

<sup>89</sup> O voleibol foi criado em 1895, pelo americano William G. Morgan, então diretor de Educação Física da Associação Cristã de Moços (ACM) na cidade de Holyoke, em Massachusetts, nos Estados Unidos. Vale lembrar, aqui, a relação entre o professor Frederico Gaelzer e a ACM. O primeiro campeonato sul-americano foi patrocinado pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD), com o apoio da Federação Carioca de Volley Ball, e aconteceu no ginásio do Fluminense, no Rio, entre 12 e 22 de setembro de 1951. É interessante ressaltar que a Confederação Brasileira de Voleibol (BBV) foi instituída em 16 de agosto de 1954. Já na cidade de Porto Alegre, “os anos 20 e 30 do século XX foram muito importantes para a estruturação do esporte gaúcho. Ainda que houvesse algumas atividades em andamento na cidade, em especial nos clubes esportivos, a organização do esporte gaúcho era responsabilidade da Liga Atlética Porto-Alegrense (LAPA) que, em 1927, originou a Liga Atlética Rio-Grandense (LARG), cuja proposta era de incentivar modalidades ainda incipientes no estado tais como o atletismo, o basquetebol, o voleibol e a esgrima.” (DALSIN; GOELLNER, 2006, p. 156-157). Para saber mais, conferir: <<http://2015.cbv.com.br/panamericano/item/53-historia-do-volei-brasileiro>> e <[http://www.fpv.com.br/historia\\_volleyball.asp](http://www.fpv.com.br/historia_volleyball.asp)>. Há uma obra de Marchi Júnior (2004), bastante rica em detalhes, realizando uma abordagem histórico-sociológica do voleibol brasileiro.

<sup>90</sup> O cercamento das praças com a colocação de um portão de acesso, em 1953, é um ato que, à época, resultou em pouca ou nenhuma discussão. Na contemporaneidade, há um debate fervoroso a respeito do assunto. O foco das discussões é o cercamento do Parque Farroupilha, conhecido pelos cidadãos como Parque da Redenção. Essa proposta é “[...] debatida na Câmara de Vereadores de Porto Alegre (RS) e na mídia local pelo menos desde a década de 1990”. (VERDUM et al, 2015, p. 126). A prefeitura de Porto Alegre apresenta, de tempos em tempos, uma intenção de reforçar o número de câmeras de segurança no parque, de modo a obter visualização do que lá acontece à

arame liso, ao lado interno da qual serão plantados arbustos de ornamentação. Deve ter um portão de entrada, situado na rua de menor movimento”. (BOLETIM TÉCNICO INFORMATIVO, 1953, p.01).

Outra preocupação era em relação à disposição dos aparelhos em relação à idade dos frequentadores: “[...] o portão de acesso, pela sua disposição em conformidade com os aparelhos, permite aos frequentadores uma separação natural, cada um buscando o lado dos brinquedos que estão de acordo com a sua idade”. (BOLETIM TÉCNICO INFORMATIVO, 1953, p. 12).

Logo, esse processo de utilização das praças, com objetivo de educar as novas gerações, não aconteceu apenas na cidade de Porto Alegre. Porém, na capital gaúcha essas estruturas eram consideradas complementos das escolas; portanto, foram construídas perto de instituições escolares:

Jardim de Recreio n°1, situado na praça General Osório, faz frente ao Collegio Fernando Gomes e dista somente quatro quadras da Escola Normal, do Gymnasio Anchieta, do Collegio N. S. do Rosario e do Collegio Elementar. O Jardim de Recreio n°2, localizado na praça General Pinheiro Machado, fica ao lado do Collegio e Seminário Evangélico e duas quadras do Colegio Methodista. O Jardim de Recreio n°3, que ocupa a praça Florida, fica ao lado do futuro Collegio da Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea. O Jardim de Recreio n°4, também denominado Dr. Montaury, dista somente uma quadra do Collegio N. S. do Bom Conselho, duas quadras do Collegio Espirito do Nazareno e a quatro quadras do Porto Alegre College e da Instituição Pia Chaves Barcellos. (1953, p.3).

Houve uma opção de priorizar a construção de Jardins de Recreio perto de instituições escolares; assim, o interesse em estabelecer parcerias fica evidente.

---

noite. Contudo, movimentos sociais criticam tal intenção da prefeitura por julgarem que a ação reforçaria o estereótipo de um local de criminalidade. Para aprofundamento do tema, recomendo as seguintes leituras: Cercamento do Parque da Redenção será decidido em plebiscito (29 abril 2015): <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/porto-alegre/noticia/2015/04/cercamento-do-parque-da-redencao-sera-decidido-em-plebiscito-4750575.html>>; Plebiscito sobre cercamento do Parque da Redenção fica para 2017 (25 abril 2016): <<http://www.radioguaiba.com.br/noticia/plebiscito-sobre-cercamento-do-parque-da-redencao-fica-para-2017/>>; Cercamento eletrônico da Redenção e do Marinha do Brasil deve ficar pronto em um mês (04 novembro 2016): <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/porto-alegre/pelas-ruas/noticia/2016/11/cercamento-eletronico-da-redencao-e-do-marinha-do-brasil-deve-ficar-pronto-em-um-mes-8153052.html>>; Parque da Redenção tem cercamento eletrônico reforçado em Porto Alegre (27 dezembro 2016): <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/12/parque-da-redencao-tem-cercamento-eletronico-reforcado-em-porto-alegre.html>>.

Posso afirmar que já havia uma preocupação em regradar o tempo ocioso dos infantes. A ampliação da jornada escolar passa a fazer parte da agenda política governamental de Porto Alegre já no começo do século XX, pois

O essencial para a criança deverá ser a sua felicidade e não é com o sacrifício desta que ela preparará o seu bom êxito futuro. O brinquedo deve ser a sua preocupação predominante, na qual, por uma sábia associação, deve ser integrada a atividade da aprendizagem. O que não é possível continuar, é vermos no ato de brincar, assim como na dança e na música, passatempos quase inúteis, maneiras de ocupar horas vazias, classificando-as, muitas vezes, de desnecessárias ou até condenáveis. (BOLETIM TÉCNICO INFORMATIVO, 1953, p. 01).

É interessante ressaltar que o surgimento dos Jardins de Recreio em Porto Alegre ocorreu em um momento político acirrado no Brasil. No Estado do Rio Grande do Sul, não foi diferente; muitos embates, muitas disputas estavam em jogo. Segundo Oliven,

Se a República Velha se caracterizou pela descentralização política e administrativa, a República Nova reverte essa tendência e acentua uma crescente centralização nos mais variados níveis. Esse processo precisa ser entendido como decorrência de importantes transformações que vinham sendo gestadas nas primeiras décadas deste século – XX – e que assumiram uma dimensão mais ampla a partir da década de 1930. (2000, p.76).

Outras cidades também implantaram atividades dirigidas em parques públicos. Em São Paulo, quando o poeta Mário de Andrade era chefe do Departamento de Cultura do município, na gestão do prefeito Fábio Prado, em 1934, originaram-se os Parques infantis. Destaca-se, segundo Dalben e Danailof, “[...] a necessidade de ocupação do tempo livre das crianças – filhos e filhas dos operários – e, assim, eram instalados nos parques próximos às fábricas” (2009, p.8).

Assim sendo, este capítulo procurou realizar um movimento intelectual de estabelecer relações entre a constituição da cidade, os processos educativos e de constituição de civilidade dos cidadãos. Ressalto que a experiência da cidade de Porto Alegre está relacionada com o contexto mais amplo, apresentando, ao mesmo tempo, singularidades significativas.

Procurei, também, descrever as práticas propostas, nas quais fica evidente que há a preocupação de construir uma proposta educacional de prática nas praças.

Para isso ocorrer, foi necessário estabelecer estratégias que contemplassem a diversidade de interesses circulantes naquele momento histórico.

E, por fim, ao analisar uma planta em específico, ficou visível que essa diversidade não se materializava somente nas propostas, mas na disposição espacial dos aparelhos e equipamentos inseridos na praça. Logo, essa heterogeneidade fazia com que uma maior quantidade de pessoas fosse contemplada.

## 6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA CONCLUIR

Escrever (e ler) é como submergir num abismo em que acreditamos ter descoberto objetos maravilhosos. Quando voltamos à superfície, só trazemos pedras comuns de vidro e algo assim como uma inquietude nova no olhar. O escrito (e o lido) não é senão um traço visível e sempre decepcionante de uma aventura que, enfim, se revelou impossível. E, no entanto, voltamos transformados. Nossos olhos apreenderam uma nova insatisfação e não se costuma mais à falta de brilho e de mistério daquilo que nos oferece à luz do dia. E algo que nosso peito diz que, na profundidade, ainda resplandece, imutável e desconhecido, o tesouro. (LARROSA, 2002).

É chegada a hora de analisar “os tesouros” que encontrei durante a caminhada. Assim, nesse momento de escrever as considerações finais desta dissertação, sinto-me ao mesmo tempo, em uma situação desafiadora e difícil. Desafiadora porque o ato de pesquisar remete-me a incompletude. Incompletude esta fomentada pelo ato de continuar a refletir sobre o tema que me propus a investigar. Porém, a escrita necessita ter um ponto final. E este ponto final não significa visualizar apenas alguns pontos de chegada, percebo novos e instigantes pontos de partida, num processo ou caminho que não acaba. Difícil, pois envolve argumentar uma ideia final, quando acredito que o conhecimento não é definitivo e está em constante construção. Deste modo, é instigante concluir um trabalho cujo objetivo foi justamente não apresentar a “verdade” e sim mostrar uma versão entre tantas possíveis<sup>1</sup>.

Sendo assim, este final nada mais é do que uma breve parada, um breve exercício de estranhar a minha produção intelectual, desenvolvida ao longo de dois anos. Portanto, neste momento, tenho por finalidade retomar resumidamente alguns pontos das análises realizadas nos capítulos anteriores.

Em relação ao primeiro capítulo, gostaria de salientar, o percurso das escolhas realizadas. Houve uma preocupação em apresentar os caminhos trilhados para a definição do tema de pesquisa. Caminho esse iniciado no cotidiano de uma escola da rede municipal de ensino de Novo Hamburgo coadunado com as indagações instigadas durante a pesquisa do curso de Especialização em Educação Integral.

---

<sup>1</sup>Para Pesavento (1997), a história é escrita a partir de fontes que são marcos indiciários daquilo que teria acontecido e com as quais o historiador constrói uma versão.

No segundo capítulo tratei da construção do referencial teórico – metodológico que orienta este estudo. Ao investigar o passado, procurei por rastros, unindo-os, separando-os e produzindo dados para compor uma versão da história. Assim, revisei memórias de parentes e pessoas que trabalharam com o professor Gaelzer, para compor uma história, olhando através das lentes do presente um período passado, sendo necessário ressaltar, que essa pesquisa é fundamentada na perspectiva da História Cultural.

Quanto aos documentos escritos que compõem este trabalho, busquei localizar e identificar fontes que contribuíssem na construção desta pesquisa, focando no objetivo proposto. Nesse processo selecionei muitos documentos, e li superficialmente tantos outros. Nesse sentido vários materiais não consegui utilizar nesta dissertação. Por isso, deixo aqui registrado o meu encantamento e certo apego ao material encontrado.

No terceiro capítulo, utilizando a Teoria Configuracional de Norbert Elias, realizei uma análise biográfica de um determinado tempo da vida do professor Frederico Gaelzer. Para construir sua trajetória foi utilizado como fonte documental, principalmente os depoimentos de pessoas que conviveram com ele ou fazem parte da sua família.

Diversas pesquisas relatam o trabalho de vanguarda do professor Gaelzer na criação do Serviço de Recreação Pública da cidade de Porto Alegre. A urb é admirada como pioneira na criação do Serviço financiado pelo poder público. O reconhecimento pela sua trajetória no campo da Educação Física fica marcado como nome de uma rua localizada no Bairro Jardim Salso e do Centro Natatório da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

No quarto capítulo procurei descrever o contexto a qual a cidade de Porto Alegre estava inserida e a relação dos cidadãos com as suas praças e parques. Há uma preocupação em situar o leitor em uma pequena construção histórica das praças, enquanto espaço de convivência, em diferentes tempos e espaços. É importante ressaltar, também, que os estudos urbanísticos da cidade de Porto Alegre foram realizados por engenheiros dentro de uma Secretaria de Obras, muito pautados por práticas importadas da Europa. Portanto, no urbanismo de Porto Alegre há muito dos princípios Europeus. Entretanto, houve modificações em seu processo para melhor adequar as necessidades locais. O caráter distinto entre as

propostas aponta para as questões de modernização, higienização e nacionalismo. (PECHMAN, 1996).

No quinto capítulo há uma descrição dos Jardins de Recreio e a sua relação com a cidade. O desenvolvimento dessa política pública ocorreu entre os anos 1920 e 1930, influenciado pelo escolanovismo e pelo ideário republicano, como parte integrante de um projeto de reforma social da cidade. Todos os Jardins eram construídos próximos às escolas. Nesses locais, em período integral ficavam as crianças com até 6 anos e em meio período as crianças que frequentavam as escolas. Dentro das atividades contempladas nas praças e parques estavam as exposições, os concertos, as excursões orientadas, os campeonatos, as comemorações cívicas e folclóricas. Portanto, o professor Gaelzer tinha a preocupação de oferecer não apenas aparelhos para práticas de esporte e lazer, mas desenvolver tarefas pedagógicas. Essa diversidade não estava relacionada as atividades, estava também relacionada aos diferentes tipos de aparelhos dispostos nas praças. Pode-se concluir, que o professor Gaelzer pretendia que as pessoas frequentassem os espaços públicos de lazer que se ampliavam a cada dia.

Logo após a inauguração do Jardim de Recreio, número um, na Praça Alto da Bronze, nota-se através dos documentos (Boletins Técnicos Informativos, depoimentos e Relatórios), que tais espaços diferem-se dos atendimentos realizados nas escolas e, com isso, era propagandeado na imprensa local (através do jornal *A Federação*) como a pérola da educação da cidade, a qual deveria ser disseminada. Sendo assim, foi nos Jardins de Recreio que as ações pedagógicas foram vinculadas a uma concepção do fortalecimento físico, mental e moral dos seus usuários.

Analisando os jornais, não foi encontrada nenhuma publicação com conotação negativa a respeito dos Jardins de Recreio. Ao contrário, a política pública estava sempre recebendo elogios pelo papel que desempenhava, tanto nos jornais locais, como: *A Federação*, *Correio do Povo*, *Diário de Notícias* ou em jornais de outros estados, como: *O Jornal*, do Rio de Janeiro.

Desta forma, investiguei a criação e o funcionamento dos Jardins de Recreio, durante o período 1926 e 1950, no qual foi mais intensa sua atuação. Algumas inquietações me mobilizaram e serviram de estopim para a escolha da temática. Em primeiro lugar, não conseguia ver a concepção da criação dos Jardins de Recreio fora de uma perspectiva desconectada de um contexto local e mais amplo. Sua

criação e seu funcionamento respondiam a diferentes demandas e, portanto, fundamentadas àquelas condições históricas. Em segundo lugar, muito do discurso médico-higienista estava presente e ecoados em outras instâncias e espaços. Isto posto, os Jardins de Recreio foi uma política pública pensada e gerada a partir de diversos discursos que circulavam na época. Em terceiro e último lugar, não acreditava que os Jardins de Recreio, bem como o Serviço de Recreação Pública, pudesse ter sido concebido pelo acaso de uma ideia surgida de uma única pessoa, no caso o professor Frederico Guilherme Gaelzer.

Em vista disso, diante destas inquietações, propus a trabalhar para, a partir dos documentos, iniciar uma construção histórica da política. Assim sendo, os Jardins de Recreio integraram o conjunto de iniciativas implementadas pelo Serviço de Recreação Pública que visavam a ocupação do espaço público com intervenções pedagógicas. Ademais, sua criação respondeu a demandas criadas pelo ideário da modernidade e da educação republicana.

Ao construir a história da institucionalização do Serviço de Recreação Pública, os documentos apontam que este começou como “Systema de Jardim de Recreio” datado de 1926. Após, até 1942, esteve ligado à Diretoria Geral de Obras e chamava-se “Diretoria de Praças e Jardins”. Através da Lei 121 é criado o “Departamento Municipal de Educação Física” que era diretamente ligado ao Gabinete do Prefeito. E, somente em 1950, pela Lei 500 foi instituído o “Serviço de Recreação Pública”, continuando a sua relação direta com o Gabinete do Prefeito.

Foi possível compreender, através da análise dos dados empíricos, que os Jardins de Recreio constituíram-se para além de espaços de sociabilidade e lazer dos portoalegrenses. Seja pelas atividades planejadas pelas pessoas que atuavam nesses espaços, seja pela disposição dos aparelhos instalados; havia uma intenção pedagógica. E essas intervenções pedagógicas foram atravessadas pelo discurso higienista e civilizatório deflagrados pela intencionalidade, da cidade de Porto Alegre de se tornar um lugar limpo, organizado, belo e saudável.

É, enfim, uma necessidade imperiosa colocar um ponto final neste texto. Entretanto, mais do que a certeza de que o caminho percorrido chegou ao seu destino, o sentimento que fica é que essa pesquisa possui lacunas e questões que impulsionam a continuidade das análises. Acredito ser importante pensar essa caminhada como ponto de partida para mais uma jornada na qual serão traçados outros trajetos e percursos. Muito há ainda a perguntar sobre a história da educação

em espaços não formais e a sua relação com a urbanidade, em determinados períodos históricos.

\*\*\*

Retomando a citação que introduz esta dissertação

Caminante, son tus huellas el camino y nada más; caminante, no hay camino, se hace camino al andar. Al andar se hace el camino, y al volver la vista atrás se ve la senda que nunca se ha de volver a pisar. Caminante no hay camino sino estelas en la mar. (MACHADO, sd)

Existem muitos caminhos para se responder uma pergunta de pesquisa. Dá mesma forma como existem muitos caminhos para se formular uma pergunta de pesquisa. Os acontecimentos que contamos ao responder estas perguntas estão muito mais pautados pelo caminho do que pelos fatos em si. A forma como olhei para estes acontecimentos transformaram eles também em caminhos.

De certa forma, o caminho que os protagonistas desta dissertação percorreram transformaram-nos em caminhantes distintos. Ao fazer viagens ao exterior, ao ler determinados referenciais, ao se filiarem em determinados partidos políticos, estes protagonistas se constituíram a partir do caminho que trilharam.

Portanto, uno-me aos personagens desta pesquisa. Pois assim como eles se transformaram pelo caminho que percorreram em um passado singular também fui transformada nesse processo.

## REFERÊNCIAS

- ALFONSIN, Betania de Moraes. **Da invisibilidade à regularização fundiária: a trajetória legal da moradia de baixa renda em Porto Alegre – século XX**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2000.
- ALMEIDA, Maria Soares de. **Transformações urbanas: atos, normas, decretos, leis na administração da cidade – Porto Alegre 1937 – 1961**. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Programa de Pós-Graduação em Estruturas Ambientais e Urbanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.
- ALVES, Augusto. **A construção do porto de Porto Alegre 1895 – 1930: modernidade urbanística como suporte de um projeto de estado**. 2005. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2005.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J. A “revisão bibliográfica” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis – o retorno. In: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, A. M. N. (Org.). **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. São Paulo: Cortez, 2002.
- AMADO, Janaína. **Conflito social no Brasil: a revolta dos Mucker**. São Paulo: Ed. Símbolo, 1978.
- AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral. In: **História**. São Paulo, 1995.
- ANDRÉ, Marli; SIMÕES Regina H. S.; CARVALHO, Janete M.; BRZEZINSKI, Iria. Estado da Arte da Formação de Professores no Brasil. **Educação & Sociedade**, ano XX, n. 68, p. 301-400, 1999.
- BAKOS, Margaret M. Augusto Comte e o Brasil. **Rev. Instituto Histórico e Geográfico do RS**, n. 146, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BELLO, Helton Estivalet. **O ecletismo e a imagem da cidade**. 1997. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 1997.
- BERSTEIN, Serge. La cultura política. In: RIOUX, Jean – Pierre, SIRINELLI, Jean – François (orgs.). **Para una historia cultural**. México: Taurus, 1999.
- BICA, Alessandro Carvalho; CORSETTI, Berenice. O prelúdio das campanhas de alfabetização na era Vargas: a Cruzada Nacional de Educação. **Revista História da Educação**, Porto Alegre, v. 15, n. 33, 2011.

BILHÃO, Isabel Aparecida. “Informar” para “formar” – reflexões sobre imprensa e militância no mundo do trabalho brasileiro na Primeira República. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 16, n. 24, 1º sem. 2015

BONENY, Helena. A escola no Brasil de Darcy Ribeiro. Rev. **Em Aberto**, v. 22, nº 80, p. 109-120, abr. 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.

BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (Orgs.). **Passados recompostos**: campos e canteiros da história. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ; FGV, 1998.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **Norbert Elias**: formação, educação e emoções no processo de civilização. Petrópolis: Vozes, 2003.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**. História e imagem. Bauru: EDUSC, 2004.

BURKE, Peter. **O que é história Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CARDOSO, Ciro Flamarion. História e poder: uma nova história política? In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil**: a história que não se conta. Campinas: Papyrus, 1988.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

CASTELLS, M. **A sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1996.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 2. Morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CHARTIER, Roger. A história cultural. **Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. **Revista de Estudos Históricos**. v. 7, n. 13, São Paulo, 1994.

CHARTIER, Roger. Formação social e econômica psíquica: a sociedade de corte no processo civilizador. In: ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte: investigação sobre**

**a sociologia da realeza e da aristocracia de corte.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CHARTIER, Roger. **Á beira da falésia:** a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. Pierre Bourdieu e a história. **Rev. Topoi.** Rio de Janeiro, mar., 2002a.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. **FRONTEIRAS: Revista de História,** v. 13, n. 24, p. 15-29, 2012.

COMTE, Auguste. Os pensadores. **São Paulo: Abril Cultural,** 1978.

COSTA, M. D. H. O trabalho nos serviços de saúde e a inserção dos (as) assistentes sociais. In: MOTA, Ana Elizabete (orgs.). **Serviço social e saúde: formação e trabalho profissional.** São Paulo: Cortez, 2008.

CUNHA, Maria Luisa Oliveira da. **As práticas corporais e esportivas nas praças e parques públicos da cidade de Porto Alegre (1920-1940).** Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2009.

CUNHA, Maria L.; MAZO, Janice Z.; STIGGER, Marco Paulo. A organização das praças de Desporto/Educação Física na cidade de Porto Alegre (1920-1940). **Revista Licere,** Belo Horizonte, v.13, n.1, p.1-33, 2010.

CUNHA, Maria Luisa Oliveira da; MAZO, Janice Zarpellon. A criação dos clubs nas praças públicas da cidade de Porto Alegre (1920 – 1940). **Revista Brasileira de Ciência e Esporte,** Florianópolis, v. 32, n. 2-4, p. 123-139, 2010.

DALBEN, Andre; DANAILOF, Kátia. Natureza Urbana: parques infantis e escola ao ar livre em São Paulo (1930 – 1940). **Revista Brasileira de Ciência do Esporte,** Campinas, v. 31, n.1, p. 163 – 177, 2009.

DALSIN, Karine; GOELLNER, Silvana Vilodre. O Elegante Esporte da Rede: O Protagonismo Feminino no Voleibol Gaúcho dos Anos 50 e 60. **Rev. Movimento,** Porto Alegre, v. 12, n. 01, jan./abr., 2006.

DAMASCENO, Athos. **Imagens sentimentais da cidade.** Porto Alegre: Livraria do Globo, 1940.

DANAILOF, Katia. **Corpos e cidades:** lugares da educação. Campinas: UNICAMP, 2002.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves; DE MELO, Victor Andrade. Lazer e urbanização no Brasil: notas de uma história recente (décadas de 1950/1970). **Movimento,** v. 15, n. 3, p. 249-271, 2009.

DICKIE, Maria Amélia Schmidt. **Afetos e circunstâncias:** um estudo sobre os Mucker e seu tempo. Tese de Doutorado (Doutorado em Antropologia Social) –

Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 1996.

DOMINGOS, Moacyr. **A nova face dos Mucker**. São Leopoldo: Rotermond, 1977.

DREHER, Martin. O fenômeno imigratório alemão para o Brasil. **Revista Estudos Leopoldenses**. v. 31, n. 142, p. 59-82, 1995.

DREYSSIG, Paulo. O passado de ouro da Florida. **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, p. 06, 26 set. 2013.

EBOLI, Terezinha. **Uma experiência de educação integral**: Centro Educacional Carneiro Ribeiro. Salvador: MEC/INEP, 1969.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador II**: formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador I**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994 (a).

ELIAS, Norbert. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: Sociologia das relações de poder de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001a.

ELIAS, Norbert. **Norbert Elias por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001b.

ELIAS, Norbert. **Escritos e ensaios**: estado, processo, opinião pública. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2008.

ERRANTE, Antoinette. Mas, afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. **Revista História da Educação**. Pelotas, 2000.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FEIX, Eneida. **Lazer e cidade na Porto Alegre do início do século XX**: a institucionalização da recreação pública. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2003.

FEIX, Eneida; GOELLNER, Silvana Vilodre. O florescimento dos espaços públicos de lazer e de recreação em Porto Alegre e o protagonismo de Frederico Guilherme Gaelzer. **Revista Licere**, Belo Horizonte, v. 11, n.3, 2008.

FEIX, Eneida. A dimensão lúdica do esporte: as praças e parques, os jardins de recreio e colônia de férias. In: GOELLNER, Silvana Vilodre; MÜHLEN, Johanna Coelho Von. **Memórias do Esporte e do Lazer no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: FUNDERGS, 2013.

FERNANDES, Evandro. **Guilherme Gaelzer Netto (1874-1959)** O Kaiser dos Trópicos. 2015. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2015.

FIORIN, C. M. **A ginástica em Campinas: suas formas de expressão da década de 20 a década de 70**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

FONSECA, Sérgio C. **Paulo Freire e Anísio Teixeira: Convergências e Divergências**. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

FRANCO AMARAL, Sílvia Cristina. Espaços e Vivências Públicas de Lazer em Porto Alegre: da Consolidação da Ordem Burguesa à Busca da Modernidade Urbana. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, SC, v. 23, n. 1, 2008.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: guia bibliográfico**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

GAEZLER, Lenea. O compromisso social da educação para o tempo livre. Rev. **Reflexão**, PUCCAMP, n.35, maio/ago. 1986.

GAEZLER, Lenea. **O recreio na escola de primeiro grau**. Porto Alegre: UFRGS, 1979.

GARRIGOU, A.; LACROIX, B. **Norbert Elias: a política e a história**. São Paulo: Perspectivas, 2010.

GEERTZ, Clifford. **Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

GERTZ, René. **O aviador e o carroceiro: Política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **Educação Física Progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física brasileira**. São Paulo: Loyola, 1989.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOELLNER, Silvana Vilodre. MULHER E ESPORTE NO BRASIL: ENTRE INCENTIVOS E INTERDIÇÕES ELAS FAZEM HISTÓRIA. **Pensar a Prática**, [S.I.], v. 8, n. 1, p. 85-100, nov. 2006.

GOELLNER, Silvana Vilodre; FRAGA, Alex Branco. Antinöus e Sandwina: encontros e desencontros na educação dos corpos brasileiros. **Movimento**. Porto Alegre. v. 9, n. 3, p. 59-82, 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodre; MACEDO, Christiane Garcia. **Lenea Gaelzer: Coletânea de Textos sobre Recreação e Lazer**. Porto Alegre: Centro de Memória da Escola de Educação Física da UFRGS: FUNDERGS, 2013.

GOELLNER, Silvana Vilodre; MACEDO, Christiane Garcia; SILVA, Carina Kaiser da. Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte: notas sobre a coleção lazer e recreação. **Revista Licere**, Belo Horizonte, v.16, n.1, 2013.

GOLIN, Cida; RAMOS, Paula Viviane. Jornalismo cultural no Rio Grande do Sul: a modernidade nas páginas da revista *Madrugada* (1926). **Revista FAMECOS mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 1, n. 33, 2007.

GOMES, Christianne L.; MELO, Victor A.; Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 9, n. 1, jan./abril, 2003.

GOMES, Christianne Luce. **Significados da recreação e lazer no Brasil: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964)**. Tese. (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2003.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi S; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Romagem do Tempo e Recantos da Memória**. Reflexões Metodológicas Sobre História Oral. São Leopoldo: Oikos, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HUNGER, Dagmar; ROSSI, Fernanda; SOUZA NETO, Samuel de. A teoria de Norbert Elias: uma análise do ser professor. **Rev. Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 37, n. 4, 2011.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LANDINI, Tatiana Savoia. A sociologia de Norbert Elias. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**. São Paulo, n. 61, 2006.

LANGLADE, A.; LANGLADE, N. R. **Teoria general de la gimnasia**. Buenos Aires: Editorial Stadium, 1970.

LARA, Silvia Hunold. Os documentos textuais e as fontes do conhecimento histórico. **Anos 90**. Porto Alegre, v. 15, n. 28, 2008.

LE GOFF, Jacques. **As doenças têm história**. Lisboa: Terramar, 1985.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora UNICAMP, 1996.

LEAL, Elisabete; PEZAT, Paulo. A capela positivista de Porto Alegre e seu acervo. **Anos 90**, Porto Alegre, n.11, jul. 1999.

LEÃO, Andréa Borges. **Norbert Elias & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LEÃO, Andréa Borges; FARIAS, Edson. Dossiê: reinventar Norbert Elias. **Revista Sociedade e Estado**. v. 27, n. 3, set./dez, 2012.

LEÃO, Andréa Borges. Vamos ao Brasil com Jules Verne? Processos editoriais e civilização nas Voyages Extraordinaires. **Rev. Sociedade e Estado**. Brasília, v. 27, n. 3, set./dez., 2012b.

LEWGOY, Bernardo. Os cafés na vida urbana de Porto Alegre (1920-1940): as transformações em um espaço de sociabilidade masculino. **Rev. Iluminuras**. v. 10, n. 24, 2009.

LINHALES, Meily Assbu. **A escola, o esporte e a energização do caráter**: projetos culturais em circulação na associação brasileira de educação (1925-1935). Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, 2006.

LOURENÇO, Filho. MB. **Introdução ao estudo da Escola Nova**. 13 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. Notas para uma compreensão sobre a relação entre esporte e educação física na escola. **Rev. Movimento**. Porto Alegre, v. 10, n. 3, set./dez., 2004.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **O Esporte na Cidade**: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2000.

LUCHESE, Terciane Ângela. Modos de fazer História da Educação: pensando a operação historiográfica em temas regionais. **História da Educação, ASPHE**, Porto Alegre, v. 18, n.43, 2014.

LYRA, Vanessa Bellani; MAZO, Janice Zarpellon. A Escola Superior de Educação Física e o campo da formação de professores do estado sul-rio-grandense: as origens da formação especializada (1869-1929). **Movimento**, Porto Alegre, v. 16 n. esp.(2010), p. 37-60, 2010.

MADURO, Paula Andreatta. **Memórias do automobilismo de rua em Porto Alegre, Rio Grande do Sul (décadas de 1920-1950)**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2010.

MALERBA, Jurandir. A influência intelectual de Norbert Elias. **Mediações Revista de Ciências Sociais**. Londrina, v. 9, n.1, 2004.

MALERBA, Jurandir. **Ensaio**: teoria, história e ciências sociais. Londrina: EDUEL, 2011.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. Campinas: Papirus, 1987.

MARCELLINO, Nelson carvalho. Interesses físicos no lazer: o querer e o fazer – algumas observações preliminares. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte. São Caetano do Sul**, v. 4, 1990.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer**. Autores Associados, 1996.

MARCHI JÚNIOR, W. **Sacando o voleibol**. São Paulo/Ijuí: Hucitec/Unijuí, 2004.

MARQUES, Eduardo Cesar. Da higiene à construção da cidade: o estado e o saneamento no Rio de Janeiro. **Revista História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v. 2, p. 51-67, 1995.

MARQUES, Mario Osorio. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. Ijuí: Unijuí, 2001.

MAURÍCIO, Lúcia Velloso. Representações do jornal O Globo sobre os CIEPS. **30º Reunião da Associação Nacional dos Pesquisadores em Educação – ANPED**, 2007, Caxambu, RJ.

MAY, Tim. **Pesquisa Social: questões, métodos e processos**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MEDEIROS, E. B. O lazer no mundo atual. **Boletim do CELAR**. Porto Alegre, v. 1, n. 3, maio, 1974.

MELLO, João Baptista F. **Dos Espaços da Escuridão aos Lugares de Extrema Luminosidade – O Universo da Estrela Marlene como Palco e Documento para a Construção de Conceito geográficos**, Rio de Janeiro: UERJ, 1997.

MOEHLECKE, Germano Oscar. **São Leopoldo: contribuição à história da vida política e administrativa (1824-2010)**. São Leopoldo: Oikos, 2011.

MONERRAT, G. L.; ALMEIDA, L. T.; SOUZA, R. G. (Orgs.). **A intersetorialidade na agenda das políticas sociais**. São Paulo: Papel Social, 2014.

MONNERAT, G. L. Política social e intersetorialidade: consensos teóricos e desafios práticos. **SER Social**, Brasília, v. 12, n. 26, jan. – jun. 2009.

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre: urbanização e modernidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

MOURA, Eliana P. G.; ZUCCHETTI, Dinora Tereza. Educação além da escola: acolhida a outros saberes. **Revista Cadernos de pesquisa**, v. 40, n. 140, p. 629-648, 2010.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. Rio de Janeiro: 2001.

NAPOLITANO, Marcos. **História e música: história cultural da música popular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NETA, Olivia Morais de Medeiros. É possível uma pedagogia da cidade? **Revista HISTEDBR**, Campinas, n. 40, 2010.

NOVO HAMBURGO, Lei Municipal nº 1.788, de 17 de março de 2008. **Plano Municipal de Educação de Novo Hamburgo** – RS. Novo Hamburgo, 2008.

NUNES, Clarice. (Des) encantos da modernidade pedagógica. In: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta M. C. Historiografia da Educação e Fontes. **Cadernos ANPED**, Porto Alegre, n.5, 1993.

NUNES, Daniel Minossi. Nos bares, cafés e restaurantes de Porto Alegre: cultura material e o ideário moderno em meados do século XX. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, Pelotas, 2014.

OLIVEIRA, Clóvis S. de. **Porto Alegre: A cidade e sua formação**. Porto Alegre: Norma, 1984.

OLIVEIRA, I. M. A constituição social e histórica das emoções: contribuições de Elias e Vigotski. **Anais do IX Simpósio Internacional Processo Civilizador**. Ponta Grossa, PR, 2005.

OLIVEN, Rubem George. Nação e região na identidade brasileira. In: **Região e nação na América Latina**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do estado, 2000.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **O cidadão está nas ruas: a cidadania republicana em Porto Alegre (1889-1981)**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 1998.

PASSIANI, Enio. Não existe pecado abaixo do Equador? Algumas considerações sobre o processo de formação da sociedade de corte no Brasil (1808 – 1889). **Revista Sociedade e Estado**. v. 27, n. 3, set./dez, 2012.

PECHMAN, Robert Moses. O urbano fora de lugar? Transferências e traduções das ideias urbanísticas nos anos 20. In: RIBEIRO, Luiz César de Queiroz (org.). **Cidade, povo e nação**. Gênese do urbanismo moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

PEDROSO, Luciano Fernandes. **O espaço cotidiano dos agregados sociais da Praça da Alfândega em Porto Alegre – RS**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2007.

PEIXOTO, Elza Margarida de Mendonça; PEREIRA, Maria de Fátima Rodrigues. Políticas de educação não formal – a recreação (1889-1961). **Revista HISTEDBR**, Campinas, n. 55, p. 168-179, 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul: a trajetória do parlamento gaúcho**. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Entre Práticas e Representações: a cidade do desejo e a cidade do possível. In: RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz; PECHMAN, Robert. **Cidade, Povo e Nação**. Gênese do Urbanismo Moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

PESAVENTO, Sandra J. Entre práticas e representações: a cidade do possível e a cidade do desejo. In: RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz; PECHMAN, Robert. **Cidade, povo e nação: gênese do urbanismo moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Moderna, 1996.

PESAVENTO, Sandra J. A cidade maldita. In: SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra J. (orgs.). **Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1997.

PESAVENTO, Sandra J. **O Imaginário da Cidade: visões literárias do urbano – Paris**, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Memória de Porto Alegre: Espaço e Vivências**. 2.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano**: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2º ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A construção de uma Porto Alegre imaginária – uma cidade entre a memória e a história. In: GRIJÓ, Luiz Alberto; KUHN, Fábio; GUAZZELLI, Augusto Barcellos; NEUMANN, Eduardo Santos. **Capítulos de história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Muito Além do Espaço: por uma história cultural do urbano**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 8, n.º 16, p.279-290, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, Jun., 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

PETRY, Leopoldo. **Episódio do Ferrabraz: os Mucker: documentos para o estudo da história dos “Mucker” do Ferrabraz**. São Leopoldo: Rotermond, 1966.

PEZAT, Paulo. O positivismo na abordagem da recente historiografia gaúcha. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, jan./dez. 2006.

PINHEIRO, Clara Virginia de Q.; LIMA, Celina Peixoto; OLIVEIRA, Débora Passos. Sobre as relações entre o sexual e o mal-estar na civilização: uma discussão acerca das perspectivas freudianas. **Rev. Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, 2006.

POPKEWITZ, Thomas. Ciências da Educação, Escolarização e Abjeção: diferença e construção da desigualdade. **Rev. Edu. Real.**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, set./dez., 2010.

PORTO ALEGRE, Achylles. **História popular de Porto Alegre**. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 1994.

PORTO, Aurélio. **Die Deutsche Arbeit in Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Rotermund, 1934.

POSSAMAI, Zita R. **Cidade Fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos—Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930**. Porto Alegre, 2005. Tese. (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2005.

POSSAMAI, Zita R. O circuito social da fotografia em Porto Alegre (1922-3-1935). In: **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 263-189, 2006.

PRADILLA, Emilio. A cidade latino-americana em seu labirinto. **Revista E-metropolis**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 54-59, 2015.

RAGO, Margareth. O efeito Foucault na historiografia brasileira. **Revista Tempo Social**, São Paulo, n. 7, 67-82, 1995.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890 – 1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

RAMOS, J. J. **Os exercícios físicos na história e na arte: do homem primitivo até aos nossos dias**. São Paulo: IBRASA, 1983.

RECHIA, Simone. Planejamento dos espaços e dos equipamentos de lazer nas cidades: uma questão de “saúde urbana”. In: FRAGA, Alex Branco; MAZO, Janice Zarpellon; STIGGER, Marco Paulo; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Políticas de lazer e saúde em espaços urbanos**. Porto Alegre: Gênese Editora, 2009.

REIS, L.; CAVICHIOLLI, F. R.; STAREPRAVO, F. A. A ocorrência histórica do lazer: reflexões a partir da perspectiva configuracional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 3, mai. 2009.

REIS, Márcio Carneiro. Do espaço do sujeito ao espaço mundial: uma nova maneira de aprender a realidade. **Rev. Sociedade e Estado**. Brasília, v. 17, n. 2, dez, 2002.

REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Revista Brasileira de Educação**. v. 15, n. 45 set./dez, 2010.

RIBEIRO, Darcy. **Nossa escola é uma calamidade**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Global Editora, 2015.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade:** Uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920). Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, 2006.

ROLIM, Liz Cintra. **Educação e Lazer:** a aprendizagem permanente. São Paulo: Ática, 1989.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romanilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Revista Diálogo Educ.**, Curitiba, v.6, n. 19, p. 37-50, 2006.

SASTRE, Rodolfo Marques. **Farroupilha e Moinhos de Vento:** a urbanidade dos parques públicos de Porto Alegre. 2011. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2011.

SCHEMES, Cláudia. **Pedro Adams Filho:** empreendedorismo, indústria calçadista e emancipação de Novo Hamburgo (1901 – 1935). Tese de Doutorado (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, 2006.

SCHERER, Fabiano de Vargas. **Expondo os planos: as exposições universais do séc. XX e seus planos urbanísticos.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2002.

SCHUPP, Ambrósio. **Os Mucker:** a tragédia histórica do Ferrabrás. 4. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1993.

SEBACH, Jeferson Francisco. **Pegadas urbanas:** Novo Hamburgo como placo do flâneur. Cachoeira do Sul: Ed. Do Autor, 2006.

SENNET, Richard. **Carne e Pedra.** São Paulo: Companhia das letras, 2002.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Marcel Mauss e Norbert Elias: notas para uma aproximação epistemológica. **Rev. Educação e Sociedade.** Campinas, v. 34, n. 122, jan./mar., 2013.

SILVA, Carolina Fernandes da. **O remo e a história de Porto Alegre,** Rio Grande do Sul: mosaico de identidades culturais no longo século XIX. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2011.

SILVA, Rodrigo Manoel Dias da; BUSNELLO, Chaiane Paula; PEZENATTO, Fabíola. Políticas Educativas e a Gestão dos Modos de Viver nas Cidades. **Educação & Realidade,** Porto Alegre, v. 38, n. 3, p.953-975, 2013.

SIMMEL, G. **Simmel:** Sociologia. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Editora Ática, 1983.

SOARES, Carmem L. Educação Física Escolar: conhecimento e especificidade. Rev. Paul. Edc. Fís., São Paulo, v. 2, 1996.

SOARES, Carmem L. **Educação Física: Raízes européias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1994.

SOARES, Carmem L. **Imagens da Educação no Corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX**. Campinas: Autores Associados, 2002.

SOARES, Débora Dornsbach; ERPEN, Juliana. **O Parlamento Gaúcho da Província** da São Pedro ao Século XXI. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, 2013.

SOUZA, Célia Ferraz. **Trajetórias do urbanismo em Porto Alegre, 1900-1945**. In: LEME, Maria Cristina da Silva. Urbanismo no Brasil. 1895-1965. São Paulo: Studio Nobel; FAUUSP; FUPAM, 1999.

SOUZA, José Edimar de. **Memórias de Professores: histórias de ensino em Novo Hamburgo/RS (1940 – 2009)**. Porto Alegre: Evangraf, 2012.

SOUZA, Juliano de; STAREPRAVO, Fernando Augusto; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. A sociologia configuracional de Norbert Elias – potencialidades e contribuições para o estudo do esporte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Porto Alegre, v. 36, n. 2, abr./jun., 2014.

SOUZA, Rosa Fátima de. Espaço da educação e da civilização: origens dos Grupos Escolares no Brasil. In: SAVIANI, Demerval. **O legado educacional do século XIX**. 2.ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

SPOSATI, Aldaíza. **Assistência na trajetória das políticas sociais brasileiras: uma questão de análise**. São Paulo: Cortez, 2008.

STÉDILE, Miguel Enrique Almeida. Da fábrica à várzea: clubes de futebol operário em Porto Alegre. 2011. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre.

STEPHANOU, Maria. Práticas formativas da medicina: manuais *de saúde e a formação para a urbanidade*. **Véritas**. Porto Alegre, v. 43, n. especial, p. 97-102, dez., 1998.

STEPHANOU, Maria. Bem viver em regras: urbanidade e civilidade em manuais de saúde. **Rev. Educação Unisinos**, v. 10, n.1, 2006.

STIGGER, Marco Paulo. Lazer, cultura e educação: possíveis articulações. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 30, n. 2, 2009.

STIGGER, Marco Paulo; TRENTINI, Edson Bertuol; FREITAS, Maitê Venuto de. **Parques públicos, sociabilidades urbanas e políticas de lazer**. In: FRAGA, Alex Branco; MAZO, Janice Zarpellon; STIGGER, Marco Paulo; GOELLNER, Silvana Vilodre. Políticas de lazer e saúde em espaços urbanos. Porto Alegre: Gênese Editora, 2009.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação no Brasil**. São Paulo: Nacional, 1969.

TOMASINI, Maristela Bleggi. Porto Alegre Imaginada. Cidade, Cartas de Amor e Poesia. **Rev.Latino – Americana de História**. Vol. 2, nº. 7, 2013.

TOPALOV, Christian. Da questão social aos problemas urbanos: os reformadores e a população das metrópoles em princípios do século XX. In: RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz; PECHMAN, Robert. **Cidade, povo e nação**: gênese do urbanismo moderno. Rio de Janeiro: Civilização Moderna, 1996.

UNIVERSITAS. A produção científica sobre educação superior no Brasil, 1968 – 2000. Porto Alegre: ANPED, 2002.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Cultura escolar, cultivo de corpos**: educação física e gymnastica como práticas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1897-1920). Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, 1999.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da História**: micro-história. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VAINFAS, Ronaldo. História cultural e historiografia brasileira. **História: Questões & Debates**, v. 50, 2009.

VEIGA, Cynthia Greive. A escolarização como projeto de civilização. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 21, set./dez., 2002.

VEIGA, Cynthia Greive. **Cidadania e educação na trama da cidade**: a construção de Belo Horizonte em fins do século XIX. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

VEIGA, Cynthia Greive. Conflitos e tensões na produção da inclusão escolar de crianças pobres, negras e mestiças, Brasil, século XIX. **Rev. Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 26, n. 1, abr., 2010.

VEIGA-NETO, Alfredo; LOPES, Maura Corcini. Os Meninos. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, n. 29, p. 229-239, 2004.

VELHO, Gilberto. Entrevista com Gilberto Velho: entrevista concedida em 3 de julho de 2001 a Celso Castro, Lucia Lippi Oliveira e Marieta de Moraes Ferreira. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 28, 2001.

VERDUM, Roberto; et al. Cercamento do Parque Farroupilha – Porto Alegre – Redenção ou Prisão? **Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, n. 25, ago., 2015.

VEYNE, Paul. Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história. 4. Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

WERNECK, Christianne L. Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa. **Rev. Movimento**, Porto Alegre, v.9, n.1, p.23-44, jan/abril, 2003.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. **Recreação e lazer:** Apontamentos históricos no contexto da Educação Física. In: WERNECK, Christianne Luce Gomes; ISAYAMA, Hélder Ferreira (Orgs.). *Kazer, recreação e educação física*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003.

WERNECK, Christianne L; ISAYAMA, Helder F. **Lazer, Recreação e Educação Física**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

WILKOSZYNSKI, Artur do Canto. **Imagens da arquitetura:** narrativas do imaginário urbano em Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2006.

ZERO HORA, Porto Alegre, 23 de outubro de 2000, p.54.

## APÊNDICE A – REVISÃO DE LITERATURA (TESES E DISSERTAÇÕES)

Tabela 1 – Revisão das teses e dissertações

Título/Autor	Universidade/ Programa de Pós-Graduação	Resumo
<p>Lazer e cidade na Porto Alegre do início do século XX: a institucionalização da recreação pública. Dissertação de Mestrado. Eneida Feix.</p>	<p>Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Escola de Educação Física.</p>	<p>Foi no “Alto da Bronze”, praça Gal. Osório, na década de vinte do século passado, que Porto Alegre, uma das capitais brasileiras pioneiras na instituição do lazer e da recreação pública, que iniciava a história neste setor, através da criação dos “jardins de recreio” nas praças da cidade. Na subida da Rua Duque de Caxias, bairro centro, espaço onde a garotada se reunia para o futebol, se instalou, em novembro 1926, o primeiro Jardim de Recreio. Nestes jardins as atrações eram diversificadas proporcionando que crianças, jovens e adultos pudessem lá se divertir. A idealização e efetivação deste projeto foi do Professor Frederico Guilherme Gaelzer, que conseguiu sensibilizar o poder público, durante o governo do Intendente Dr. Octavio Rocha, sobre a importância da recreação e do esporte para mocidade, como prevenção da delinquência e um meio de qualificar a sociedade. Pesquisando a Recreação Pública de Porto Alegre, através de um resgate histórico, que privilegia a relação da cidade com o contexto sociocultural do início do século XX, reconstruo, preservo e divulgo fragmentos desta história. Para compreender como as relações de lazer se desenvolveram ao longo destes anos, de trabalho institucional, estabeleci diálogos entre as fontes primárias e secundárias que elegi para analisar. A centralidade desta pesquisa está relacionada à institucionalização da Recreação Pública da cidade de Porto Alegre, a partir de um recorte temporal que inicia em 1926, quando ocorre a instalação do 1º Jardim de Recreio, até 1950, momento em que se dá a promulgação da Lei 500, no governo do prefeito, Dr. Ildo Meneghetti, que cria o Serviço de Recreação Pública, fortalecendo assim, a sua institucionalização, e dando o caráter legal ao trabalho até então realizado</p>
<p>Políticas de saúde pública no Rio Grande do Sul: continuidades e transformações na Era Vargas (1928-</p>	<p>Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação</p>	<p>A pesquisadora tem por objetivo analisar as políticas públicas elaboradas pelo governo do estado do Rio Grande do Sul para a área da saúde pública, entre os anos de 1928 e 1945. Neste período, a saúde pública passou por diferentes transformações, tanto na sua estrutura</p>

<p>1945). Dissertação de Mestrado. Gabrielle Werenicz Alves</p>	<p>em História</p>	<p>administrativa, quanto no pensamento que a norteava e nas práticas adotadas. Duas reformas sanitárias - realizadas em 1929 e 1938 - estabeleceram as diretrizes para o setor e propuseram algumas inovações para esta área de atuação governamental. Novas instituições foram criadas, com objetivos e serviços inovadores. Além disso, neste momento, a saúde pública passou a ter a educação sanitária como princípio norteador. Por outro lado, apesar destas transformações, houve também continuidades nas concepções e práticas sanitárias herdadas do século XIX e dos anos iniciais do século XX.</p>
<p>A criação da Escola superior de Educação Física do Rio Grande do Sul: formação de professoras(es) para a construção do campo (1940-1970). <a href="#">Vanessa Bellani Lyra</a></p>	<p>Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano.</p>	<p>A Escola Superior de Educação Física (ESEF) foi a primeira instituição criada no estado do Rio Grande do Sul, com a finalidade de especializar professoras(es) para a atuação profissional. Por permanecer como a única a desempenhar tal função durante o tempo de 30 anos (1940-1970), a referida instituição recebe lugar de destaque nesta pesquisa, na medida em que é compreendida como condição de possibilidade para a construção do campo da Educação Física no estado do Rio Grande do Sul. Nesse sentido, o objetivo geral aqui privilegiado foi o de percorrer a trajetória histórica da ESEF, (re)construindo-a naquilo que julgou-se sua principal função diante do então emergente campo da Educação Física sul-rio-grandense: a formação de professoras(es) especializadas(os) para a atuação no ambiente escolar. Partindo-se de uma perspectiva histórico-cultural de análise, fomentada pela interface com a categoria sociológica “campo”, operacionalizada a partir da obra de Pierre Bourdieu, o estudo é conduzido no sentido de identificar as condições de emergência, de inserção e de funcionamento da ESEF em sua função formadora. A investigação assentou-se na análise de documentos escritos, iconográficos e orais, os quais foram concebidos enquanto materiais e textos históricos, portadores de mensagens, sentidos e finalidades particulares ao seu contexto. Assim interpretadas, as fontes revelaram que a ESEF estabeleceu-se como instituição que refletia os interesses e modelos nacionais pré-estabelecidos e, ao mesmo tempo, apresentava um modelo protagonista ao cenário educacional do Estado. Uniformizadora das práticas e modos de ensinar Educação Física no ambiente escolar, a ESEF foi responsável por contribuir significativamente para a criação das bases do campo, ao lançar-se à tarefa de formar as(os) primeiras(os) professoras(es) especializadas(os) e irradiá-las(os) pelas escolas primárias, secundárias e/ou normais de diversas</p>

		regiões do estado do Rio Grande do Sul.
<p>O remo e a história de Porto Alegre, Rio Grande do Sul: mosaico de identidades culturais no longo século XIX. Dissertação de Mestrado. <a href="#">Carolina Fernandes da Silva</a></p>	<p>Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano.</p>	<p>A prática do remo na cidade de Porto Alegre foi incrementada nas duas primeiras décadas do XX, em razão da fundação de associações de remadores, por imigrantes advindos da Europa e seus descendentes. Essas associações de remo se configuraram como um ambiente propício para a construção de representações de identidades culturais de imigrantes alemães, portugueses, italianos e seus descendentes. Tendo em vista este cenário, apresenta-se o problema de pesquisa: que representações de identidades culturais foram negociadas pelas associações de remo fundadas na cidade de Porto Alegre, no longo século XIX? Em busca de respostas para decifrar esta questão norteadora da pesquisa utilizou-se fontes históricas: documentais, impressas e imagéticas. As principais fontes documentais e impressas consultadas foram as atas dos clubes de remo e os jornais “A Federação” e “O Independente”. As fontes imagéticas foram extraídas por meio das imagens fornecidas das fontes impressas, dos arquivos de clubes e de álbuns comemorativos. As fontes revelaram que no princípio do século XX, havia um império de associações de remo que produziam representações de identidades culturais teuto-brasileiras, nos primeiros clubes de remo fundados em Porto Alegre: o Ruder Club Porto Alegre e o Ruder Verein Germania. Estas duas associações fundaram a primeira entidade federativa brasileira, o Comitê de Regatas. Em reação a esta hegemonia, instaurou-se uma associação de remadores, fundada por luso-brasileiros, o Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré. A instalação desta associação marca o acirramento das disputas identitárias no cenário do remo porto-alegrense. Neste mesmo período, representantes destes diversos grupos uniram-se em torno de uma associação de remo que agrupou representações de identidades culturais teuto-brasileiras, luso-brasileiras e brasileiras, o Club de Regatas Almirante Barroso. Com a fundação de novas associações de remo, as regatas tornaram-se ocasiões, nas quais lutas de representações identitárias eram travadas entre as associações. Em meio a estas competições de remo, um grupo de jovens teuto-brasileiros fundou a primeira associação juvenil de remo, o Ruder Verein Freundschaft. Mesmo se aproximando de identidades culturais teuto-brasileiras, essa</p>

		<p>associação que congregava apenas jovens remadores travou uma batalha individual para demarcar espaço no associativismo porto-alegrense. Outra associação de remo emergiu para se fazer representar na prática do remo: o Club Italiano Canottieri Ducca degli Abruzzi. Este clube congregava majoritariamente ítalo-brasileiro, que até então enfrentavam barreiras simbólicas para integrarem-se aos demais clubes de remo. Estas diferenças identitárias se potencializaram na segunda década do século XX, nas competições de remo, onde torcedores se identificavam com suas associações e, muitas vezes, entravam em conflito para defendê-las, como ocorreu em 1911, no Campeonato do Estado. No fim da década de 1910, apareceram novas representações identitárias no remo, com a fundação do Club de Regatas Vasco da Gama. Os pioneiros deste clube buscavam construir uma identidade cultural luso-sul-rio-grandense. Neste mesmo ano, em 1917, as associações com identidades culturais teuto-brasileiras agregaram representações de uma identidade cultural brasileira. Nesse sentido, consideramos que os conflitos identitários foi um dos aspectos que contribuiu para a expansão da prática do remo nas associações esportivas na cidade de Porto Alegre.</p>
<p>Capitais (Cidades), Educação, Higiene, Eugenia. Dissertação de Mestrado. Katia Danailof</p>	<p>Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação . Programa de Pós-Graduação em Educação</p>	<p>Destaco, nesta pesquisa, a importância da Educação Física como mediadora do processo de construção de um biotipo relacionado a saúde e beleza nos anos de 1930 e 1940, vinculando a atividade física aos ideais de ordem e progresso. Permeando este estudo, as imagens são parte inerente às discussões desenvolvidas, colocando no "centro do palco" a ginástica como aquela que contém os traços visíveis do espaço em que se encontra: a cidade. Tais representações da realidade instigam o olhar para diferentes áreas do conhecimento da época, como também permitem a lembrança da própria história do leitor. Quantos de nós já não usamos uniformes? Quantos não desfilaram em paradas cívicas? Por fim, todos fizemos parte do ambiente escolar e nos envolvemos, em algum momento de nossas vidas, com práticas físicas e cívicas. Situando, assim, a ginástica como formadora de indivíduos disciplinados em suas vontades e gestos, aliando pesquisa bibliográfica e documental, discuto o corpo em sua exposição à sociedade, considerando-o lugar de registro das marcas de um tempo que vislumbra um futuro próspero para a nação, associando esta prática aos valores sociais e morais da época descrita.</p>
<p>Da fábrica à várzea : clubes</p>	<p>Universidade Federal do Rio</p>	<p>Os clubes de futebol operários em Porto Alegre, na primeira metade do século XX, são o objeto deste</p>

<p>de futebol operário em Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. Miguel Enrique Almeida Stédile</p>	<p>Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História.</p>	<p>trabalho. Procura-se aqui identificar relações de dominação e resistência manifestas, através de uma forma específica de organização e de um espaço determinado de sociabilidade, durante o tempo livre destes trabalhadores, buscando compreender o futebol como campo de disputa entre operários e industriais, fora das fábricas, como espaço para formação de laços de solidariedade e identidade ou de subordinação e disciplinamento. Através da análise da imprensa, incluindo a esportiva e operária, demonstra-se como este processo está inserido dentro de um discurso moderno, que inclui o culto ao físico, o disciplinamento e higienização que, ao mesmo tempo, geram novos espaços urbanos e a organização de agremiações como novas formas de sociabilidade, convergindo em grandes eventos sociais de afirmação desta modernidade. Trata-se de uma tensão permanente entre industriais, igreja, Estado e operários, pelo controle do espaço e das relações extra-fabris, no qual esse discurso é apropriado e re-significado pelos operários como forma de organização, acesso ao tempo livre e construção de laços de identidade e solidariedade, ao mesmo tempo em que contribui para a popularização deste esporte.</p>
<p>Significados de recreação e lazer no Brasil: Reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964). Tese de Doutorado. Christianne Luce Gomes</p>	<p>Universidade Federal de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Educação.</p>	<p>Este estudo centra-se na discussão sobre trajetórias percorridas pela recreação e pelo lazer no Brasil, focalizando os significados incorporados, por ambos, na primeira metade do século xx. A metodologia utilizada baseou-se em estudo histórico que possibilitou a análise de três experiências institucionais no âmbito das políticas públicas, selecionadas a partir do destaque a elas conferido na literatura. O período abrangido tem, como marcos, a criação do Serviço de Recreação pública (1926) e a extinção do Serviço de Recreação Operária (1964). Considerando o referencial teórico, foram utilizados estudos de Basil Bernstein, sobretudo as idéias: de classificação, que diz respeito às fronteiras que objetos mantêm entre si, fundamentadas na questão do poder; e de enquadramento, que vincula-se com ritmo, compassamento e relação entre atores, expressando formas de controle social. Em Porto Alegre (1926-1955) os significados de recreação foram construídos em relação à educação física, sendo a proposta marcada por um forte enquadramento das atividades desenvolvidas. Tendo como matriz a educação física, a recreação foi entendida como sinônimo das atividades proporcionadas nos Jardins de recreios, caracterizando-se por uma metodologia de trabalho diferenciada. Em São Paulo (1935-1947) predominou a idéia de</p>

		<p>recreação como conjunto de atividades-meio, cuja matriz fundamentou-se no pensamento escolanovista. Ao possibilitar recreio, assistência e educação para pobres e adolescentes operários, a classificação adotada foi rígida, mas o enquadramento foi fraco. A preocupação em produzir conhecimento sobre a recreação foi expressiva e privilegiando o jogo infantil organizado, foi adotada uma postura prescritiva. Em ambas experiências o lazer assumiu o significado de tempo de não trabalho. NA década de 1930 identificou-se uma preocupação em aprofundar conhecimentos sobre o lazer, fator determinante da proposta desenvolvida no Distrito Federal (1943-1964). Permanece o significado de Lazer associado ao tempo, mas, a inevitável ampliação das horas de folga do trabalho foi o ponto para a realização de pesquisa sobre este tema. Seguindo uma forte classificação, paralela a um fraco enquadramento, o significado de recreação correspondeu à utilização adequada das horas de lazer, e o trabalho produtivo foi a matriz de pensamento que possibilitou a construção dos seus significados. Vários estudos sobre o lazer foram elaborados na primeira metade do século xx e ultrapassaram o caráter técnico e prescritivo geralmente associado à recreação, destacando-se obras de Arnaldo Sussekind. Mesmo que esses estudos tenham constituído iniciativas isoladas, podem ser considerados como evidências da emergência do lazer, no Brasil, enquanto campo de estudos. Nas experiências analisadas o espaço, relacionado com o poder, foi uma categoria determinante para a recreação, tendo como estratégia de organização do trabalho o desenvolvimento de atividades. A categoria fundamental que determinou o lazer foi o tempo, como mecanismo de controle social. Mesmo que as três experiências institucionais tenham sido propostas como estratégia de controle social, ampliaram oportunidades e geram benefícios para os segmentos populares. A conclusão a que se chega é que recreação e lazer tiveram significados distintos em suas trajetórias. A princípio independentes, essas trajetórias passaram, posteriormente, a estreitar suas inter faces, mas recreação e lazer mantiveram suas especificidades no período focalizado.</p>
<p>Cidade fotografada : memória e esquecimento nos álbuns fotográficos- Porto Alegre,</p>	<p>Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.</p>	<p>Esta investigação procurou problematizar a relação fotografia e cidade, a partir da análise e da interpretação das imagens fotográficas de Porto Alegre veiculadas através dos álbuns editados nas décadas de 1920 e 1930. A partir de metodologia de análise quantitativa e qualitativa, tentou-se verificar a construção de uma visualidade de</p>

<p>décadas de 1920 e 1930. Tese de doutorado. Zita Rosane Possamai.</p>	<p>Programa de Pós-Graduação em História.</p>	<p>cidade calcado num imaginário de modernidade urbana. Por um lado, percorreu-se as páginas dos álbuns, tal flâneur percorre as ruas da cidade, buscando a tessitura de uma narrativa orientada pela disposição das imagens e pela relação entre as mesmas no interior de cada conjunto. Para cada um dos três álbuns, nessa direção, foi identificada uma narrativa, denominada olhar dirigido, olhar detido e olhar passageiro. Por outro lado, buscou-se identificar padrões de recorrência temática e formal na totalidade da amostra estudada, partindo-se do pressuposto de que o viés quantitativo permitiria visualizar a formação de subconjuntos orientados pela escolha dos motivos fotografados e pela escolha dos atributos estéticos e técnicos ao fotografá-los. As imagens fotográficas, assim, foram interpretadas a partir da relação entre visibilidade e invisibilidade, na qual elementos dissonantes do imaginário em voga são excluídos da cena fotografada, ao passo que outros elementos são valorizados como forma de enaltecer a visualidade propugnada. Por meio da seleção de determinadas imagens e da reunião das mesmas em uma coleção, os álbuns fotográficos, os produtores visuais deram a ver e fizeram ver uma Porto Alegre de feição moderna. Dessa forma, contribuíram para a construção e a veiculação de um imaginário de modernidade urbana, ao mesmo tempo em que contribuíram para enaltecer a memória de uma cidade moderna e propagar o esquecimento de uma cidade de traços coloniais que ainda se mantinham no espaço urbano.</p>
<p>Farroupilha e Moinhos de Vento : a urbanidade dos parques públicos de Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. Rodolfo Marques Sastre.</p>	<p>Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Arquitetura. Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura.</p>	<p>O presente trabalho pretende investigar a urbanidade de dois Parques Públicos de Porto Alegre plenamente absorvidos pela população, e já consolidados pelo próprio tempo, os Parques Farroupilha e Moinhos de Vento. O trabalho se desenvolve através da aplicação de teorias que abordam o espaço de pontos de vista diferenciados, ora na escala urbana, ora inseridos no percurso interno dos próprios Parques. Estas teorias seguem as premissas indicadas por Hillier (1983) como condicionantes para que a urbanidade ocorra, são elas: a Condição Global, relativa à escala urbana; a Condição Local, voltada para determinadas áreas; e a Condição que enfoca o espaço arquitetônico e sua interface direta com os espaços externos. A malha urbana e suas conexões com os Parques, o papel dos elementos responsáveis pela legibilidade dos espaços, o espaço como gerador de emoções e a construção histórica destes locais, são analisados através de ferramentas específicas. Ferramentas que tratam do mapeamento das regiões, delimitam áreas de</p>

		<p>abrangência dos Parques, analisam suas conexões com o entorno e, até mesmo, vislumbram o percurso interno de um visitante hipotético que nos parques deriva. Estas, e outras características analisadas são parte dos elementos empregados para aferir se a urbanidade é plenamente atendida. O trabalho demonstra, por fim, que as condicionantes estão presentes nos dois Parques em maior ou menor escala, e que estes possuem vínculos enraizados na própria história da cidade e dos seus habitantes. Em sua essência, um Parque público é portador de urbanidade, mas, pela falta de alguns destes ingredientes talvez não consiga atendê-la de maneira plena.</p>
<p>A construção do porto de Porto Alegre 1895-1930: modernidade urbanística como suporte de um projeto de estado. Dissertação de Mestrado. Augusto Alves.</p>	<p>Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Arquitetura. Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional.</p>	<p>Este trabalho aborda o processo de construção do porto de Porto Alegre pelas administrações do PRR no Governo Estadual durante a primeira onda modernizadora na cidade no início do século XX. Nesse contexto, as ações da engenharia e do urbanismo na cidade são vistas enquanto manifestações específicas de um imaginário urbano mais amplo constituído ao longo da modernidade industrial, sendo o porto considerado como o elemento que sintetizou o imaginário de “modernização” e de “progresso” da cidade e do estado. Seguimos a linha de pesquisa Cidade, Cultura e Política, utilizando os conceitos de imaginário social e imaginação. Junto da análise dos objetos técnicos propriamente ditos, como planos, projetos e obras, buscamos seus significados profundos e conteúdos não explicitados. A investigação foi feita sobre os relatórios da Diretoria de Viação Fluvial da Secretaria de Obras Públicas do Estado entre os anos de 1895 e 1930, quando foram abertos os canais de navegação até Rio Grande e construído o cais Mauá, com a ampliação e reformulação das áreas adjacentes no centro histórico da cidade. Também foi levada em conta a dimensão econômica do porto de Porto Alegre como parte de um amplo sistema de transportes que o Governo Estadual implantou no Rio Grande do Sul dentro da “Política de Desenvolvimento Global”, que visava dinamizar a economia e promover o desenvolvimento equilibrado do estado. São analisadas as transferências de modelos urbanos e tecnológicos dos grandes centros europeus para o contexto local por meio de projetos e idéias que influenciaram o pensamento e as ações dos profissionais locais. Da mesma forma é abordada a política federal para a modernização dos portos pelo “Plano de melhoramento dos portos da República”, de 1907. Enfocamos as motivações que levaram à construção do porto, as discussões</p>

		a seu respeito, os projetos elaborados, inclusive os não executados, e por fim as obras realizadas. O urbanismo e a técnica são entendidos como expressões culturais e produção imaginária, abarcando conteúdos mais amplos da cosmovisão dos agentes envolvidos, de acordo com a metodologia da História Cultural aqui adotada.
Nem Paris nem Nova Iorque: a trajetória da legislação na prática urbanística de Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. Humberto Hickel.	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Arquitetura. Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional.	Este trabalho tem origem em uma compilação de documentos, contidos em um tempo que remonta à última década do século XIX e vai até os anos 50. Dentro desse espaço de tempo, foram catalogados os instrumentos de controle urbanístico, formulados a partir do Poder Municipal e que agora nos servem de base para a elaboração deste trabalho. Pretendo aqui seguir a trajetória deste conjunto de leis, investigando suas origens e expressão de desejos no ambiente urbano. Enfim, investigando as consequências dessa legislação na vida da cidade.
As práticas corporais e esportivas nas praças e parques públicos da cidade de Porto Alegre (1920-1940). Dissertação de Mestrado. Maria Luisa Oliveira da Cunha.	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano.	Este estudo trata de uma abordagem histórico-cultural sobre as práticas corporais e esportivas realizadas nas praças e parques públicos da cidade de Porto Alegre nas décadas de 1920 a 1940. Desde o início deste período, as praças e parques públicos se afirmaram enquanto espaços de sociabilidade e lazer dos portoalegrenses. As formas de ocupação destes espaços sociais foram sendo reformuladas em decorrência das transformações urbanas e o advento das novas práticas deflagradas pela modernidade. Nesse contexto, começaram a ser promovidas competições esportivas entre os "clubes" das praças chegando-se até os anos 1940, quando os espaços foram potencializados enquanto palco de demonstrações de Educação Física em eventos com caráter cívico. O objetivo do presente estudo é compreender como ocorreu a emergência e difusão das práticas corporais e esportivas nas praças e parques públicos de Porto Alegre nas décadas de 1920 a 1940, identificando quais as primeiras práticas introduzidas nestes espaços públicos; como foram organizadas; e que representações culturais de uma identidade nacional foram construídas. A análise documental de fontes históricas impressas revelou que a utilização das praças e parques públicos, nos mandatos dos prefeitos Otávio Rocha (1924-1928) e Alberto Bins (1928-1937), foi privilegiada no que diz respeito à promoção de práticas corporais e esportivas. Ao traçarmos o panorama das praças e parques na cidade encontramos as denominadas Praças de Desportos, que se constituíram em espaço para as práticas organizadas e dirigidas pelo Serviço de Recreação Pública (SRP) instaurado em 1926. No ano seguinte a criação da

		<p>SRP evidenciou-se a existência dos clubs da praça, que tinham diretoria estabelecida e registrada, equipes federadas e participação em campeonatos municipais. Com a instauração do Estado Novo, além do controle e organização do espaço público, uma das maneiras encontradas para efetivar o projeto de sociedade controlada com a participação popular e aceitação das idéias nacionalistas, foi acionar o civismo, a educação moral e as práticas corporais e esportivas para forjar uma nova ordem social. As demonstrações de Educação Física e competições esportivas realizadas nas festas cívicas sediadas nas praças e parques públicos foram mecanismos de construção de representações culturais de uma identidade nacional.</p>
<p>A escola, o esporte e a energização do caráter: projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação (1925-1935). Tese de doutorado. Meily Assbu Linhares.</p>	<p>Universidade Federal de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Educação.</p>	<p>Este estudo aborda as relações estabelecidas entre o esporte e a educação escolar e tem como lugar da narrativa as práticas discursivas e institucionais produzidas e realizadas pela Associação Brasileira de Educação (ABE), em 1920 e 1930. Ao estabelecer esse recorte, meu principal propósito foi compreender como e por que as práticas esportivas, na época já disseminadas como experiência moderna e urbana, participaram de um projeto cultural que apostou na eficiência da escola como possibilidade de organização e disciplinarização da vida social. Nesse processo, interessou-me compreender as maneiras pelas quais os signos e códigos esportivos compuseram ordenamentos e enunciações que modelavam a escola moderna como tempo/espço privilegiado na socialização das futuras gerações. Partilhando indícios anunciados por outros estudos, pretendo, com esta pesquisa, indicar que, a partir da década de 1920, os projetos e prescrições relativos à escolarização do esporte ganham maior destaque entre os educadores. Tal movimento guarda relação com o propósito de renovação pedagógica que, na mesma época, buscou constituir a escola como uma experiência moderna, ativa, eficiente, tecnológica e, como tal, sintonizada com o discurso do trabalho urbano- industrial. Na construção narrativa, foram abordados os sentidos políticos e culturais impregnados no exercício de produção de uma forma escolar para o esporte e a relação estabelecida entre esse movimento pedagógico-cultural e aquele vinculado à aposta na regeneração social pela educação. As fontes mobilizadas e constituídas como corpus documental da pesquisa foram prioritariamente aquelas que compõem o acervo histórico da ABE e que, até então, não haviam sido mobilizadas em estudos relativos à história da Educação Física. Conhecendo a rede de sociabilidade estabelecida</p>

		<p>pela ABE para abordar a relação escola-esporte, me foi possível identificar uma pluralidade de idéias, mentalidades e perspectivas em confronto. Uma idéia basilar aparece como uma espécie de consenso: o esporte poderia contribuir para a energização do caráter do brasileiro. Mas o desvendar dessa trama possibilitou-me identificar e problematizar as múltiplas interpretações e interesses que circularam em torno dessa proposição. Os tensionamentos e também os acordos táticos estabelecidos entre o primado educativo da eficiência dos gestos e o primado cívico-nacionalista de fortalecimento do corpo da nação modelaram o percurso de escolarização do esporte. As práticas discursivas e institucionais estudadas permitiram-me identificar que o esporte foi anunciado como conteúdo e como método de ensino. Também como uma finalidade educacional ou um conjunto de valores e atitudes a serem prescritos. Em outra vertente, foi ao mesmo tempo inquirido como instituição educativa paralela e concorrente à escola. Problematizando essa diversidade de formas e dimensões educativas me foi possível indicar uma in(corpo)ração do ethos sportivo no esforço de produção de uma moderna forma escolar de socialização.</p>
--	--	---

FONTE: criado pela autora

## APÊNDICE B – ORGANIZAÇÃO DOS RESUMOS - ARTIGOS

Tabela 2 – Revisão dos artigos em periódicos

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Resumo</b>
É POSSÍVEL UMA PEDAGOGIA DA CIDADE?	Olivia Morais de Medeiros Neta	É possível uma pedagogia da cidade? Essa questão possibilitou o encadeamento de reflexões acerca da cidade não como cenário inerte, mas como materialidade instrutiva, corpo e campo gestor de educabilidades. Por isso, por isso dizer que o objetivo de pensar a possibilidade de uma pedagogia da cidade transmuta-se na reflexão de como a cidade educa. Dessa forma, a pedagogia da cidade se expressa no estilo de vida urbano, no aprendizado da civilidade e do direito à cidade, bem como nas funções pedagógicas expressas em projetos urbanos e escolares, na relação entre o corpo urbano/corpo cidadão e na hermenêutica urbana e em uma postura sensível frente ao urbano.
A EDUCAÇÃO E O CIVISMO NA PRIMEIRA REPÚBLICA NO RIO GRANDE DO SUL: O CASO DA PRAÇA DE DESPORTOS DO MUNICÍPIO DE BAGÉ/RS	Alessandro Carvalho Bica  Berenice Corsetti	Este artigo integra a investigação de doutorado, que vem sendo realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISINOS. Tem como propósito estabelecer diálogos historiográficos entre os discursos cívicos e as intenções pedagógicas da construção de um espaço destinado à Educação e ao Civismo na segunda década do século XX, no município de Bagé/RS. Para tanto, as fontes utilizadas neste trabalho foram: os Relatórios Intendenciais, os Relatórios Orçamentários e o Regulamento da Praça dos Desportos estes foram abordadas sobre o prisma da metodologia histórico-crítica, como uma possibilidade de constituir um arcabouço empírico capaz de articular as relações entre o escrito e o não-escrito dos documentos oficiais.
POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO	Elza Margarida de	Estudos recentes sobre as

<p>NÃO FORMAL – A RECREAÇÃO (1889-1961).</p>	<p>Mendonça Peixoto</p> <p>Maria de Fátima Rodrigues Pereira</p>	<p>origens da preocupação com a produção do conhecimento e políticas de formação de pessoal e de prestação de serviços em recreação e lazer no Brasil levantaram importante acervo documental. A análise dos títulos localizados entre 1889 e 1961 permitiu concluir que se trata de um conjunto de Manuais voltados à disseminação de acervos de jogos, brinquedos, brincadeiras, práticas folclóricas, escotismo, entre outros, voltados à ocupação do tempo livre da classe trabalhadora em formação, elaborados por educadores e profissionais do campo do direito, que ocupavam postos na estrutura do poder de Estado. Este estudo considera estes Manuais como fontes históricas e analisa as propostas neles contidas enquanto políticas de educação não formal, fenômenos do processo histórico brasileiro na conjuntura compreendida entre o final do século XIX e a primeira década da segunda metade do século XX.</p>
<p>POLÍTICAS EDUCATIVAS E A GESTÃO DOS MODOS DE VIVER NAS CIDADES.</p>	<p>Rodrigo Manoel Dias da Silva</p> <p>Chaiane Paula Busnello</p> <p>Fabiola Pezenatto</p>	<p>O artigo propõe-se a verificar a efetuação das políticas educativas e suas possibilidades de gestão, em cenários de fragilização de dispositivos institucionais. Para tal, revisa as relações entre políticas educativas e gestão dos modos de vida em reformas urbanas do início do século XX, assim como analisa o modelo moderno que configurava as institucionalidades, seu declínio e suas possibilidades de mudança. A seguir, realiza uma inflexão analítica para compreender estes fenômenos políticos no Brasil, a partir de projetos políticos para a educação em tempo integral, onde reconhece modos de gestão dos processos formativos de indivíduos e de seus modos de vida. Conclui que a fragilização das instituições permite a recomposição de narrativas de</p>

		sentido social, o que constitui desafios à gestão escolar.
LAZER, CULTURA E EDUCAÇÃO: POSSÍVEIS ARTICULAÇÕES	Marco Paulo Stigger	Este ensaio busca estabelecer relações entre lazer, cultura e educação, distanciando-se de perspectivas que tratam o lazer como se fosse uma dimensão da vida entre parênteses, ou seja, separada de outras esferas da existência dos indivíduos. Apontando para os limites das análises de cunho ensaísta que acabam por oferecer interpretações, ora pessimistas ora otimistas, sobre esse fenômeno social, a intenção é oferecer elementos teóricos e empíricos que sustentem que as atividades de lazer fazem parte dos processos socioeducativos que ocorrem na vida cotidiana e, por essa razão, sempre educam. A partir disso, considera-se que as práticas de lazer não devem ser vistas nem como libertárias, nem como alienantes... nem de forma otimista, nem pessimista... mas algo a ser investigado.
NATUREZA URBANA: PARQUES INFANTIS E ESCOLA AO AR LIVRE EM SÃO PAULO (1930-1940)	Andre Dalben Kátia Danailof	O objetivo deste estudo é refletir sobre as premissas de uma educação do corpo circunscrita ao espaço da natureza na cidade de São Paulo entre os anos de 1930 e 1940. Visando identificar por que esses espaços se tornaram atraentes, em especial, para a educação da infância, pautar-nos-emos por dois projetos: os Parques Infantis, estruturados pelo Departamento de Cultura de São Paulo, sob a direção de Mário de Andrade (1934 a 1938), e a Escola de Aplicação ao Ar Livre, criada pelo Departamento de Educação Física do estado de São Paulo no ano de 1939.
A CRIAÇÃO DOS CLUBS NAS PRAÇAS PÚBLICAS DA CIDADE DE PORTO ALEGRE (1920-1940)	Maria Luisa Oliveira da Cunha Janice Zarpellon Mazo	A propagação das práticas esportivas nas praças públicas de Porto Alegre na década de 1920 e as melhorias instauradas nesses espaços visando a promover a sociabilidade e o lazer favoreceram a criação dos clubs das praças. O objetivo do estudo é identificar como ocorreu a

		emergência dos clubs nas praças públicas da cidade de Porto Alegre. Os procedimentos metodológicos de análise documental de fontes impressas revelaram que os clubs formados nas praças construíram representações similares às associações esportivas. A organização de equipes, a elaboração de estatutos, a adoção de flâmulas e a participação em competições esportivas são exemplos de representações e práticas culturais estabelecidas pelos clubs nas praças.
LAZER E URBANIZAÇÃO NO BRASIL: NOTAS DE UMA HISTÓRIA RECENTE (DÉCADAS DE 1950/1970)	Cleber Augusto Gonçalves Dias Victor Andrade de Melo	Esse artigo objetiva discutir a relação entre a aceleração do processo de urbanização no Brasil, observável a partir dos anos 1950 e de forma ainda mais intensa ao longo dos anos 1960 e 1970, e os novos arranjos do fenômeno lazer em nossa sociedade. O intuito é analisar as possíveis correspondências entre um certo aspecto da cultura (o lazer) e as formas assumidas ou idealizadas para um território. Para alcance de nosso objetivo, além de uma revisão da literatura, utilizamos como fonte principal um periódico semanal de grande circulação, penetrabilidade e influência, lançado nos anos 1960: a revista Veja.
ANTINOÛS E SANDWINA: ENCONTROS E DESENCONTROS NA EDUCAÇÃO DOS CORPOS BRASILEIROS	Silvana Vilodre Goellner Alex Branco Fraga	Este artigo se propõe a analisar a educação dos corpos brasileiros no início do século XX. Através das obras inaugurais de Fernando de Azevedo, de fontes históricas e documentos disponíveis on-line, analisa as formas de exaltação do exercício físico para homens e mulheres formulados tendo como base um projeto de higiene corporal.

FONTE: criado pela autora